

Congresso Missionário Nacional 2008

Organização:

- Conferência Episcopal Portuguesa (CEP)
- Comissão Episcopal Missões (CEM)
- Obras Missionárias Pontifícias (OMP)
- Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP)
- Institutos Missionários Ad Gentes (IMAG)
- Federação Nacional Institutos Seculares (FNIS)
- Fundação Evangelização e Culturas (FEC)

Actas do Congresso Missionário Nacional 2008

Portugal, vive a Missão,
rasga horizontes

Fátima, 3 a 7 Setembro 2008

Actas



Obras Missionárias Pontifícias

Rua Ilha do Príncipe, 19 - 1170-182 Lisboa - Telef. 218148428 - Fax. 218139611
www.opf.pt - mail: missio.omp@netcabo.pt - <http://congressomissionario2008.blogspot.com>

No Encontro
com Cristo Vivo,
chamados e enviados para a Missão
em Portugal e no Mundo

**Portugal, vive a Missão,
rasga horizontes**

Ficha Técnica:

Título:

ACTAS DO CONGRESSO MISSIONÁRIO NACIONAL 2008

Logotipo:

Samuel Mendonça

Capa:

João Cláudio Fernandes

Edição:

OBRAS MISSIONÁRIAS PONTIFÍCIAS (OMP)

Rua ilha do Príncipe, 19

1170-182 LISBOA

Execução Gráfica:

Crice

Tiragem:

2.000

Depósito Legal:

290871/09



Congresso
Missionário
Nacional2008

Comissão de preparação do Congresso: (2005-2008)

- D. Manuel Neto Quintas – Presidente CEM
- Pe. Manuel Durães Barbosa – Secretário do Congresso/OMP
- Pe. José Augusto Leitão – Presidente IMAG
- Pe. Tony Neves – ANIMAG / MISSÃO PRESS
- Pe. Vítor Mira – Director Diocesano das OMP/ Leiria
- Pe. Mário Luís Henriques Pais – Pároco de Algueirão/Lisboa
- Cátia Vieira – Fundação Evangelização e Culturas/FEC

Comissão executiva:

- D. António Couto – Presidente CEM
- Pe. Manuel Durães Barbosa – Secretário do Congresso/OMP
- João Cláudio Couto Fernandes – OMP
- Ir. Salvador – Espiritano
- Pe. José de Jesus Barros – Consolata
- Ir. Maria Emanuel – Franciscana Missionária de Maria
- Ir. Ascensão Lourenço – Espiritana
- Ir. Maria Paula Pimentel – S. José de Cluny
- Ir. Maria Adelaide Dias Varanda – Missionárias Dominicanas do Rosário
- Irmãs S. Pedro Claver
- Ana Patrícia Fonseca – FEC

Imprensa:

- Pe. Tony Neves e Missão Press

CONGRESSO MISSIONÁRIO NACIONAL 2008 ORAÇÃO

Senhor,
Vós amastes de tal modo o mundo,
que nos enviastes o vosso próprio Filho
para salvar toda a humanidade.

Nós Vos pedimos que nos torneis sensíveis
ao apelo missionário do vosso coração,
para podermos revelar a todos os continentes e a todas as culturas
o mistério insondável do vosso amor.

Ajudai-nos, Senhor,
a fazer do Congresso Missionário Nacional 2008
um novo Pentecostes, que nos abra ao fogo do vosso Espírito,
para que toda a Igreja em Portugal
se comprometa na vivência missionária da sua fé.

Despertai, Senhor, na vossa Igreja
muitas e santas vocações missionárias, sacerdotais, religiosas e laicais,
a fim de que o vosso Reino cresça
e se difunda por toda a terra.

Ó Maria, Estrela da Evangelização
e Rainha das Missões,
em comunhão com todos os santos,
S. Francisco Xavier e Santa Teresinha do Menino Jesus,
nós Vos confiamos este Congresso Missionário Nacional,
pedindo para ele a vossa protecção
e a vossa bênção. Ámen.

HINO DO CONGRESSO MISSIONÁRIO NACIONAL 2008 **(Vive a missão, rasga horizontes)**

Texto: Fr. M Rito Dias

Música: A. Cartageno

São horas, são horas!
Portugal, vive a missão!
São horas de partir, (bis)
São horas, Portugal, rasga horizontes!
Responde à história e vai
Levar palavra e pão!
Portugal, vive a missão!

1. Escuta a voz de Deus na voz do vento
E tantas bocas mudas a chamar.
Descobre no silêncio o chamamento
Que chega de outro mar.

2. Não digas “sou feliz” se alguém não é;
Não digas “tenho paz” se alguém não tem.
Só com felicidade, paz e fé
Não salvarás ninguém.

3. Tu sabes onde está a chave certa
Das portas que se fecham à verdade
E sabes o segredo que liberta
Da fome a humanidade.

4. Ninguém comprou o sol que hoje nasceu,
Ninguém privatizou a salvação.
Não és dono da estrada para o céu.
Vai e segue o coração.



APRESENTAÇÃO

Pe. Manuel Durães Barbosa, CSSp
Secretário do Congresso

O Congresso Missionário Nacional 2008 realizou-se, como previsto, no Centro Pastoral Paulo VI, em Fátima, entre 3 e 7 de Setembro de 2008, com a presença entusiasta de mil pessoas.

Escolhemos como tema: **No encontro com Cristo Vivo, chamados e enviados para a Missão em Portugal e no Mundo**. Constituiu, na verdade, pano de fundo para a reflexão e programação do Congresso. Apostámos, por outro lado, num lema que se pretendia mobilizador: **Portugal, vive a Missão, rasga horizontes**. Com efeito, esteve na base do ritmo e da dinâmica a imprimir na animação das Dioceses e fonte de inspiração do Hino do Congresso.

Apresentamos agora os textos em livro e que constituem as ACTAS DO CONGRESSO MISSIONÁRIO NACIONAL 2008. Seguimos a ordem da apresentação no Congresso e inserimos ainda as CONCLUSÕES, onde saliento as **Linhas de força e Propostas**. Após a apresentação de algumas, fotos foi aberto um espaço a que designamos ANEXO. Por fim, uma reportagem fotográfica bastante abrangente, com vivências e momentos únicos!

Reportando-nos a tempos anteriores à realização do Congresso, quero realçar que houve, desde o início, **um plano estruturado e assumido**, no intuito de fundamentar, incentivar e dar novo impulso à dimensão missionária da Igreja em Portugal. Salientarei três momentos:

1. Simpósio sobre a Missionação, no Auditório Cardeal Medeiros da Universidade Católica Portuguesa – Lisboa, entre 3 e 4 de Junho de 2004. Destinava-se esse mesmo Simpósio às Dioceses de Lisboa, Setúbal, Santarém e Leiria.

2. A partir de 2005, constituição de uma **Comissão de preparação do Congresso**. Esta Comissão, que se reuniu inúmeras vezes, desempenhou um papel fundamental na estruturação e orientação do Congresso.

3. Lançamento oficial do Congresso Missionário Nacional 2008, nas **Jornadas Missionárias**, no dia 15 de Setembro de 2007, em Fátima. Aí, com o exemplo dos 600 participantes a rezarem em conjunto a **Oração do Congresso 2008**, todas as pessoas foram convidadas a uma onda de oração, motivando-se para a realização do mesmo.

Quais, neste momento, as perspectivas de futuro? Sabemos que os Bispos mais comprometidos nos espaços da Missão da Igreja e presentes no Congresso, defenderam com afinco “a vocação missionária da Igreja Local, o rosto missionário da comunidade paroquial e dos movimentos diocesanos”. Sabemos ainda que “a missão **ad gentes** e **inter-gentes** é o grande sonho da Igreja portuguesa”.

Há, por isso, que congregar forças e unir esforços, a fim de alcançarmos tão almejados objectivos.

Em tempo de pós-Congresso e no Ano Jubilar Paulino, a Igreja em Portugal tem a oportunidade de renovar o seu histórico espírito missionário. O Apóstolo das Gentes, por seu lado, recorda-nos a permanente urgência da missão: Se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta. Ai de mim, se eu não evangelizar! (1Cor 9, 16)



A Missão e as incertezas do mundo contemporâneo

D. José Policarpo
Cardeal Patriarca de Lisboa

Introdução

1. Apesar das dificuldades sentidas, a actividade missionária continua a ser hoje a página mais gloriosa da Igreja, como o foi, quase sempre, ao longo dos séculos, só comparável à vivência da santidade. Aliás estas duas páginas cruzam-se frequentemente, constituindo um único hino de louvor a Deus criador e Senhor da história e a Jesus Cristo, Seu Filho e nosso salvador.

Pediram-me para situar a actividade missionária no contexto das incertezas do mundo contemporâneo. Há-as certamente, sobretudo no mais profundo do coração do homem; mas o problema principal não vem das incertezas, mas das certezas humanas, não enraizadas em Deus, de ordem cultural, ideológica, religiosa, que competem de igual para igual com as certezas da fé, obnubilando a abertura que para estas existe espontaneamente no mais íntimo do coração humano. Analisarei, assim, algumas características das expressões espirituais do mundo contemporâneo, cada vez mais globalizado, procurando intuir o contexto que criam ao anúncio e à vivência da fé cristã.

Na acção evangelizadora da Igreja, cruzaram-se sempre duas perspectivas: a dimensão teológica da evangelização, cuja fonte é Deus, e a realização do seu desígnio salvífico cujo dinamismo brota de Jesus Cristo, como expressão perene da Sua Páscoa, que se plenifica no dom do Espírito Santo; e a realidade do mun-

do e da sociedade a que é dirigida a mensagem, com as suas culturas e religiões, com a sua interpretação da vida humana e sentido da história. Aliás, o Evangelho e a vivência do cristianismo aparecem como força de transformação positiva desses quadros culturais e sociais, anunciando o homem novo, a definitiva perfeição humana, que será escatológica. O cruzamento destas duas perspectivas, a teológica e a histórica, exigem da missão da Igreja a fidelidade e a ousadia do mistério da Encarnação.

A dimensão teológica da evangelização

2. A evangelização é a primeira concretização do dinamismo de encarnação continuado no tempo. Toda a Igreja é mistério de encarnação, a sua missão é realização continuada da missão de Jesus Cristo, brota do desígnio salvífico de Deus, definitivamente consumado na Páscoa de Jesus. O dinamismo evangelizador tem a sua fonte em Deus, e tende a pôr os homens em contacto com Deus, levando-os a conhecê-’O e a amá-’O; na evangelização, Deus continua a revelar-Se.

Deus revela-Se, salvando. E na longa realização do Seu desígnio salvífico, na história dos homens, Deus mostrou ser potência criadora, Palavra e Amor, tudo unificado numa comunhão de amor que abraça o mundo criado. O Seu poder criador realiza-se tanto através da Palavra como do amor: a Palavra é criadora e o amor transforma e envolve. Jesus Cristo é encarnação da Palavra e é possuído pelo amor; por isso nos pode comunicar o Espírito de amor. A Palavra é possuída pelo amor e este tem a força criadora da Palavra.

A Igreja é o fruto mais excelente da encarnação. Ela é uma comunhão gerada pela Palavra e fecundada pelo amor. Ela aparece na história “como um povo que tira a sua unidade da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG. nº4). No alto da Cruz, Cristo, a Palavra eterna, está possuído pelo amor salvífico de Deus e envolve a criação inteira nesse amor. A missão da Igreja é envol-

ver o mundo nesse amor de Deus, plenamente manifestado em Jesus Cristo. Mesmo aqueles que ainda não chegaram ao conhecimento de Jesus Cristo, podem ser abraçados, envolvidos nesse amor infinito. E esse abraço de amor salvífico é o abraço da Igreja, que ela intensifica, cada vez mais, através da missão.

Isto diz-nos que o sujeito da missão é a Igreja e não só cada missionário ou missionária. Em toda a concretização da missão, é a Igreja que abraça o mundo. Digamos isto com as palavras de João Paulo II, pronunciadas em Lisboa em 1991, no Estádio do Restelo. Valorizando a tradição missionária do Povo Português, afirmou: “Outrora o trabalho missionário poderia parecer, de algum modo, reservado aos missionários. O Concílio Vaticano II, ao colocar a actividade evangelizadora no coração da vida eclesial, desejou responsabilizar em relação a ela todas as comunidades e todos os fiéis cristãos, toda a Igreja, por sua natureza, é missionária” (Ad Gentes, nº2), pelo que “os crentes em Cristo devem sentir, como parte integrante da sua fé, a solicitude apostólica de a transmitir aos outros, pela alegria e luz que ela gera. Essa solicitude deve-se transformar, por assim dizer, em fome e sede de dar a conhecer o Senhor, quando estendemos o olhar para os horizontes imensos do mundo não cristão” (**Redemptoris Missio**, nº80).

Segundo João Paulo II, esta dimensão eclesial da missão deve transformar-se em urgência pastoral em todas as realidades da Igreja. Por isso acrescenta: “Exorto as comunidades cristãs, paróquias, grupos, movimentos apostólicos, com todos os seus membros, a intensificarem o seu dinamismo evangelizador, e a não descurarem o seu dever de levar o Evangelho de Cristo às pessoas e ambientes dele carecidos. Tereis de vos tornar crentes corajosos, dotados de uma fé inquebrantável, alimentada constantemente por uma profunda vida interior, que faça brilhar diante dos homens, cada vez com maior intensidade, a luz de Cristo”¹.

¹ João Paulo II, Homilia da Missa celebrada em Lisboa, a 10 de Maio de 1991

3. Esta dimensão teológica da evangelização exige da Igreja e de cada cristão a identificação com Cristo, Ele que é a única motivação da missão. A fragilidade da nossa coerência cristã pode estar na origem de algumas daquelas incertezas, internas à própria Igreja: a fragilidade da fé – ouvimos João Paulo II a falar de uma fé inquebrantável – a perda da consciência do carácter único do cristianismo como caminho de salvação, num quadro mundial de convivência de várias religiões; a fraca consciência da densidade cultural do cristianismo e da sua racionalidade como religião da Palavra; tudo isto pode levar à alteração das motivações da missão, sobretudo quando se trata de a situar na realidade concreta do mundo contemporâneo.

São Paulo como modelo de evangelizador

4. Neste Ano Paulino é inevitável olharmos para o grande Apóstolo dos Gentios e contemplar nele o dinamismo da missão evangelizadora. Descobrimos nele todos os grandes traços da missão evangelizadora: a fé inquebrantável em Jesus Cristo, percebendo a identificação da Igreja com Jesus Cristo; o anúncio da esperança na plenitude da vida; o encarar, com realismo, as certezas e incertezas do mundo no seu tempo; o dar a vida pelo Evangelho.

Paulo era fariseu, formado nas melhores escolas rabínicas. Ele acreditava que a Lei era a mais perfeita expressão da Palavra de Deus em favor do Seu Povo. Mas também acreditava que, quando viesse o Messias, Ele seria a Palavra definitiva, relativizando a Lei Mosaica. Persegue os cristãos porque são seguidores de mais “um falso Messias”, pondo perigosamente em risco a Lei como Palavra de Deus. Quando Cristo Se lhe revela, a começar na aparição na Estrada de Damasco, Paulo percebe que Ele é o Messias esperado e faz uma mudança radical, de acordo com aquilo em que acreditava: quando vier o Messias, Ele é a Lei, nele está a Sal-

vação. A partir daí, torna-se claro que o caminho da salvação é a fé em Jesus Cristo, a união com Ele, e não a Lei dada a Moisés.

É impressionante a fé de Paulo em Jesus Cristo. Na alegria e na tristeza, na morte e na vida, para ele viver é Cristo, realização de todas as promessas, Ele que encerra e realiza a verdadeira promessa, a da vida eterna. A solução da humanidade está em Jesus Cristo, tanto para o Povo de Israel como para todos os outros homens. É urgente dá-l’O a conhecer e levar os homens a encontrarem-se com Ele. “Ai de mim se não evangelizar”. A fé é o segredo da sua vida e a fonte da sua inquietação evangelizadora. “Sei em Quem acreditei, combati o bom combate, guardei a fé, resta-me esperar a coroa de glória”, escreve ele a Timóteo à maneira de testamento espiritual.

A firmeza da fé em Jesus Cristo é a única certeza da vida de Paulo, que lhe dá força para enfrentar tudo, sobretudo as outras certezas daqueles a quem se dirige, os judeus e os gentios. Os judeus continuam a absolutizar a Lei e perseguem Paulo por não a seguir; os gentios adoram uma infinidade de deuses sem mensagem nem coração, que não podem transformar a vida. Refugiam-se nas diversas sabedorias, de raiz filosófica ou gnóstica, que tocam em alguns aspectos do mistério do homem, mas sem o horizonte de esperança do homem novo, definitivamente renovado. A sabedoria cristã, ou seja, o sentido da vida humana tem a sua fonte em Cristo, sobretudo na Sua Páscoa, em Cristo morto e ressuscitado. Paulo tem a consciência que esta nova sabedoria escandaliza os judeus e os gentios consideram-na uma loucura. Mas ele sabe que esta é a verdadeira sabedoria, o verdadeiro caminho da vida. Não abandona a experiência da dimensão comunitária da salvação, recebida da sua tradição judaica. Mas percebe que essa comunidade é agora a dos que são um com Cristo, o Novo Povo, o Israel de Deus, de que Cristo faz parte e com que se identifica, sendo a Sua cabeça, o princípio e a origem de toda a plenitude. Em Cristo, Paulo pode enfrentar diante do mundo as eternas questões do homem, a morte e a vida, a relação da vida

presente com a vida eterna, o encontro do mistério do princípio e do fim, a exigência da moralidade de vida, não por causa da Lei, mas porque se é fiel a Jesus Cristo e coerente com a vida nova que Ele depositou no coração dos crentes, através do dom do Espírito Santo.

As certezas e incertezas do mundo contemporâneo

5. A Igreja, na sua missão evangelizadora, confronta-se com uma sociedade com muitas características semelhantes àquela a que Paulo anunciou o Evangelho: as diversas sabedorias, a complexidade do fenómeno religioso, o hedonismo, a alteração dos valores. Todas estas componentes assentam em certezas vulneráveis, precárias, pouco profundas, que se transformam facilmente em incertezas. Claro que vou falar do nosso mundo e não do séc. I depois de Cristo.

As diversas sabedorias

Entendemos por sabedoria um quadro de interpretações da vida, no seu sentido, no exercício da liberdade, na fundamentação ética, na compreensão da vida e da morte, do sofrimento e da felicidade. Quando olhamos o mundo como um todo, ressalta à vista a variedade destas sabedorias, inspiradas em culturas e religiões diversas. Mas não nos iludamos: a globalização cultural é um dinamismo imparável, as sabedorias entrecruzam-se com o aspecto preocupante de as menos profundas serem as que mais influenciam as outras.

6. Começo por referir aquela que, no Ocidente, foi nascendo de sistemas filosóficos que valorizaram a autonomia do homem em relação a Deus e à religião, autonomia da razão na identifica-

ção da verdade, primado do indivíduo sobre a comunidade, idolatria da liberdade individual, concebida como capacidade e direito de cada indivíduo decidir da sua verdade, do sentido da sua vida, em última análise, do que é bem e do que é mal. A vida humana é considerada como dependendo apenas do homem e da sua capacidade. O homem terá a felicidade que for capaz de construir. Deus deixou de ser um agente decisivo na realização da plenitude humana e interventor na história, afastando-se radicalmente da tradição judaico-cristã, tão bem expressa no Salmo 43: “Não foi a espada que lhes conquistou a terra, nem seu braço lhes alcançou a vitória. Mas sim a vossa direita e o vosso braço e a luz da vossa face, porque os amaste” ou a frase de Jesus, “sem Mim nada podeis fazer”. Deus passou a inútil e facilmente a inexistente. A forma mais preocupante de ateísmo é o daqueles que, mesmo aceitando que Deus existe, vivem como se Ele não existisse. Esta forma de “ateísmo prático” é mais frequente e mais preocupante que o ateísmo teórico, racionalmente estabelecido.

Claro que esta sabedoria é incapaz de dar respostas válidas nos momentos cruciais da existência: o sofrimento, a morte, a solidão, a inquietação interior. Mas na normalidade da vida humana transforma-se numa barreira para o acolhimento da mensagem cristã; esta sabedoria profana, limitada ao horizonte da vida terrena, incapaz de transcendência e de vida eterna, atinge também muitos cristãos, que não encontram em Deus a companhia amorosa em todos os passos da Sua vida, o que alarga o horizonte da missão a multidões de cristãos baptizados, não crentes ou mal-crentes, que não vivem a vida segundo a sabedoria da Cruz. O Evangelho só é acolhido quando Cristo aparece como resposta de vida. Quem não se interroga e não deseja ir mais longe, nem sequer ouve a mensagem. O evangelizador tem de estar atento às buscas e inquietações do coração humano. O primeiro fruto do Evangelho é levar o homem a uma visão mais profunda de si mesmo, ensiná-lo a desejar.

Neste aspecto temos de estar conscientes que as sociedades inspiradas nesta sabedoria profana, aceitam a Igreja apenas pelos

serviços que presta à sociedade, inserindo-a no esforço de melhoria da sociedade no horizonte deste mundo. A evangelização tem de ser, cada vez mais, um grito de transcendência e de esperança na vida eterna.

A complexidade do fenómeno religioso contemporâneo

7. É também nesse quadro que as sociedades democráticas se abriram ao respeito pelo fenómeno religioso, expresso nos quadros legais da liberdade de consciência, de que a liberdade religiosa é uma expressão maior. Mas, nesse quadro, corre-se o risco de considerar todas as religiões de igual valor, sem capacidade de discernimento do contributo específico de cada uma para a plena realização humana.

A globalização tende a universalizar todas as grandes religiões, o que exigiria um estudo sério e continuado de religiões comparadas. Para os cristãos isto é muito importante, para descobrirem o carácter único do cristianismo, o que não porá em questão o respeito pelas outras religiões e pelos valores que têm em comum. Nesta fase da globalização, sentimos que no Ocidente, a par da experiência nova de convívio com crentes de outras confissões, começam a surgir sintomas de fascínio por outras religiões. Se as religiões se equivalem no seu sentido fundamental, que sentido tem a missão cristã, que nunca se pode confundir com proselitismo? Quando a própria teologia começou a equacionar o sentido salvífico de todas as religiões, porquê inquietá-los com a mensagem cristã? Quando o cristianismo é apenas mais uma religião, a missão evangelizadora perde a sua urgência. A Teologia das religiões tem de estabelecer a convergência de todas elas, pelo menos escatológica, com Jesus Cristo, salvador de todos os homens.

Para além da negação absoluta da liberdade religiosa na prática de algumas grandes religiões, assistimos a um outro fenómeno, no quadro da globalização, que acarreta novas dificuldades para a

missão cristã. Dada a real e inegável relação entre religião e cultura, muitos países encontraram a sua identidade cultural na valorização da sua religião tradicional, impedindo ou pondo dificuldades à expansão do cristianismo. É o caso de muitos países islâmicos, da Índia, com a valorização do Hinduísmo, onde a entrada de missionários estrangeiros é praticamente impossível. Nesses países, onde a Igreja está implantada, afirma-se sobretudo como serviço à sociedade, na educação e na assistência, o que exige dela que faça passar, através desse serviço prestado, o anúncio de Jesus Cristo.

A China é, apesar de tudo, um caso à parte, em que as dificuldades que a Igreja encontra hoje são de outra ordem. A longa história da China é, sobretudo, marcada por uma cultura, o confucionismo, e não tanto por uma religião. Várias religiões se têm afirmado na China e o seu sucesso depende muito da sua capacidade de integrar essa cultura. A evangelização da China dependerá da capacidade do cristianismo para fazer a síntese com a cultura chinesa. O fracasso da evangelização da China, no passado, deveu-se a essa incapacidade de inculturação do cristianismo. Há hoje na China muitos intelectuais que consideram o cristianismo a religião mais capaz de integrar a cultura chinesa, o que transforma a China no grande desafio da evangelização dos nossos tempos.

Neste quadro complexo do fenómeno religioso contemporâneo, o sincretismo é a grande tentação, de que não ficam isentos os próprios cristãos. Houve mesmo já quem propusesse que se fosse buscar a cada religião os melhores elementos e se fizesse uma religião universal. Os cristãos têm de descobrir, viver e anunciar a especificidade do cristianismo, o que não impede de reconhecer valores comuns, que encontrarão a sua plenitude em Jesus Cristo. Penso mesmo que a valorização desse património comum da humanidade, em termos culturais e religiosos, um “universal humano”, pode ser importante para o progresso da humanidade, na construção da justiça, da solidariedade e da paz.

O hedonismo e o conceito fácil de felicidade

8. Chamo hedonismo a um conceito de vida e de felicidade a conseguir imediatamente, fruindo tudo o que a natureza nos oferece. O que é natural é bom e legítimo, excluindo a dimensão sobrenatural de reconstrução do homem. O modelo de vida e de felicidade que as sabedorias profanas veiculam é hedonista, consumista, exclui o sentido do sofrimento e relativiza a perenidade da felicidade a construir na fidelidade. A avidez, a ganância, o materialismo, a relativização das escolhas de vida que se fizeram, são consequência dessa perspectiva. Este modelo de felicidade é insaciável, exige-se sempre mais e culpam-se facilmente os outros por não o conseguirmos. A felicidade a construir, com o esforço e persistência do atleta que corre no estádio, quase desapareceu. São os outros que têm obrigação de garantir que eu seja feliz. Percebemos melhor o Sermão da Montanha: “Bem aventurados os que têm um coração de pobre”, e o Evangelho anunciado aos pobres, devido à sua maior disponibilidade para acolher a surpresa de Deus.

Não é fácil anunciar o Evangelho a pessoas que têm esta concepção da felicidade. É o escândalo da Cruz, de que falava Paulo. A mensagem cristã, com a sua exigência renovadora, é considerada desadaptada para o homem, ele que se considera capaz de resolver todas as interrogações da sua existência e de construir a sua própria felicidade.

Só uma compreensão da felicidade como plenitude da vida, que vencerá o sofrimento e a morte, se abre à esperança escatológica da vida eterna. Quem só procura a felicidade possível neste mundo e ao alcance das capacidades humanas, não deseja a vida eterna, na plenitude de Deus. E esses não podem seguir Jesus Cristo na etapa decisiva e definitiva da sua vida. Toda a vida humana neste mundo, para ser caminho de felicidade, precisa de ser vivida com Cristo. Mas Ele é decisivo para nós, porque inaugurou no meio de nós e para nós, a vida definitiva. Para o cristão desejar a felicidade

é desejar estar com Cristo para sempre, mergulhar na Sua plenitude de vida, até que Ele venha definitivamente na Sua glória. É impressionante o número de contemporâneos nossos que deixaram de acreditar na vida depois da morte. Para muitos, essa é a incerteza fundamental, mas não encontram na sua fé a resposta. Anunciar Jesus Cristo é, necessariamente, anunciar a ressurreição dos mortos e Cristo ressuscitado como a terra prometida. Já o referimos atrás, isto tem a ver com a profundidade da esperança que nos faz viver. O mito da felicidade imediata pode matar a esperança.

O que é que move o coração humano

9. O homem é um ser espiritual e para além dos objectivos imediatos para alcançar a felicidade no presente, não consegue calar as grandes inquietações do seu coração, embora os desejos mais profundos que encaminhariam o homem para a busca de Deus possam ser abafados pela busca do imediato e do mais fácil. É a adulteração do desejo. Desejar é um sentimento fundamental no coração humano. O horizonte da caminhada para a vida mede-se, também, pela profundidade dos nossos desejos. Se desejo apenas a felicidade imediata, pela fruição e pelo prazer, pela posse e pelo domínio, nunca aprenderemos a desejar a plenitude da vida. A esperança cristã, mais do que assegurar a felicidade imediata, aprofunda o desejo. Tudo o que já experimento de bom, é marcado pelo desejo de mais e melhor, na certeza de que só a participação na plenitude da vida nos satisfará. Perceber que só Deus saciará os nossos desejos mais profundos, é sinal de que se entrou no verdadeiro ritmo da vida. Santo Agostinho reconhece-o nas “Confissões”: o meu coração estava inquieto enquanto não repousou em Vós. E Santa Teresa agradece ao Senhor o tê-la feito perceber que procurá-l’O e encontrá-l’O são a mesma coisa, porque o prémio que Ele dá àqueles que O procuram é um mais ardente desejo de O encontrarem.

O cristianismo não consegue anunciar a esperança a quem está satisfeito com o que é e com o que tem; Jesus Cristo é resposta para os corações inquietos, incapazes de serem felizes só com a felicidade que já construíram. A fragilidade do desejo e a falta de profundidade do modelo de felicidade que se procura, está na causa das grandes desilusões, no nosso tempo. Refiro apenas algumas:

* **As desilusões no amor.** Quantos paraísos imaginados que ruíram perante a exigência do amor e da fidelidade. O amor não é fácil, é experiência de dom generoso, supõe tenacidade e fidelidade. O amor, no seu início, não garante a felicidade definitiva. É antes a ousadia de a procurar em conjunto, de mãos dadas, com a força de Deus no coração. O amor humano é garantia de felicidade se nunca se desistir de a procurar e não se quiser procurá-la sozinho.

* **As desilusões com a sociedade que construímos.** O mito da sociedade perfeita neste mundo, tenha ela o modelo da “sociedade sem classes” ou da sociedade democrática, onde todos têm igual direito à felicidade, é sempre causa de desilusões para quem pensou que podia construir o Céu na Terra. As injustiças, a violência, o desrespeito pela dignidade humana, o fosso cada vez mais profundo entre ricos e pobres, geram muitas desilusões: nos sistemas económicos, nos mecanismos políticos, no sistema judicial, etc. Sem perceber que, em cada momento, o modelo de sociedade ideal está em construção, que é tarefa generosa de todos, mobilizados por valores superiores e que aqueles que semeiam a justiça e a paz talvez não cheguem a colher os frutos neste mundo, o que não significa que fiquem sem recompensa. Os homens grandes que construíram a História foram aqueles que não exigiram receber imediatamente o prémio do seu esforço.

Conclusão

10. Evangelizar é remar contra a corrente; a expressão é de João Paulo II, é sempre anunciar uma revolução, uma profunda transformação na vida. “Mudai o vosso coração”, foi o primeiro desafio da pregação do Evangelho do Reino por Jesus.

Evangelizar não é fácil, porque são hoje muitas as resistências à mensagem. Mas vale a pena. Devemos isso a Jesus Cristo; essa é a Sua urgência que só pode realizar através da Sua Igreja, que continua a enviar, custe o que custar, aconteça o que acontecer.



Situações Ad Gentes na Igreja em Portugal

D. António Couto
Bispo Auxiliar de Braga
Presidente da Comissão Episcopal Missões

1. Introdução: a missão de coração a coração

Em 2004, por ocasião dos 1250 anos do martírio de S. Bonifácio, Apóstolo da Alemanha, o Cardeal Karl Lehmann, Arcebispo de Mogúncia (Mainz), dirigiu à sua Diocese uma Carta Pastoral, intitulada *Testemunho missionário*, em que se lê:

«Tornámo-nos um mundo velho. Deixámo-nos vencer pelo cansaço (...). É necessário um radical revigoramento missionário da nossa Igreja. Não se trata apenas de reformar as estruturas. É preciso começar por cada um de nós. Se não estivermos entusiasmados pela profundidade e pela beleza da nossa fé, não podemos verdadeiramente transmiti-la nem aos vizinhos nem aos filhos nem às gerações futuras. (...) É necessário também ganhar outras pessoas para a nossa fé cristã e arrastar os cristãos que cederam ao cansaço ou que até abandonaram a Igreja (...). Devemos difundir verdadeiramente o Evangelho de casa em casa, de coração a coração»¹.

Nesta Carta Pastoral, o Cardeal Lehmann traça um quadro realista de uma Igreja que parece envelhecida e cansada, mas aponta também, com mestria e clarividência, as coordenadas

¹ Texto na Revista quinzenal *Il Regno*, 17, 2004, p. 544.

que devem moldar o rumo do futuro: não basta reformar por fora estruturas e edifícios; é preciso reformar por dentro, mudar o coração, acendê-lo com a luz nova de Cristo e do seu Evangelho.

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n.º 46 (Paulo VI, 8 de Dezembro de 1975), depois de falar da importância da pregação feita para todos, refere logo também a validade e a importância da transmissão «de pessoa para pessoa». E a Nota Pastoral da CEI, significativamente intitulada *O rosto missionário das paróquias num mundo em mudança* (n. 6)², acentua que «para a evangelização é essencial a comunicação de crente para crente, de pessoa a pessoa», aspecto que volta a ser salientado na recente *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização*, n.º 11, da Congregação para a Doutrina da Fé, de 3 de Dezembro de 2007³.

No mesmo sentido, na cerimónia de encerramento do Congresso Internacional realizado em Roma, de 09 a 11 de Março de 2006, para celebrar e reflectir sobre o Decreto Conciliar *Ad Gentes*, no quadragésimo ano da sua promulgação (07 de Dezembro de 1965), referiu o Papa Bento XVI, entre outras coisas, que:

«Não são, de facto, somente os povos não-cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos sócio-culturais, e, principalmente os corações, os verdadeiros destinatários da actividade missionária do Povo de Deus».

E, nas palavras proferidas antes da Oração do *Angelus* do 80.º Dia Missionário Mundial (22.10.2006), Bento XVI acentuou esta dinâmica, afirmando agora que «A missão parte do coração».

² CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Nota Pastoral Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia, de 30 de Maio de 2004.

³ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Nota dottrinale su alcuni aspetti dell'evangelizzazione*, 3 de Dezembro de 2007.

Identidade, intimidade e íntimo dizer de um Deus que nos ama: «Por isso, vou falar-lhe ao coração» (Os 2,16), e nos programa: «Falai ao coração de Jerusalém!» (Is 40,2).

2. Das «missões» para «a missão», das «situações» *ad gentes* para «a situação» *ad gentes*

A Carta Apostólica *Redemptoris Missio* (João Paulo II, de 7 de Dezembro de 1990) anotava, no n.º 32, uma profunda mudança política, económica, social e religiosa no mundo, que tinha os seus reflexos também na mudança operada ao nível do vocabulário missionário. Assim se tinha passado, por exemplo, das «missões», no plural, para a «missão», no singular.

Afigura-se-me que, no que diz respeito ao título desta comunicação, igual sensibilidade nos fará mudar agora de «situações *ad gentes*» para «situação *ad gentes*». Na verdade, o Portugal de hoje apresenta-se de alto a baixo tranquilamente paganizado, marcado pela instalação e posse. Ser pagão significa «fixar-se», quase cravar-se na terra⁴, sendo que *pagus* designa o marco, a estaca de marcação cravada na terra⁵. A diferença entre um cristão e um pagão, é que o pagão usa o mundo como coisa sua, sem bênção e sem dom, «sem esperança e sem Deus no mundo» (Ef 2,12)⁶, enquanto que o cristão vê o mundo, não

⁴M. BLANCHOT, *Infinito Intrattenimento*, Turim, Einaudi, 1977, p. 167-168.

⁵A. ERNOUT, A. MEILLET, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des mots*, Paris, nova edição revista, corrigida e aumentada, 1939, p. 722-723.

⁶Marcador que atravessa a Carta Encíclica *Spe salvi*, de Bento XVI, de 30 de Novembro de 2007. Vejam-se os números 2, 3, 23, 27 e 44.

como «uma coisa em si»⁷, mas «através de Deus», com bênção e com dom, «com esperança e com Deus no mundo». Num mundo fortemente marcado pela posse e pelo consumismo e pelo egocentrismo, em que as possibilidades do eu são vencer ou sucumbir, cada um luta para se salvar a si mesmo. Num mundo assim, em que perder não faz sentido, o inédito da Cruz é «obsceno», no sentido etimológico: fica «fora da cena» do nosso imaginário⁸. Neste contexto, é em toda a latitude, e não apenas nesta ou naquela situação, que é necessário anunciar a morte do Senhor até que Ele venha (1 Cor 11,26). Entenda-se bem que a morte do Senhor que anunciamos não está presa a nenhum sentido fúnebre, nem rastro de dolorismo, sofrimento pelo sofrimento, heroicidade do tipo *kamikaze* ou outro, de quem luta e morre para libertar o seu povo da opressão de outros povos. A morte do Senhor que anunciamos é vida dada, dádiva de amor, bondade pura, beleza transparente e permanente para todos.

Mas começemos pela reflexão que corre na Carta Apostólica que acabei de referir. Lê-se no n.º 37, alínea b), que «Hoje a imagem da missão *ad gentes* está talvez a mudar». A formulação é prudente. Mas a mudança é clara, e aparece descrita nos seguintes termos no n.º 37, alíneas b) e c): «Nos tempos modernos, a actividade missionária desenvolveu-se sobretudo nas regiões isoladas, longe dos centros civilizados e inacessíveis por dificuldades de comunicação, de língua e de clima». É verdade que não se devem «descuidar os

⁷ É sintomático que o hebraico bíblico não conheça um termo equivalente para o nosso termo «coisa». De facto, a palavra *dabar*, que no hebraico posterior veio também a significar «coisa», no hebraico bíblico aparece a significar: discurso, palavra, mensagem, relato, notícia, conselho, pedido, promessa, decisão, sentença, tema, história, dito, expressão, afazer, ocupação, acções, boas acções, acontecimentos, modo, maneira, razão, causa, mas nunca «coisa». Ver A. J. HESCHEL, *Il Sabato. Il suo significato per l'uomo moderno*, Cernusco, Garzanti, 2001, p. 11.

⁸ Ver as páginas interessantíssimas de S. FAUSTI, *L'Idiozia. Debolezza di Dio e salvezza dell'uomo*, Milão, Àncora, 2001, p. 53 e 57-58.

grupos humanos mais marginalizados», mas é igualmente verdade que os «lugares privilegiados deveriam ser agora as grandes cidades», «os jovens», «as migrações», «os refugiados», «as situações de pobreza» ou «desumanas», «o mundo das comunicações», «o vastíssimo areópago da cultura», e ainda aquilo que o n.º 38, por sinal bastante esquecido, refere como o mundo do chamado «resurgimento religioso» que emerge nas sociedades secularizadas e consumistas em que se manifesta a angustiante procura de sentido, a necessidade de vida interior, o desejo de aprender novas formas e meios de concentração e de oração.

Notaram certamente que a *Redemptoris Missio* fala de missão e de situações. De missão talvez a mudar, e mostra logo uma série de situações que postulam mesmo a mudança.

3. O campo da missão é o mundo humano. As pessoas da missão são a Igreja toda e todas as Igrejas

Anota bem a CEI, num Documento Pastoral intitulado «*O empenhamento missionário da Igreja italiana*»⁹:

«num longo período, depois do renascimento missionário do século XIX, a obra das missões privilegiou o anúncio do Evangelho em vista da salvação das almas e da *plantatio ecclesiae* entre os povos ainda não-cristãos» e «desenvolvia-se sobretudo à margem da vida eclesial, sendo delegada quase completamente em instituições específicas, e, como tal, estava pouco inserida na comunidade eclesial local, a qual, não deixando embora de cooperar na obra missionária, não se sentia directa e explicitamente responsável por ela» (n.º 6).

⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Documento Pastoral *L'impegno missionario della Chiesa italiana*, de 21 de Abril de 1982.

Voltemos agora ao n.º 32 da *Redemptoris Missio*, há pouco apenas evocado a propósito da mudança, ao nível do vocabulário missionário, das «missões», no plural, para a «missão», no singular. Lemos assim:

«A integração das “missões” na *missão* da Igreja, o confluir da *missiologia* para a *eclesiologia*, e a inserção de ambas no plano trinitário da salvação, deu um novo ar à própria actividade missionária, não concebida já como tarefa à margem da Igreja, mas antes inserida no âmago da sua vida, como compromisso fundamental de todo o Povo de Deus».

Lógico. Teológico. Perfeito. Reclamando a lição densa e magistral do n.º 2 do Decreto *Ad Gentes*, de 7 de Dezembro de 1965, do Concílio Vaticano II. Diz assim:

«A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na “missão” do Filho e do Espírito Santo. Este desígnio brota do “amor fontal”, isto é, da caridade de Deus Pai».

Mas este dizer diz o que diz a Escritura, que é assim também reclamada. «Deus é amor» (1 Jo 4,8 e 16), não só em si e para si, dentro das paredes douradas da sua eternidade, do seu céu, mas também para nós. Ama-nos com amor perfeito (1 Ts 1,4)¹⁰. Por isso, nos envia o seu Filho (1 Jo 4,10), que é «o primeiro e o

¹⁰ Em 1 Ts 1,4, Paulo dirige-se com afecto aos cristãos de Tessalónica, usando a expressão «irmãos amados por Deus», em que «amados» (*égapéménoi*) se apresenta no participio perfeito passivo do verbo *agapáô*, traduzindo assim um amor novo, vindo de Deus, que começou a amar e a amar continua ainda hoje, pois é esse o sentido do perfeito grego.

maior evangelizador»¹¹, e o Espírito Santo, que é o «protagonista da evangelização»¹² ou «da missão»¹³.

É nesta missão do Filho e do Espírito, que brota do «amor fonte» do Pai, que a Igreja toda é chamada a entrar. E é por isso que «a Evangelização é uma questão de amor»¹⁴ inadiável e não delegável¹⁵. Amor intenso, amor que dá vida, dando a vida. Não é por acaso que amor (*agápê*) e luta (*agôn*) têm a mesma etimologia. Paradoxo do amor: o amor faz-te feliz, matando-te! Quanto mais amas, lutas, e te matas a amar, mais te encontras: «Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; ao contrário, quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á» (Lc 9,24). Aí está o verdadeiro ícone do amor, Cristo, que não se salvou a si mesmo para me salvar a mim, morrendo por amor de mim. Amor novo e subversivo, amor divino, que faz passar da morte para a vida:

«3,14 Nós sabemos que passámos (*metabebêkamen*: perf. de *metabaínô*) da morte para a vida, porque amamos (*agapômen*) os irmãos. Quem não ama, permanece na morte» (1 Jo 3,14).

As deduções surgem em cascata. A missão como compromisso fundamental, portanto, baptismal (*Redemptoris Missio*, n.º 71), donde se segue «que a Igreja toda e cada uma das Igrejas é

¹¹ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 8 de Dezembro de 1975, n.º 7; CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'Episcopato Italiano per il primo decennio del 2000*, n.º 33, de 29 de Junho de 2001.

¹² PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 8 de Dezembro de 1975, n.º 75.

¹³ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Redemptoris Missio*, de 7 de Dezembro de 1990, n.º 21, e título do Capítulo III.

¹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Nota Pastoral «*Rigenerati per una speranza viva*» (1 Pe 1,3): *testimoni del grande «Sì» di Dio all'uomo*, de 29 de Junho de 2007, n.º 9.

¹⁵ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, de 6 de Janeiro de 2001, n.º 40.

enviada aos não-crentes» (*Redemptoris Missio*, nº 62), não a título excepcional, mas normal, como muito bem se expressa a propósito um Documento «Diálogo e Missão», do Secretariado para os não-cristãos, de 10 de Junho de 1984¹⁶. Leio:

«Cada Igreja particular é responsável de toda a missão. E mesmo cada cristão, em virtude do baptismo, é chamado a exercê-la de certo modo toda» (n.º 14),

sendo que

«a missionariedade é para cada cristão expressão normal da sua fé» (n.º 10).

Fica assim superada a mentalidade delegacionista, extrínsecista, epidérmica e episódica da missão. Hoje, e volto a citar a o Documento Pastoral «*O Empenhamento missionário da Igreja italiana*», da CEI, onde se lê:

«É a Igreja particular, enquanto tal, que é o sujeito primeiro da missionariedade»¹⁷.

E ainda:

«O esforço missionário não pode ser deixado a algumas pessoas, instituições ou organismos especializados, que, todavia, são indispensáveis. Tão-pouco pode ser assumido e desenvolvi

¹⁶ SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS, Documento *L'atteggiamento della Chiesa di fronte ai seguaci di altre religioni. Riflessioni e orientamenti su dialogo e missione*, de 10 de Junho de 1984.

¹⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *L'impegno missionario della Chiesa italiana*, n.º 22, alínea d), de 21 de Abril de 1982.

do unicamente no quadro de movimentos espontâneos e voluntários, mesmo se a sua contribuição é desejada e preciosa»¹⁸.

A este tema da Igreja como sujeito de missão não delegável, voltou com nova intensidade a Carta Apostólica «*Novo Millennio Ineunte*», de João Paulo II (6 de Janeiro de 2001), onde se lê, evocando S. Paulo:

«Esta paixão (Ai de mim se não evangelizar!»: 1 Cor 9,16) não deixará de suscitar na Igreja uma nova missionariedade, que não poderá ser delegada a um grupo de “especialistas”, mas deverá corresponsabilizar todos os membros do povo de Deus. Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-Lo para si; tem de O anunciar» (n.º 40).

Este texto aparece citado na íntegra no n.º 33 das Orientações Pastorais do Episcopado Italiano para o primeiro decénio de 2000, num Documento programático intitulado «*Comunicar o Evangelho num mundo em mudança*», de 29 de Junho de 2001¹⁹.

Esta missão não delegável, e que, por isso, nos compromete necessariamente a todos, foi assim dita recentemente por Bento XVI:

«A Igreja é missionária no seu conjunto e em cada um dos seus membros»²⁰.

¹⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *L'impegno missionario della Chiesa italiana*, n.º 30, de 21 de Abril de 1982.

¹⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'Episcopato Italiano per il primo decennio del 2000*, de 29 de Junho de 2001.

²⁰ BENTO XVI, *Mensagem para o 45.º dia Mundial de Oração pelas Vocações*, 13 de Abril de 2008, n.º 8.

E Paulo VI tinha já traçado fundo e bem o perfil evangelizador, não alienável, da Igreja, com estas palavras impressivas:

«Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. A Igreja existe para Evangelizar»²¹.

E numa recente Nota Pastoral, a Conferência Episcopal Italiana fixou com eloquente beleza e precisão o absolutamente inegociável da missão da Igreja, ponto para aquém do qual não pode regredir sob pena de não se reconhecer:

«A Evangelização é o fundamento de tudo e deve ter o primado sobre tudo; nada a pode substituir e nenhuma outra tarefa se pode antepor-lhe»²².

E de novo a Conferência Episcopal Italiana volta a fazer referência a esta temática da aposta total na missão, tratando-a agora no contexto específico da paróquia, no n.º 1 (reforçado depois no n.º 6) de outra Nota Pastoral, significativamente intitulada «*O rosto missionário das paróquias num mundo em mudança*», de 30 de Maio de 2004²³, que transcrevemos:

«A paróquia será tanto mais capaz de redefinir a sua tarefa missionária no seu próprio território quanto mais saiba projectar-se no horizonte do mundo, sem delegar apenas em alguns a responsabilidade da evangelização dos povos» (n.º 1 e 6).

²¹ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 8 de Dezembro de 1975, n.º 14.

²² CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Questa è la Nostra Fede. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo*, de 15 de Maio de 2005, n.º 2.

²³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Nota Pastoral Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia*, de 30 de Maio de 2004.

4. O rosto missionário da Igreja em Portugal neste mundo em mudança

É seguro que não estamos sozinhos no mundo. É igualmente seguro que as mudanças atravessam a nossa sociedade e a nossa Igreja. E quanto ao rosto missionário, se, eventualmente concluirmos que as tintas do retrato se encontram esbatidas, podemos sempre ver com esperança o que outras Igrejas já pensam e fazem no velho continente europeu.

Nesse sentido, a Conferência Episcopal Italiana acaba de produzir, em Nota Pastoral recente (29 de Junho de 2007)²⁴, afirmações intensamente missionárias, programáticas para a dinâmica das paróquias:

«Interpelam-nos os imensos horizontes da missão *ad gentes*, paradigma da evangelização também no nosso País» (n.º 9).

«Pedimos, portanto, aos Centros missionários diocesanos que, juntamente com outras realidades de animação missionária, ajudem a tornar possível que a missionariedade atravesse todos os âmbitos da pastoral e da vida cristã» (n.º 9).

E na bela Nota Pastoral que já referimos, intitulada *O rosto missionário das paróquias num mundo em mudança*, de 30 de Maio de 2004, referem os Bispos italianos acerca da dinâmica da paróquia:

«Quanto mais a paróquia for capaz de redefinir a sua tarefa missionária no seu território, tanto mais saberá projectar-se no horizonte do mundo, sem delegar apenas em alguns a responsa-

²⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Nota Pastoral «*Rigenerati per una speranza viva*» (1 Pe 1,3): *testimoni del grande «Sì» di Dio all'uomo*, de 29 de Junho de 2007.

bilidade da *evangelização dos povos*. Não poucas experiências têm sido felizmente levadas a cabo nestes anos: intercâmbio de pessoal apostólico, viagens de cooperação entre as Igrejas, ajuda em projectos de solidariedade e desenvolvimento, geminações de esperança nas difíceis fronteiras da paz, projectos educativos de novos estilos de vida, denúncia do dramático abuso a que são submetidas as crianças. Mais do que um empenhamento ulterior, a missão *ad gentes* é um enriquecimento para a pastoral, uma ajuda às comunidades em ordem à conversão de objectivos, métodos, organização, e em responder com confiança ao mal-estar que muitas vezes se experimenta» (n.º 6).

E, contra os hábitos instalados de pensar que primeiro está a vida interna da paróquia, e só depois, lá bem no fim, se sobram forças e meios, se pode pensar na missão *ad gentes*, os bispos italianos advertem:

«A missão *ad gentes* não é apenas o ponto conclusivo do empenho pastoral, mas o seu constante horizonte e o seu paradigma por excelência»²⁵.

Mas também em Portugal se ouviram vozes apontando esta dinâmica nova. Basta ouvir um pequeno extrato do n.º 3 Discurso que o Papa João Paulo II proferiu na Cerimónia da chegada a Portugal, no Aeroporto da Portela, no dia 10 de Maio de 1991. Disse então o Papa:

«A primeira das prioridades pastorais da Igreja em Portugal é edificar comunidades vivas de fé, de amor e de dinamismo missionário».

²⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'Episcopato Italiano per il primo decennio del 2000*, n.º 32, de 29 de Junho de 2001; CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Nota Pastorale Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia*, n.º 1 e 6, de 30 de Maio de 2004.

Este texto aparece citado na íntegra no n.º 2 da Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o Ano Missionário, de 6 de Janeiro de 1998.

Retenhamos também um pequeno extracto do n.º 5 do Discurso de João Paulo II aos Bispos de Portugal, em Fátima, em 12 de Maio de 1991. São estas as palavras do Papa:

«Da Cova da Iria parece desprender-se uma luz consoladora, cheia de esperança, que diz respeito aos factos que caracterizam o fim do segundo milénio (...). Será, pois, necessário despertar e alimentar em todas as comunidades uma viva consciência missionária».

Também este texto aparece citado no n.º 3 da já atrás referida Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o Ano Missionário.

4.1. Propostas concretas

Um breve elenco:

1. Criar «Centros missionários diocesanos e paroquiais que, juntamente com outras realidades de animação missionária, ajudem a tornar possível que a missionariedade atravessasse todos os âmbitos da pastoral e da vida cristã»²⁶.

2. «Que a visita pastoral, que os Bispos devem fazer, de modo a percorrer, pelo menos de cinco em cinco anos toda a Diocese

²⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Nota Pastoral «*Rigenerati per una speranza viva*» (1 Pe 1,3): *testimoni del grande «Sì» di Dio all'uomo*, de 29 de Junho de 2007, n.º 9.

(CIC, cân. 396, § 1.), constitua uma válida ocasião para manter alta a consciência missionária e a efectiva capacidade evangelizadora de cada comunidade paroquial»²⁷.

No mesmo sentido, o Papa Bento XVI, na sua mensagem para o próximo Dia Missionário Mundial, a celebrar no dia 19 de Outubro deste Ano de 2008, não deixa de lembrar aos Bispos que o seu «compromisso consiste em tornar missionária toda a comunidade diocesana»²⁸.

3. É imperioso constituir, preparar e formar grupos consistentes de evangelização, uma verdadeira rede de evangelização, que, no coração do mundo, sinta a alegria de levar o Evangelho a todos os sectores da vida, desde a família, à escola, ao trabalho, à solidão, à dor... Diz assim o Documento, já citado, intitulado *Comunicar o Evangelho num mundo em mudança*²⁹: «Temos necessidade de leigos que estejam dispostos a assumir ministérios com fisionomia missionária em todos os campos da pastoral, tornando-se catequistas, animadores, responsáveis de “grupos de escuta” nas casas, visitantes das famílias, acompanhantes de casais jovens» (n.º 62).

4. É imperioso levar o Evangelho a todas as idades e a todas as classes sociais da nossa sociedade.

5. Não podemos mais ficar de braços cruzados mais ou menos tranquilamente à espera de que nos procurem dentro da igreja, da sacristia ou do salão paroquial. A prioridade, hoje, é sair ao

²⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Questa è la Nostra Fede. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo*, de 15 de Maio de 2005, n.º 21.

²⁸ BENTO XVI, *Servos e Apóstolos de Jesus Cristo* (Mensagem para o Dia Missionário Mundial 2008), de 11 de Maio de 2008, n.º 4.

²⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'Episcopato Italiano per il primo decennio del 2000*, de 29 de Junho de 2001.

encontro das pessoas, lá onde elas se encontram. É desde Jesus que é necessário dar prioridade à ovelha perdida, e dedicar-lhe tempo e carinho.

6. A Igreja de hoje tem de saber amar o mundo de hoje e as pessoas de hoje. E começar já a fazê-lo, em vez de nos lamentarmos de que as pessoas de hoje já não nos procuram nem compreendem nem gostam de nós.

7. «A paróquia, que é a casa de Deus no meio das casas dos homens, assumirá esta tarefa com alegria e entusiasmo, enchendo de primeiro anúncio todas as acções pastorais» já existentes e organizando outras com criatividade e eficácia: a) a catequese; b) a celebração eucarística; c) a homilia; d) o testemunho da caridade; e) as festas; f) as peregrinações; g) criando centros de escuta do Evangelho; h) programando bem acções de preparação para o matrimónio; i) o tempo de espera e o nascimento dos filhos; j) o pedido do baptismo (e outros sacramentos) para os filhos; k) estando evangelicamente presente nas situações de dificuldade da família; l) prestando atenta solicitude ao fenómeno das migrações; m) sabendo estar evangelicamente presente nos/e através dos mass-media; n) na cultura; o) na evangelização do tempo livre; p) nas situações da pobreza, da solidão, da exclusão, da dor e da morte...³⁰.

8. Não nos podemos esquecer que o objectivo da evangelização não é evangelizar as pessoas durante o tempo determinado de um qualquer curso organizado, mas evangelizar as pessoas até as transformarmos em evangelizadoras, isto é, até que elas sintam a necessidade e a alegria de se transformarem em evangelizadoras.

³⁰ Todas as sugestões foram retiradas de CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Questa è la Nostra Fede. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo*, de 15 de Maio de 2005, n.º 21 e 23.

9. Também temos de ter presente que um jovem evangelizador é, com certeza, a pessoa mais apta para levar o Evangelho a outro jovem.

10. Idênticas mudanças nas estruturas pastorais, com o objectivo de que o Evangelho chegue a todos constam também da Declaração Final do III Congresso Missionário Americano (CAM 3), que acaba de se realizar em Quito, no Equador. A título de exemplo: a) opção forte em ordem à formação e acompanhamento das famílias cristãs, para que sejam evangelizadoras e missionárias com a sua vida, a sua fidelidade e comunhão; b) formação integral do laicado, com especial incidência nos jovens, sobretudo nos domínios espiritual, pastoral e missionário; c) importância da formação e evangelização dos/e nos meios de comunicação social...

4.2. O papel fundamental dos fiéis leigos

Pelo elenco que acabamos de apresentar, já se vê que os fiéis leigos vão ver chegar a sua hora mais bela³¹, e que os ministros ordenados terão de aprender novas línguas, dedicando-se muito mais e melhor à oração, estudo, formação, acompanhamento.

O Decreto *Ad Gentes* salienta, no n.º 21, a importância decisiva dos fiéis leigos (a ponto de afirmar que a Igreja não está verdadeiramente fundada sem a sua acção), do testemunho que devem dar, e o cuidado que se deve pôr na sua formação:

«A Igreja não está fundada verdadeiramente, nem vive plenamente, nem é o sinal perfeito de Cristo entre os homens se, com a hierarquia, não existe e trabalha um laicado autêntico. De facto,

³¹ Cito, neste contexto, D. Francesco Lambiasi, bispo de Rimini (Itália), que, para deixar claro o papel absolutamente insubstituível dos fiéis leigos, disse (eu ouvi) e escreveu (eu li) assim: «A evangelização ou a farão os leigos ou não se fará». L. ALICI, F. LAMBIASI, *Ho qualcosa da dirti. Due lettere a un prete e a un laico*, Roma, AVE, p. 45.

sem a presença activa dos leigos, o Evangelho não pode gravar-se profundamente nos espíritos, na vida e no trabalho de um povo. Por isso, é necessário, desde a fundação da Igreja, prestar grande atenção à formação de um laicado cristão amadurecido (...). O principal dever deles, homens e mulheres, é o testemunho de Cristo, que eles têm obrigação de dar, pela sua vida e palavra, na família, no grupo social, no meio profissional»³².

E Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n.º 70, salienta alguns aspectos importantes da acção evangelizadora dos fiéis leigos:

«O campo próprio da sua actividade evangelizadora é o mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, mas também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos “mass media” e, ainda outras realidades abertas à evangelização, como são o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento³³».

Os Documentos referidos (apenas alguns entre muitos) mostram que a acção dos fiéis leigos é determinante sempre. É-o particularmente hoje, na Igreja que está em Portugal, que os deve acarinhar, estimular e promover.

Nesse sentido, não podemos deixar de tirar todas as conclusões da lição do Papa aos Bispos portugueses na recente *Visita ad Limina* (Novembro de 2007). Partindo da constatação de que «a confissão mais frequente nos lábios dos cristãos foi a falta de participação na vida comunitária», Bento XVI referiu, sem meios termos, que «é preciso mudar o estilo de organização da comunidade eclesial portu-

³² CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Ad Gentes*, de 7 de Dezembro de 1965, n.º 21.

³³ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 8 de Dezembro de 1975, n.º 70.

guesa e a mentalidade dos seus membros», e acrescentou que, na «eclesiologia de comunhão na senda do Concílio», os clérigos e os leigos devem tomar consciência de que «todos somos um, desde quando fomos baptizados e integrados na família dos filhos de Deus, e todos somos corresponsáveis pelo crescimento da Igreja».

5. Um rumo: participação, comunhão, santidade e missão

Começamos por lembrar a viva exortação que, na Carta Apostólica *Novo Millenio Ineunte*, de 6 de Janeiro de 2001, o Papa João Paulo II dirigiu às Igrejas particulares:

«É nas Igrejas locais que se podem estabelecer as linhas programáticas concretas – objectivos e métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes da pastoral, busca dos meios necessários – que permitam levar o anúncio de Cristo às pessoas, plasmar as comunidades, permear em profundidade a sociedade e a cultura através do testemunho dos valores evangélicos. Por isso, exorto vivamente os Pastores das Igrejas particulares, valendo-se do contributo das diversas componentes do povo de Deus, a delinear com confiança as etapas do caminho futuro, sintonizando as opções de cada comunidade diocesana com as das Igrejas limítrofes e as da Igreja universal» (n.º 29).

Neste sentido, o Papa apontou mesmo «algumas prioridades pastorais», abrindo o elenco com a santidade:

«Em primeiro lugar, não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a santidade» (n.º 30),

que define logo como

«a “medida alta” da vida cristã ordinária» (n.º 31).

E o Papa Bento XVI prosseguiu este programa, na sua primeira viagem apostólica internacional, na XX Jornada Mundial da Juventude, em Colónia. No Discurso proferido na Vigília com os Jovens, na Esplanada de Marienfeld, em Colónia, em 20 de Agosto de 2005, Bento XVI desafiou os Jovens assim:

«Somente dos santos, somente de Deus vem a verdadeira revolução, a mudança decisiva do mundo».

5.1. O que é a santidade?

O Deus bíblico manifesta-se sempre atento e compassivo para com o seu povo e comprometido na libertação de todas as escravidões. É quanto se pode ver neste texto paradigmático do Livro do Êxodo, em que Deus se apresenta a Moisés e programa de outra maneira a vida de Moisés:

«^{3,7}YHWH disse: “Eu bem VI a opressão do meu povo que está no Egito, e OUVI o seu grito diante dos seus opressores; CONHEÇO, na verdade, os seus sofrimentos. ⁸DESCI a fim de o libertar da mão dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel (...)”.

¹⁰E agora, VAI; Eu te envio ao Faraó, e faz sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel» (Ex 3,7-8.10).

O Deus bíblico revela aqui a sua identidade, não afirmando-se e defendendo-se à volta do seu «eu», do seu «céu», resguardando-se dentro das paredes douradas da sua eternidade, mas DESCENDO até à alteridade do outro, de quem «VÊ a opressão», «OUVE o grito», «CONHECE os sofrimentos», tem em vista uma solução ou resposta.

Extraordinário retrato da SANTIDADE de Deus, que saindo de si por amor, mostra a sua santidade. É um Deus, não agarrado a

si, mas que sai de si. Um Deus Santo (*qadôsh*) é, de acordo com a mais aceita etimologia de *qadôsh*, um Deus «separado»³⁴: não «separado» do mundo por amor criado, nem do ser humano, pois sobre ele se debruça com premura; mas «separado» sobretudo de si mesmo, saindo de si mesmo, para vir ao nosso encontro, tanto se interessa por nós³⁵. Nestes dois sentidos, o Deus Santo nada tem a ver com o conceito de divindade do mundo grego e de outros mundos, que divinizam a inteira natureza e encerram a divindade ciosamente nas paredes douradas da sua divindade. Um Deus Santo que santifica, isto é, que nos chama a sair de nós para irmos ao encontro dos outros, por amor.

Deus SANTO, que santifica. Face às situações angustiosas do seu Povo, Deus nunca responde alguma coisa. Deus responde sempre, não alguma coisa, mas alguém. Quem é aqui, no caso concreto da opressão do Egito, a resposta de Deus? É Moisés, que é convidado a sair de si, por amor, como Deus.

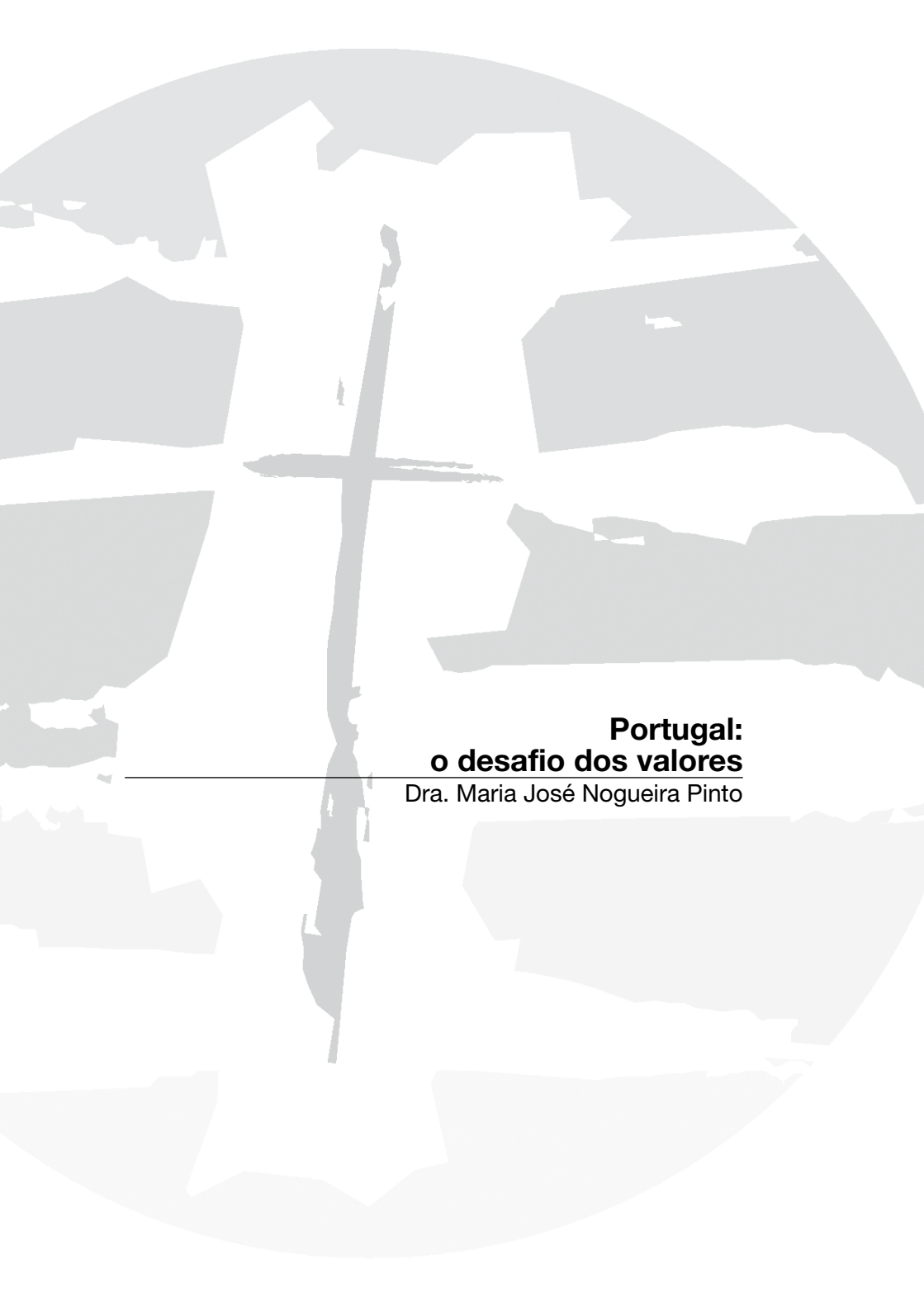
E hoje quem é a resposta de Deus para os dramas do seu povo? Temos de dizer, não há escapatória, que somos nós. Devemos nós também sair de nós, por amor, para irmos ao encontro dos nossos irmãos.

Aí estão, em paralelo, lado a lado, a santidade e a missão. O Deus da missão e em missão é o Deus Santo, Santo, Santo.

Que o Deus da missão e em missão, o Deus Santo, nos santifique.

³⁴ W. KORNFELD, *qadôsh*, in G. J. BOTTERWECK, H. RINGGREN, H.-J. FABRY (eds.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, Vol. XII, Grand Rapids, Eerdmans, 2003, p. 523.

³⁵ C. DI SANTE, *La rinascita dell'utopia*, Roma, Lavoro, 2000, p. 82.



Portugal: o desafio dos valores

Dra. Maria José Nogueira Pinto

Introdução

Começo por agradecer o convite que me foi feito para estar hoje aqui, e saudar os senhores Bispos presentes e todos os congressistas. Peço também a vossa paciência: provavelmente vou empolgar-me com aquilo que vou dizer, e poderá sair uma ou outra asneirita, fruto da ignorância. Mas estou aqui com muito gosto e com muita convicção.

Estive a ler os papéis que me mandaram e lembrei algumas coisas importantes. Mas uma não foi preciso lembrar, as palavras de Cristo: *“como me enviou o Pai, também eu vos envio”*. A minha percepção é a de que esta é a nossa vocação. A vocação de cada um de nós enquanto baptizado: ser enviado em missão desde o momento em que nasce. E por isso, a missão é algo comum a todos nós. É certo que alguns cumprem a missão de forma bem diferente da minha, mais valorosa e corajosa, e em condições bem mais difíceis. Mas isso não significa que não tenhamos cada um uma missão, que é importante conhecermos e cumprir.

No livro de actas de outros congressos que me mandaram, lí uma coisa lindíssima (não me recordo o nome do autor): *“Somos discípulos de Cristo, somos Cristãos e esta é toda a nossa honra e toda a nossa dignidade.”* Acho que este é um bom ponto de partida.

Ser Cristão-Cidadão e defesa de valores

Para nós Cristãos, esta é a nossa honra, a nossa dignidade. Não é por isso possível separar, do meu ponto de vista, a condição de cidadão da condição de Cristão. E cada vez mais é preciso ser-se Cristão-Cidadão e não Cidadão-Cristão. Hoje, quando pensamos nas missões, pensamos numa dimensão planetária, na distância, nessas partes esquecidas do mundo onde as pessoas vivem com tantas carências. Sítios onde faltam coisas que são hoje bens que a Humanidade devia partilhar. Sítios onde muitas vezes os direitos, liberdades e garantias não são respeitados.

Mas nesta Europa, concretamente em Portugal - país de onde partiu tanta evangelização -, é hoje preciso, mais do que qualquer outra coisa, reevangelizar. O meu tema é o desafio dos valores, e eu dou-vos uma imagem prosaica. Imaginemos esta mesa: os valores são isto tudo que está aqui em cima, e estão constantemente a cair da mesa. E das duas, uma: ou há quem agarre os valores que estão a cair da mesa e os reponha outra vez em cima da mesa, ou não há. E se não houver, eles vão ficar no chão. Pode parecer assim um bocadinho excessivo, mas eu acho que não há, neste momento, quem apanhe os valores caídos no chão.

Por isso já não estamos sequer no tempo em que defender os valores constitua um desafio. Hoje é uma urgência, uma necessidade. E por isso é importante perguntar: onde é que estão os novos gentios? Quem são os novos gentios, aqui no meio de nós, nesta parte do mundo da abundância, do conhecimento, da ciência, da tecnologia? Por esses gentios cabe-nos a missão de apanhar os valores que estão a cair para o meio do chão. Neste caso, não é bem fazer chegar a boa nova: é fazer de novo todo o percurso, trazer outra vez para cima da mesa a boa nova.

Hoje vivemos uma situação de aparente triunfo do reino de César (quem me conhece sabe que eu estou sempre a falar do reino de César e do reino de Deus). Este aparente triunfo de César não acontece apenas em Portugal, mas também em toda a

Europa e nos Estados Unidos. E por isso hoje a missão de muitos é a de dar testemunho num mundo dominado por César. Eu, a quem Deus não chamou para a vida religiosa, tenho também essa missão. E por isso escolhi, há muito tempo, tentar ter uma intervenção na pólis. Quando eu digo intervenção política não pensem apenas em partidos, governos, Assembleia da República ou câmaras municipais. Gostava que pensassem na intervenção cívica na pólis como uma intervenção política no melhor sentido da palavra.

Em 1976 tive uma doença. Era muito nova, casei com 19 anos, e já era mãe de 2 filhos. Esta doença veio na sequência da gravidez da minha segunda filha, e portanto "fui forçada" a passar por uma experiência fora de Portugal, porque na altura não havia condições para me tratarem cá. Estive em hospitais estrangeiros, deitei-me em muitas camas de hospitais, fiz muitas intervenções cirúrgicas. No meio dessa confusão, eu percebi que o mundo era uma coisa diferente da que eu estava habituada. Percebi que havia pessoas doentes e pessoas a morrer. Descobri que havia pessoas que tinham cura e pessoas que não tinham cura. Descobri também que havia muito sofrimento e muita solidão.

Houve também um período da minha vida em que assumi três estatutos - formais e jurídicos - de exilada, de refugiada e de imigrante. Estive num campo de refugiados e de imigrantes. Essa foi uma oportunidade que Deus me deu, numa fase ainda muito precoce da minha vida, de perceber que a vida era outra coisa completamente diferente. Ter dado a volta a essa vida também fez de mim uma pessoa diferente. Fez de mim não uma pessoa com muitas qualidades, eu não tenho muitas qualidades, mas tornou-me atenta ao que me rodeia e atenta aos outros. Sou atenta, por exemplo, aos imigrantes, porque eu também fui imigrante e sei o que é lutar por ter uns papéis, sei o que é preciso para viver noutra país, sei o que é ser refugiada, estar num campo de refugiados, numa terra de ninguém. E talvez por isso escolhi tentar intervir na pólis. Pensei que um dia, se pudesse, gostava de ter uma intervenção, de dar um pequeno contributo.

Factores relevantes da crise de valores

É neste contexto que gostava de partilhar convosco os factores que considero relevantes para esta crise de valores, para esta paganização. É importante então perguntar: o que é que se está a passar? E na origem do que se passa, julgo que podemos identificar sete factores determinantes:

1. Em primeiro lugar, temos o fenómeno da cultura dominante. Esta cultura dominante é uma forma de jugo, de ditadura subtil que, nem sempre sendo perceptível, existe. É a identificação entre aquilo que está "culturalmente na moda" e aquilo que está *de facto* certo.

2. Outro perigo que hoje enfrentamos resulta de um paradoxo: ao contrário daquilo que muitas vezes pensamos, o princípio do contraditório tem pouco espaço nas sociedades democráticas. Será fácil esse princípio nas instâncias que vivem disso – o parlamento, os debates políticos – mas na sociedade é difícil. E em Portugal, a cultura dominante – às vezes quase asfixiante – é uma cultura antiquada, "congelada" nas correntes do pós modernismo e da chamada *new age*.

3. Depois temos a tendência crescente para o discurso único. Hoje, mais que nunca, as pessoas vêem muita televisão, e como dizia Albert Einstein: "não há factos, só interpretações". O resultado é perigoso. Aquilo que as pessoas apreendem sobre o que vai acontecendo no dia-a-dia, à roda delas, apreendem-no através das interpretações feitas sobre esses factos. Interpretações que tendem a ser monopolistas e manipuladas. O dia-a-dia, a vida das pessoas, até as suas dificuldades são teorizados e interpretados para as pessoas através dos *media*, mediadores por excelência entre o espectador e a realidade. E assim a realidade chega até nós já interpretada, transmitida através de um discurso quase

único que forma a (falsa) veracidade dos factos. Esta é uma experiência que todos nós, diariamente expostos aos *media*, temos.

4. Depois há o terrível mito da modernidade. A identificação imediata e irreflectida entre o que é considerado "moderno", o que rompe com o *status quo*, com a evolução e o progresso. Mas o conceito de "modernidade", tantas vezes evocado, acaba por aparecer vazio. Nos grandes debates que tocam os princípios éticos mínimos da sociedade – como foi o caso do debate sobre a alteração da lei do divórcio – sempre que surgem dúvidas a reacção é: "Não, não! Isso é um discurso obsoleto, antiquado, o que é moderno é isto!" Mas nesta marcha rápida e imparável rumo à "modernidade", perdemos o essencial a meio do caminho.

5. Depois outra questão interessante – e preocupante – é a dos novos paradigmas de sucesso. Esses novos paradigmas começaram a surgir em Portugal na década de 80, e hoje se pensarmos no que é ter sucesso, vemos como a ideia foi sendo radicalmente alterada ao longo das últimas décadas. Para já, já não é preciso ser feliz, é preciso apenas ter sucesso. Hoje é obsoleto procurar a felicidade, o mundo é dos que procuram o sucesso. E "sucesso" para grande parte dos portugueses é dinheiro; êxito profissional; ser conhecido; ter um estatuto forte.

Hoje o sucesso é um conceito também quase que inseparável do ser-se novo. A velhice é algo horrível, que passou de sinónimo de experiência a sinónimo de decadência. O sucesso é também associado a ser-se completamente saudável, e a doença surge como fatalidade, obstáculo entre a pessoa e o sucesso. O preço a pagar por esta nova ideia de "sucesso" é o de voltar a deitar para o chão os valores. Valores como a generosidade, a justiça ou a temperança pouco ou nada têm a ver com a actual ideia de sucesso, constituindo antes obstáculos a uma grande carreira, a uma grande fortuna ou a um grande reconhecimento. Assim também se vai difundindo um enorme desprezo pela ideia de coesão, de

comunidade. A competição em todos os níveis, a diferenciação constante exigência de nos diferenciarmos pela nossa superioridade, é também a negação da caridade e da coesão. É a negação da ideia de nos sentirmos parte da mesma comunidade, parte de um todo, e portanto co-responsáveis desse todo.

6. Depois temos outro mito terrível, que afecta sobretudo os países mais desenvolvidos. É o mito da ciência e da tecnologia.

O extraordinário e rapidíssimo progresso científico e tecnológico que marcou as últimas décadas acabou por fazer com que as pessoas acreditassem que poderiam afastar todo o sofrimento, e que todas as doenças teriam que ter cura. Hoje recorremos a inúmeros remédios para não termos a mais leve dor, porque a própria ideia da dor se tornou insuportável. O progresso – esse progresso que às vezes leva o homem a pensar que pode substituir Deus – também nos cria uma ilusão de que esta vida é eterna, e a morte torna-se tabu, pensamento longínquo. Estar gravemente doente, ou morrer antes do tempo que pensamos ter direito a viver, é sinónimo de fracasso, de “insucesso”. É por isso hoje considerada estranha – quase louca - a ideia do sofrimento salvífico, a ideia que o sofrimento nos purifica. É certo que é pouco natural aceitar o sofrimento de braços abertos, mas é inegável que o sofrimento nos purifica, nos faz crescer. Eu não tenho dúvida nenhuma disso: não houve nenhum sofrimento que Deus me mandasse que não tivesse uma acção purificadora. Mas não se atribui qualquer valor ao sofrimento. E Portugal é o país da União Europeia onde se consomem mais anti depressivos. É como se as pessoas já não tivessem envergadura para a vida tal como ela é, e com tudo o que ela implica.

7. Depois temos o problema do relativismo moral. É verdade que, felizmente, a grande maioria das pessoas tem os valores ordenados e interiorizados. Mas o relativismo moral nasce, antes de mais, numa cultura dominante imposta a partir de cima e de fora, e num reino de César que dificulta os combates em nome do reino de Cristo. Da natural e necessária distinção entre o reino de Cristo e o reino de

César, passámos hoje para a ideia de que o reino de Cristo é para ser vivido apenas no interior de cada um. O relativismo moral gera esse processo que restringe o que é moral, o que implica juízos de valor sobre o certo e o errado, à “cidadela interior” de cada um. É a lógica do “nós não temos nada a ver com isso porque não estamos na situação do A ou do B e por isso não os vamos julgar...”. Os valores tornaram-se etiquetas muito pessoais, obedecendo a uma lógica – relativista – de que são “*todos diferentes, mas todos de igual valor*”. E no fim deste processo já perdemos ou pervertemos por completo a noção do bem e do mal.

E isto é assim nas sociedades da abundância. Sociedades que com o advento da abundância esqueceram o valor da partilha para aceitarem o desperdício, o esbanjamento, o egoísmo, o consumismo e o materialismo.

Televisão, Nihilismo...na sociedade pós-moderna

Gostava ainda de referir uma realidade que é também muito do nosso tempo, e que tem o seu papel nesta crise de valores: o facto de a mediação do conhecimento ser feita, hoje, quase exclusivamente pelas televisões. Sabemos que em Portugal se vê mais televisão do que se ouve rádio ou se lêem jornais, e por isso a televisão – armada com o enorme poder da imagem – é, hoje, o meio de comunicação por excelência da esmagadora maioria dos portugueses.

A televisão, grande mediadora entre a realidade – ou a ficção –, e os cidadãos, pela força que tem e pela forma como é feita, criou um novo *homo*. No passado conhecemos o *homo sapiens*, o *homo faber*, o *homo ludos*. Agora é provável que estejamos perante o *homo videns*. Um homem que só vê, que reage, mas não age, e que Giovanni Sartori tão bem descreveu como sendo “um homem marcado pelo conflito permanente entre o particular, que é sua identidade, e o global, a informação e comunicação

em tempo real”. É pois, um homem que participa só virtualmente, entendendo-se o virtual como não vivido, portanto é um homem que participa em tudo, sempre só, virtualmente, e não vive as coisas.”

Outro autor que abordou este problema de forma muito interessante foi Ortega y Gasset, ao definir a sociedade a partir de dois elementos principais: a *nostridad*, um termo espanhol sem tradução à letra para o português mas que será a interioridade, e um movimento pendular entre a solidão radical e a envolvente humana e natural que permite ao Homem ensimesmar-se, para reflectir e participar.

Isto é útil para perceber quão longe estamos, neste mundo de César, de alguma oportunidade de nos ensimesmarmos para reflectir e para participar. Somos cada vez mais um reino de homens fracturados, partidos. Homens que perderam o movimento pendular, a solidão e o intercâmbio, entre análise e adaptação.

Hannah Arendt, que é a única filósofa contemporânea e que conheceu de perto as consequências do nihilismo, tinha como tema recorrente o risco do assassinato da pessoa moral, e a consequente anulação da singularidade do individuo. Ao limite, este indivíduo, moralmente anulado, é o *homo videns* de que nos fala Sartori. E, ao limite, as sociedades contemporâneas – as sociedades post modernas da abundância – poderão transformar-se em sociedades de homens que se alimentam de imagens, e agem e interagem no mundo de forma cada vez mais virtual e menos real.

É por tudo isto que hoje em Portugal precisamos, mais do que nunca, de pessoas com coragem para a missão, que nos libertem dessa ameaça e nos devolvam à esperança. No meio de nós há muitos gentios que tem direito a essa libertação e a esse sinal de esperança.

Mas a missão é hoje um desafio mais complexo. Essa complexidade vem sobretudo da forma rápida e eficaz como se estão a

minar os pilares essenciais – civilizacionais - onde assenta a sociedade portuguesa. A eficácia desta desconstrução de valores e pilares é tal, que a maioria dos portugueses, com os seus valores perfeitamente arrumados e interiorizados, não reage.

Pensemos nas questões do aborto, da toxicod dependência e da eutanásia. São três questões intimamente ligadas à percepção que se tem, ou não se tem, da dignidade da vida humana. São realidades que tocam gente vulnerável, gente que sofre: as mulheres que têm problemas a ponto de equacionarem a hipótese do aborto, as pessoas cujas vidas são frágeis ao ponto de se deixarem cair na rede da toxicod dependência, ou as pessoas que sofrem e querem morrer. E perante esta gente sofrida e vulnerável, a reacção de muitos é a de pensar que como não as podem ajudar, como não têm capacidade de ir às causas desses fenómenos, então têm que dizer que sim.

Foi isso que aconteceu em relação à questão do aborto. Assumi-se que há um conjunto de problemas que não têm solução. Ora, se há pessoas afectadas por esses problemas e nós nunca vamos ter capacidade – dizem eles – de fazer seja o que for de concreto, positivo e de eficaz, então só podemos dizer que sim, ou ficar calados. É também esta a lógica das salas de injeção assistida (fenómeno contra o qual até a ONU já se manifestou). É também a lógica da eutanásia, uma lógica de desistência e de negação da vida tal como ela é, com tudo o que ela pode exigir. Pensamos que não podemos fazer nada pelos outros porque é impossível, complicado, trabalhoso ou caro. E então capitulamos. Desistimos, e tudo o que temos a oferecer aos mais vulneráveis, aos que sofrem, é uma lei. O cidadão comum sente, naturalmente, compaixão por estes mais vulneráveis. Mas sente-se também impotente, acredita que nada pode ser feito, e por isso culpabilizam-se e relativizam: “eu sou eu, ele é ele, quem sou eu para ir votar, pôr lá um não, quem sou eu?” E na dúvida, calam-se ou ficam em casa.

Três questões em aberto

Existem ainda três questões que ilustram os problemas e desafios com os quais hoje nos enfrentamos: a recente alteração à lei do divórcio, a questão das famílias *a la carte*, e a questão dos casamentos e adoção de crianças por casais homossexuais.

O que estas três questões reflectem é que nos esquecemos cada vez mais que a família é uma realidade muito anterior ao Estado. O Estado veio depois legislar no sentido de acautelar os interesses dos que nela estão envolvidos, nomeadamente os filhos. E o Estado vem legislar exactamente porque reconhece à família um enorme interesse público. O Estado quando legisla sobre a família – e aqui o grande exemplo será o Direito Romano – legisla sobre a família tal como a conhecemos, tal como ela é. Ora no casamento civil, que é disso que estamos a falar, o divórcio era tratado como o rompimento de um compromisso. Porque, mesmo fora da Igreja, o casamento é um compromisso, implicando direitos e deveres. Com esta lei desaparece o compromisso ao desresponsabilizar-se absolutamente o aquele não cumpre com os deveres conjugais.

Qual o interesse em retirar essa culpa? Nenhum. Mas as consequências são significativas, ao transportarem-nos para um passo seguinte, que é o de dizer que não há uma família, mas muitas famílias.

Gostava de referir agora a questão das famílias mono-parentais. As famílias mono-parentais não são uma categoria de famílias, mas o resultado do fracasso da família tal qual ela é. A família mono parental é, na maioria das vezes, a realidade de uma mulher sozinha, com filhos, que foi abandonada por um homem, e tem uma enorme sobrecarga para conseguir educar e criar aqueles filhos com o seu trabalho. É isto uma família mono-parental.

Mas se esta ficção de alargar o conceito de família vingar, e passarmos a falar em família(s), teremos novos desafios. Consequência natural da introdução do casamento dos homossexuais será a questão da adopção das crianças por homossexuais. E aqui o problema é que as pessoas se esquecem que estas crianças estão

entregues à tutela do Estado, e o Estado é por isso parte responsável pela sua educação, crescimento e desenvolvimento. Ora, com que direito é que o Estado, pessoa de bem, pensamos nós, entrega estas crianças a um casal de homossexuais?

É importante aprender com os exemplos. Nos Estados Unidos, um país onde tudo é objecto de estudo e investigação, quando começou este processo de adopção por casais homossexuais, iniciaram-se imediatamente estudos, e ao fim de 15 anos, 20 anos, era possível comparar a situação dessas crianças, já adolescentes e já adultos, com as outras crianças que tinham vivido com um casal heterossexual. Provou-se que a adopção por casais homossexuais não era positiva para as crianças. É por isso responsabilidade do Estado salvaguardá-las de experiências sociológicas, e sobretudo não deixar que o direito da criança a ter um pai e a uma mãe adotivos, lhe seja negado por via legislativa.

Outro ponto que confunde as pessoas, mesmo as pessoas com valores arrumados e às vezes até os cristãos com valores arrumados é a confusão conceptual que resulta da manipulação dos conceitos. Quando devíamos dizer responsabilidade, falamos de culpa. Confundiu-se completamente a tolerância com a permissividade: hoje as pessoas acham que ser tolerante é achar tudo bem, não ter criterios para julgar. Confundiu-se completamente o igualitarismo com a equidade e com a igualdade de oportunidades, isso sim condição fundamental de qualquer sociedade saudável. O mais perturbador é, no fim de contas, a conclusão a que chegamos. Uma sociedade que transforma os cidadãos em *homo videns*, que se esvazia de propósitos e valores em nome de falsas noções de sucesso e de justiça, acaba por ser uma sociedade profundamente desorientada, dividida, e inquieta. Neste ponto impõe-se uma questão em nome da mais elementar seriedade intelectual. Será que, embora discordemos com estas mudanças, as pessoas, as instituições, a sociedade, está melhor e mais feliz?

Julgo que a resposta é não.

Os nossos mais recentes indicadores sociais apontam para uma **involução** na pobreza, na violência, na toxicodependência,

no abandono escolar, no acentuar da desigualdade de oportunidades, na equidade e na justiça.

Não é por acaso que a OMS diagnosticou como a mais generalizada doença do século XXI a depressão. Assim como a solidão é vista como uma das piores disfunções sociais do nosso tempo.

Conclusão

Para terminar gostava de dizer que todas estas reflexões nos conduzem sempre, ao limite, a uma questão sobre a qual se fala cada vez menos, porque é uma questão incómoda. É a questão do bem e do mal, de Deus e do Diabo, e sobretudo a questão da tensão entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo que trespassa o reino de César. Aliás, fala-se cada vez menos de Deus e, por isso, é natural que não se fale do Diabo!

Esta é a missão de todos quantos não foram chamados para coisas mais importantes. Uma missão mais modesta mas muito exigente, porque este é um combate muito desigual, mas que pode e deve ser feito.

Como comecei por dizer, todos nós temos uma missão. É importante que todos aqueles que tenham gosto de intervir na cidade, intervir na pólis - não estou a falar de partidos, não estou a falar necessariamente de eleições, não estou a falar de órgãos de soberania - tenham noção de que há uma tentativa bem sucedida, por parte de alguns, de destruição sistemática destes valores, destruição pela destruição, sem nenhuma contrapartida de benefícios para ninguém, nem para aqueles que pensam diferente de nós, e com uma ameaça enorme àquilo que é uma sociedade forte, coesa, saudável. Uma sociedade sustentada em alicerces sólidos, com arcaboço moral e ético para enfrentar o mundo, que é cada vez mais complexo, unida por um mínimo ético indispensável a qualquer comunidade humana.



**Os novos caminhos
da Missão Ad Gentes**

José Ornelas Carvalho
Superior Geral /Dehonianos

Introdução

Agradeço aos organizadores do Congresso missionário o convite que me dirigiram para participar neste significativo evento da Igreja portuguesa, bem na linha da sua tradição missionária, que continua bem viva e mobilizadora das comunidades cristãs.

O tema que me foi pedido para tratar - “Novos caminhos da missão ad gentes” - não pode deixar indiferente quem quer que se preocupe com a missão da Igreja, num mundo em constante mudança que requer novos modelos para apresentar a mensagem de sempre do Evangelho. Por outro lado, é, de algum modo, um título demasiado audaz e pretensioso, pois a busca desses novos paradigmas da missão é o que toda a Igreja vai procurando, sob o impulso do Espírito.

Não tenho a pretensão de apresentar soluções ou receitas já feitas para a missão, mas aceitei, com gosto, o desafio de organizar algumas observações sobre a realidade que se vive hoje na Igreja, a partir daquilo que tenho encontrado na missão em diversas partes do mundo, como contributo para uma reflexão que deve continuar a buscar os caminhos de fidelidade e de anúncio do Evangelho, neste início do terceiro milénio.

As considerações que partilho convosco são devedoras sobretudo a tantos missionários e missionárias que, nos mais diversos contextos culturais, fazem do anúncio do Evangelho, não apenas

uma verdade a comunicar, mas uma vida a partilhar e a oferecer, sobretudo aos mais carentes e esquecidos da sociedade. A eles, o meu sentido agradecimento.

1. A missão universal na identidade da Igreja (Actos dos Apóstolos)

1.1 O mandato do Senhor

A missão constitui um elemento fundamental, não apenas no desenvolvimento e extensão da Igreja, mas na sua própria essência e identidade. O mandato do Senhor ressuscitado faz com que a comunidade dos discípulos se entenda como destinada a levar a Boa Nova até aos confins da terra: “Ide, fazei meus discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo e ensinando-os a cumprir tudo quanto vos mandei. E eu estarei convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28,19-20). “Recebereis uma força do Espírito Santo, que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, na Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo” (Act 1,8). De facto, o início da Igreja, no dia de Pentecostes, traduz-se na formação de uma comunidade “de judeus piedosos, provenientes de todas as nações que há debaixo do céu” (Act 2,5), atestando, em forma embrionária, a constituição universal da comunidade de Jesus.

1.2 Um Messias para os judeus ou para todos os povos?

O alcance e as consequências concretas deste destino essencial da Igreja não foram, porém, imediatamente compreendidos pelos discípulos. Eram todos judeus mesmo os neo-convertidos e pensavam-se, antes de mais, como o “novo Israel”, alicerçado sobre a aceitação de Jesus como o Messias prometido aos

descendentes de Abraão. Continuavam a frequentar o templo e eram tidos como uma espécie de judaísmo renovado ou herético, segundo as perspectivas.

De facto, o judaísmo não pode ser missionário, porque ser judeu não é uma questão de opção ou de conversão, mas sim de nascimento. Quem não é da descendência de Abraão, pode ser um “temente a Deus”, um prosélito, mas as promessas de Deus destinam-se exclusivamente à raça de Israel. A primeira comunidade de Jerusalém assumiu das suas origens judaicas, entre outras coisas, também esta mentalidade como natural. Dedicavam-se, de facto, à missão, mas essa restringia-se aos judeus.

Só com o tempo, e quase forçados pelo Espírito, os discípulos foram entendendo e aderindo ao projecto universal da salvação que lhes estava confiado. O primeiro círculo deste alargamento da geografia e da mentalidade foi a difusão do evangelho em Samaria, depois da perseguição desencadeada na Judeia (cf. Act 8,1ss) e o baptismo do etíope, por obra do diácono Filipe (cf. Act 8,26ss). Mas, nos dois casos, trata-se de algo que se enquadra dentro da perspectiva profética da restauração de Israel, e não de uma integração de gentios.

1.3 O Espírito também para os gentios

Daí o espanto e as resistências de Pedro, quando vê o Espírito descer sobre a família do centurião Cornélio (Act 10-11). Depois de reagir escandalizado à ideia de se misturar com o mundo impuro do paganismo, acaba por deixar-se levar pelo Espírito e manda baptizar estes primeiros gentios, agregando-os à Igreja. Mas teve de enfrentar uma comunidade escandalizada que, só a custo, foi levada a aceitar a grande novidade de que o dom da salvação em Jesus não era só para os judeus. E davam glória a Deus, dizendo: “Deus também concedeu aos pagãos o arrependimento que conduz à vida” (Act 11,18). Nesse dia, por impulso directo do Espírito, a missão abriu-se “ad gentes”.

Aceite este princípio fundamental, tornou-se possível a missão entre os gentios, particularmente a partir de Antioquia, por obra sobretudo de Barnabé e Paulo (cf. Act 13-14). Mas a entrada dos gentios na Igreja suscita uma importante questão cultural, a princípio não tão radical como a anterior, mas que acaba por pôr em causa a inclusão efectiva dos gentios na comunidade cristã. É que os primeiros gentios que entraram na comunidade da Palestina eram já prosélitos que haviam assumido um modo judaico de viver que incluía a circuncisão, a pureza alimentar e as interdições altamente regulamentadas pelos rabinos. Ora, a partir de Antioquia e sobretudo depois da primeira viagem apostólica de Paulo e Barnabé, muita gente aderiu à comunidade cristã, não tendo nenhuma relação anterior com o mundo judaico. Foi-lhes anunciado Cristo, e Paulo e Barnabé achavam que não era necessário submeterem-se às complicadas regras do judaísmo, perante as quais o próprio Jesus se tinha mostrado muito crítico.

1.4 Evangelho e pluralismo cultural

Não pensava, porém, assim a corrente mais intransigente dos cristãos da Palestina, para quem era uma aberração só o pensar nas impurezas que esses novos irmãos praticavam à mesa, tornando impossível qualquer comunhão fraterna (veja-se, a este respeito, toda argumentação de Paulo com os cristãos “judaizantes”, na carta aos Gálatas). Parecia que se tinha voltado à estaca zero. O problema cultural, surgido com a missão entre os povos, tornara-se um problema teológico e eclesial e ameaçava inviabilizar a própria missão entre os não judeus. O problema era de distinguir o que pertencia realmente ao conteúdo evangélico daquilo que era fruto da cultura onde ele tinha surgido e que, por vezes, até o contrazia.

A assembleia ou concílio de Jerusalém (cf. Act 15) representa, sem dúvida, o ponto de viragem mais importante da Igreja nascen-

te. O Espírito lançara a Igreja na missão entre os povos. Esta levou a comunidade a confrontar-se consigo própria, com a sua natureza e finalidade, perante as novas e diversificadas condições com que se deparava. Sob o influxo da palavra de Paulo e Barnabé, que falavam a partir da sua experiência missionária, a assembleia acaba por adoptar uma corajosa declaração de universalidade da comunidade cristã, libertando-a dos laços étnicos do judaísmo, para ser capaz de acolher a multidão dos povos e culturas e oferecer a todos o dom do Evangelho.

A partir daí, os missionários do Evangelho vão percorrer os caminhos do império e ultrapassar as suas fronteiras, capazes de adaptar-se às diversas línguas e culturas, sem a pretensão de misturar-se com os poderes públicos e muito frequentemente em contraste com estes, entendendo-se como fermento e semente de um mundo novo. Precisamente por se sentir pequena e minoritária, a Igreja dos primeiros séculos foi capaz de se tornar semente e fermento na diversificada sociedade romana e casa universal para todos os povos.

1.5 Observações iniciais

Este breve esboço dos primórdios da missão da Igreja mostra como o Espírito foi orientando a comunidade cristã a sair dos seus esquemas estabelecidos e a aprofundar a sua própria identidade e função à luz do Evangelho e a abrir-se à universalidade do amor de Deus que abarca toda a humanidade. Podemos fazer algumas observações sobre este primeiro passo da nossa reflexão, que nos orientem na sua prossecução:

- Pela sua própria natureza, a Igreja tem de ser missionária, pois só na missão ela realiza a sua essência de sinal e caminho universal de salvação para todos os povos.

- Para ser universal, a Igreja não pode ligar-se de tal maneira a um poder ou a uma cultura, que acabe por secundarizar outras. O seu património e a sua mensagem encontram expres-

são e enriquecem-se no contacto crítico com a diversidade das culturas.

- A universalidade é incompatível com uma Igreja de poder. Pelo contrário, a vitalidade da Igreja está em ser independente das autoridades constituídas e em não pretender competir com elas em termos de conquista e manutenção do poder.

- A Igreja missionária sente-se como semente e fermento na diversidade das sociedades, oferecendo, a partir de cada uma das suas comunidades, a mensagem do amor de Deus a todos os homens.

2. Terras cristãs e terras de missão

2.1 Identificação da Igreja com a cultura ocidental

Ao longo da história, a Igreja sempre assumiu como fundamental a sua dimensão missionária, adaptando-se à diversidade de situações em que se veio a encontrar. Não cabe aqui analisar as odisséias missionárias no interior do império romano, a evangelização dos chamados povos “bárbaros”, que viriam a constituir o mapa da Europa, a fundação da Igreja na cultura eslava, os novos horizontes missionários abertos com a época das descobertas, bem como o grande esforço de missão dos últimos 150 anos, particularmente na África, América Latina e Ásia.

Cada um destes períodos tem as suas características próprias, as suas virtualidades e defeitos, que reflectem a própria auto-compreensão da Igreja nas suas relações com o mundo. Simplificando muito uma realidade historicamente complexa, podemos dizer que, com a difusão do evangelho no império romano e sobretudo com a paz de Constantino, a Igreja se foi gradualmente identificando com a cultura do próprio império, tornando-se um factor importante da política imperial, patrocinada ou hostilizada, segundo os jogos de poder, até se converter em verdadeira religião de estado.

A promiscuidade com o poder acabou por ter uma grande influência na própria missão. A identificação da Igreja (e das igrejas) com uma determinada cultura, regime político ou espaço geográfico descambou frequentemente em “guerras religiosas”, tanto no interior do mundo dito cristão, como no confronto com outras tradições religiosas, sobretudo o Islão. Ao longo dos séculos, foi-se consolidando a identificação do cristianismo com a cultural ocidental, distinguindo, mesmo aí, entre países de tradição católica, ortodoxa ou de diversas denominações protestantes.

Esta identificação do Ocidente com a chamada “cultura cristã” acentua-se a partir da época das descobertas e do contacto com novos povos e novas culturas. Nas Américas, na África e na Ásia, o Evangelho chegou sobretudo a bordo das caravelas dos descobridores e colonizadores, sob a protecção das potências europeias. Não se distinguia grandemente entre obra de evangelização e extensão da autoridade e sistema colonial, pois uma tal distinção também não existia nas sociedades de origem. A evangelização era parte daquilo que se considerava a obra “civilizadora” do Ocidente. A superioridade militar, técnica e organizacional demonstrada pelos europeus acabou por se traduzir no desprezo e subordinação, quando não mesmo na repressão das culturas locais. Também não raramente a missão assumiu e legitimou esta ideia de superioridade, conferindo-lhe um carácter religioso e utilizando métodos de repressão e de supressão, mesmo no confronto de veneráveis e antiqüíssimas tradições culturais.

2.2 Luzes e sombras de uma longa história

Seria, porém, injusto pensar que a evangelização, nos séculos que nos precederam, foi uma simples carroça atrelada às ambições de conquista e aos jogos políticos do devir histórico. Sem ser imune aos jogos de poder e de expansão, a missão evangelizadora, ao longo dos séculos, constituiu, no seio da Igreja e das

sociedades, um elemento inestimável de intercâmbio e criação de cultura, com um papel fundamental na formação do mundo que somos hoje. Em nome do Evangelho, os missionários cruzaram as fronteiras dos impérios, ligaram povos, conheceram e deram a conhecer culturas, criaram relacionamentos humanos e civilizacionais, muito frequentemente em contraste com as suas terras de origem e com as próprias hierarquias eclesiais. Se é verdade que a implantação do Evangelho nos novos mundos está cheia de convivências e silêncios comprometidos perante as arbitrariedades das potências coloniais, não há dúvida igualmente que foi sobretudo da Igreja missionária que surgiu a denúncia desses atropelos, a defesa das populações e das culturas indígenas, o estudo das suas língua e tradições, bem como o grosso da obra de educação, cuidados sanitários e promoção humana que constituem a alavanca para a consolidação e desenvolvimento destes novos países.

Um dado importante, que não cabe aqui desenvolver, é o papel dos religiosos e religiosas na obra de evangelização, nas fronteiras da Igreja, em todo o mundo. A composição multinacional da maioria destes institutos acentuou a liberdade da missão em relação aos poderes administrativos e as componentes étnicas locais, contribuindo para abrir perspectivas de internacionalidade, não apenas no interior da Igreja, mas igualmente nas sociedades civis.

Além disso, as missões criaram nas próprias igrejas e países de origem uma ideia diferente destes novos mundos, vista pelos olhos dos missionários e não simplesmente dos administradores e colonos, criando movimentos de solidariedade e de interesse cultural e contribuindo para a evolução de uma opinião pública favorável a um relacionamento mais humano, justo e dignificante entre povos e culturas. Ao longo dos séculos, um impressionante cortejo de missionários, motivados pela sua adesão a Cristo e modelados pelo Evangelho, passaram para além das fronteiras políticas e culturais, ultrapassaram preconceitos e limites pessoais e étnicos, dando um contributo inestimável para a construção

de um mundo mais justo e fraterno. Muitíssimos selaram com o próprio sangue o dom da vida profeticamente dedicada ao serviço dos outros.

2.3 O missionário oriundo do Norte

Fruto desta história, que fica aqui apenas mencionada, herdamos uma ideia de missão e de missionário que está profundamente marcada pelo Evangelho, mas igualmente colorida com a diversidade das culturas deixadas e encontradas, marcada pela limitação das pessoas, pela ganância e pelos ideais de expansão nacional, romanceada pela curiosidade dos exploradores, alimentada com o sonho e a esperança de construção de um mundo mais humano. Particularmente nos séculos mais recentes, a missão ficou muito ligada, como ponto de partida, ao continente europeu, a que se veio a associar a América do Norte - os chamados “países cristãos” - tendo como destino os países do hemisfério sul: América do Sul, África e Ásia.

A figura típica do missionário, que fez sonhar tantos jovens, era a de um filho desta cultura do hemisfério norte ocidental, de batina branca e possivelmente com chapéu colonial a cobrir um rosto tisonado pelo sol dos trópicos e ornado de longas barbas, generosamente dedicado a levar a fé (e a cultura) às populações pobres e não cristãs (pagãs) dos novos mundos. Não pretendo discutir o que este quadro revela de paternalismo, de eurocentrismo e de preconceito, bem como de genuína motivação altruísta e de capacidade de sonho para colaborar na construção de um mundo mais justo e fraterno, com base na autêntica mensagem evangélica. Acho que uma boa parte desta mentalidade está ainda bem presente no imaginário missionário europeu, com a sua positividade e os seus limites. O mundo e a Igreja de hoje apresentam, porém, uma imagem muito distinta dos séculos e mesmo decénios passados, exigindo o repensamento destes modelos.

3. Uma grande alteração de modelos

3.1 “Países cristãos” e “países de missão”

Este quadro tradicional da missão já não se aplica à realidade de hoje. Antes de mais, a distinção entre “países cristãos” e “países de missão” é, no mínimo, difícil de aplicar. Pode dizer-se, com alguma propriedade, que os países europeus são “países cristãos”, tanto no que diz respeito à prática religiosa e dos valores, como no tocante às instituições políticas e sociais? Não apresentam alguns países da África e sobretudo da América Latina, índices de adesão e de prática cristã superiores aos dos países europeus? Hoje, o continente com maior número de cristãos é, sem dúvida, a América Latina, sendo o Brasil o país com maior número de católicos.

Do ponto de vista especificamente missionário, um outro dado se reveste de grande importância. Até recentemente, as igrejas de tradição mais antiga, particularmente as da Europa, foram as que mais missionários ofereceram, sobretudo religiosos e religiosas. Hoje, conhecemos bem a crise de vocações que atravessam estas igrejas e as congregações religiosas, no contexto europeu e norte-americano.

As entusiásticas festas de partida de nutridos grupos de missionários de poucos decénios atrás são hoje mais frequentemente substituídas por justas e saudosas celebrações de bodas de ouro e de diamante de missionários de retorno das suas missões.

Pelo contrário, no hemisfério sul é onde encontramos um grande número de candidatos ao ministério eclesial e à vida religiosa, embora com as dificuldades que são conhecidas. Isto significa que identificar, sem mais, a ideia da missão a um movimento do Norte cristão para um Sul descristianizado não se pode aplicar à realidade dos nossos dias. Embora se encontre ainda um grandíssimo número de missionários europeus nos outros continentes, o seu número diminui de ano para ano, visto que são cada vez

menos os que vêm substituir aqueles que deixam a missão, por idade ou incapacidade.

Este deslocamento para Sul é mais evidente no âmbito da vida consagrada, uma vez que no seio dos institutos internacionais, os problemas do Norte e do Sul são vistos em paralelo, dentro da mesma família religiosa. Para dar-se conta do fenómeno, basta ver, nesta veneranda Europa, o número de conventos à venda, as casas de formação vazias e os programas de futuro fundamentalmente virados, em muitos países, para o cuidado dos mais idosos. Pelo contrário, nos chamados países de missão, continua-se a construir seminários e conventos e as grandes preocupações estão ligadas à formação dos jovens religiosos e ao atendimento a comunidades cristãs em crescimento.

Esta mudança na implantação geográfica e cultural da Igreja tem já enormes consequências, que não deixarão de intensificar-se no futuro, tanto nas igrejas de antiga tradição como nas novas comunidades eclesiais surgidas da obra evangelizadora mais recente.

3.2 O Norte ou as igrejas de longa tradição

A Norte, particularmente na Europa, a diminuição do número de fiéis, aliada à secularização e à autonomia da sociedade, vai retirando à Igreja o seu papel tradicional de associada ao poder, remetendo-a para a esfera privada, quando não mesmo obstaculizando a sua acção. Habituada a um regime de cristandade, em que todos os caminhos da aldeia vinham dar ao templo, onde os membros do clero pontificavam sem apelo, não tem sido fácil para a Igreja situar-se neste novo contexto social. Não servem atitudes de ofendida defesa perante a sociedade, de catastróficas invectivas contra a modernidade ou de simples resignação perante a indiferença. Há que redescobrir o sentido da missão neste mundo moderno e pós-moderno, do ser fermento, em modelos novos: vinho novo, em odres novos.

O Leste europeu, com a sua veneranda tradição ortodoxa, apresenta também um panorama de grande mudança: após a queda ou transformação dos regimes totalitários que dominaram estes países, um grande vazio de valores e de perspectivas apela a atitudes novas, tanto da Igreja Ortodoxa, como da Igreja Católica. É grande a tentação de utilizar as novas oportunidades para readquirir os antigos privilégios e rivalidades, mas o que faz falta são novas atitudes para colaborar, com a semente do Evangelho, na construção das novas sociedades que estão a surgir.

A América do Norte apresenta um quadro, em alguns aspectos semelhante ao da Europa Ocidental, mas também elementos muito distintos. Um peso histórico mais ligeiro, a tradicional separação entre Igreja e Estado e a diversidade das confissões cristãs, entre outros elementos, fazem com que, em alguns aspectos, não haja uma reacção anti-religiosa tão forte. Mas, por outro lado, deparamos com idênticos desafios perante a indiferença religiosa e a busca de novos caminhos de evangelização do mundo da ciência, da técnica e do bem-estar. Também aqui não faltam as tentações de regresso a um passado tradicionalista e intransigente, em lugar de buscar respostas novas para problemas novos.

Não nos fechemos, porém, no costumeiro lamento sobre a decadência do Ocidente. Não há dúvida que foi fundamentalmente destas igrejas temperadas pelo tempo, que surgiu o grande movimento de renovação conciliar, que abriu novos horizontes à Igreja, habilitando-a para um novo relacionamento com o mundo dos nossos dias. Além disso, a vida destas igrejas tem sido sempre fecundada pelo surgir de movimentos de espiritualidade e de missão, que dinamizam as comunidades eclesiais e abrem novas formas de evangelização nas complexas sociedades deste início de milénio.

3.3 O Sul e as igrejas de recente evangelização

A Sul, encontramos situações eclesiais distintas, como fruto dos últimos cinco séculos de missão. Nas regiões de evangelização mais antiga, sobretudo na América Latina, deparamos com igrejas vivas e criativas, onde a situação maioritária do cristianismo não anulou o esforço missionário. A Igreja foi encontrando caminhos mestiços de cruzamentos e influxos culturais europeus, indígenas e africanos, para responder a uma sociedade com um profundo sentido religioso e uma grande sede de justiça e de perspectivas de futuro. É desta inculturação latino-americana que surge o primeiro significativo movimento de reflexão teológica provocado pela evangelização fora da Europa e da bacia mediterrânica. Independentemente das opiniões que cada um possa ter sobre o assunto, não há dúvida que a teologia da libertação representa o esforço de busca de novas linguagens e modelos para reflectir e dizer a fé à gente do nosso tempo. Tem certamente os seus limites, mas acho que, para além disso, muitas das reacções que causou nos ambientes eclesiais da Europa têm origem na falta de habituação a um tipo de pensamento diferente daquele a que, desde sempre, estamos habituados. Não só na reflexão e na criatividade litúrgica, as igrejas latino-americanas têm vindo a fazer ouvir a sua voz. O envio de missionários para outros continentes, nomeadamente para a Europa, testemunha a auto-consciência e a vitalidade destas comunidades cristãs e a sua participação crescente na missão universal da Igreja.

A África tem uma evangelização mais recente. Em muitas zonas do interior do continente, estamos na primeira geração de cristãos e apenas nos últimos decénios as comunidades cristãs começaram a ter líderes locais. As igrejas africanas refiro-me claramente à África subsaariana têm as virtudes e os limites da sua juventude, num continente, também ele, em profunda mudança e nem sempre no melhor dos modos. Criadas sobretudo durante a época colonial, estas comunidades foram, durante muito tempo,

consideradas como apêndices das “igrejas metropolitanas” da Europa e começam agora a caminhar pelos seus próprios pés. Há, por um lado, a justa busca da própria autonomia e dos próprios caminhos e, por outro, a consciência da importância das ligações tradicionais e da dependência de meios para manter e desenvolver as estruturas eclesiais. No meio das profundas transformações políticas, sociais e económicas em curso no continente africano, a Igreja tem tido e continua a ter um papel importante na construção do futuro. Mas também ela está à procura de novos modelos de cristãos, de pastores, de líderes sociais que encarnem o ideal evangélico na diversidade das neo-culturas africanas.

O grande continente asiático, onde vive mais de metade da humanidade, constitui um grandíssimo desafio para Igreja e para toda a comunidade internacional. As ancestrais tradições culturais e religiosas locais, as atitudes ciosas da maioria dos regimes políticos em relação à influência e ao domínio ocidental, com que o cristianismo é geralmente identificado, bem como a complexidade dos relacionamentos com o resto do mundo, explicam o baixo número de cristãos, que não chegam a 3% da população. Mas, nas fervilhantes sociedades asiáticas, encontram-se comunidades eclesiais vivas e significativas, que assumem sem complexos o seu carácter minoritário e se colocam numa atitude missionária, não baseada no poder dos meios, mas no testemunho da vida e, não raramente, no meio de todo o tipo de obstáculos e, até mesmo, de perseguições. Basta mencionar a situação da Igreja na Índia, China, Coreia e Indonésia, para não falar da situação das Filipinas e de Timor Leste, onde os cristãos são majoritários. À medida que a velocíssima evolução económica, social e política deste continente se vai afirmando, abrem-se certamente novos horizontes para a evangelização. Mas, mais do que em qualquer lugar, são necessários aqui novos modelos, que tragam o Evangelho, sem pretender impor a cultura e a influência ocidental, de modo a plantar realmente a Igreja na sociedade asiática.

3.4 *Eurocentrismo versus universalidade*

Gostaria de incluir, nesta breve panorâmica sobre a mudança de paradigmas, quatro observações de carácter mais genérico. A primeira refere-se ao eurocentrismo ou à convicção da supremacia ocidental incluindo a América do Norte que tem dominado, sem grande questionamento, o pensamento deste lado do mundo, a nível político, cultural e também eclesial. É uma atitude resultante do domínio colonial dos séculos passados, reforçada pela exuberância da economia e da técnica, que se reflecte nos mais diversos sectores da vida política, científica e cultural. Mas esta é uma situação que está a mudar rapidamente, a começar pela economia. Já no próximo ano, a indústria transformadora chinesa deve ultrapassar o volume da dos Estados Unidos e o peso estratégico dos países emergentes, como a China, Índia e Brasil está a mover os braços da balança dos equilíbrios planetários. Além disso, os modelos culturais europeus, sem deixarem de exercer uma grande atracção nos outros continentes, começam a conhecer a concorrência das culturas locais, quando não são directamente rejeitados ou considerados decadentes ou superados.

Esta mudança de mentalidades tem muito a ver com a Igreja e com a sua missão. Mercê do seu percurso histórico e apesar de a maioria dos cristãos se encontrar hoje no hemisfério sul, o peso das instituições eclesiais e dos centros de reflexão e de decisão da Igreja, bem como dos seus recursos económicos, concentram-se no hemisfério norte, sobretudo na Europa. Não se trata apenas de um factor geográfico, mas de uma mentalidade que envolve todos os sectores da vida e da organização da Igreja.

A situação está a mudar rapidamente, mercê, antes de mais, da deslocação geográfica dos recursos humanos no seio da Igreja. Nos institutos de vida consagrada, por exemplo, para além da responsabilidade das províncias missionárias estar a passar

progressivamente para as mãos de religiosos e religiosas locais, também a nível das sedes dos respectivos governos gerais, a multi-culturalidade vai-se tornando cada vez mais evidente. O esforço de formação e especialização de pessoas, em todos os continentes, apresenta hoje novas possibilidades de escolha de especialistas nas diversas matérias e de responsáveis pela vida da Igreja e dos institutos religiosos, contribuindo para uma mais equilibrada visão do mundo e da Igreja. É necessário, não apenas sofrer ou suportar esta evolução, mas sobretudo assumi-la e utilizá-la para criar uma Igreja mais universal, mais enriquecida pela diversidade das culturas que a compõem e também mais descentralizada e fraterna.

3.5 Globalização e universalidade do Evangelho

O segundo elemento desta mudança de perspectiva é a chamada globalização. Tanto se tem discursado sobre esta realidade invasora e incontornável, que não me demoro a descrever os aspectos positivos e negativos dos novos sistemas de comunicações, interdependências e intercâmbios humanos e culturais que determinam a vida hodierna no nosso planeta. É certamente um mundo pleno de novas oportunidades e novos riscos que não pode ser deixado à espontaneidade dos seus próprios dinamos, mas que precisa de ser orientado para que não se converta numa nova selva regida apenas pela lei do mais forte.

Muito antes de se falar da globalização, a Igreja viveu essa realidade universal, particularmente através da missão dirigida a todos os povos. As novas possibilidades de comunicação, de deslocação e de intercâmbios, embora aliadas à multiplicação de barreiras e a fenómenos preocupantes de xenofobia e de nacionalismos exacerbados, apresentam renovadas oportunidades de encontro, de solidariedade e de missão, contribuindo para desfazer equívocos e preconceitos e tornar mais imediata a experiên-

cia da universalidade da Igreja. Ao mesmo tempo, a experiência internacional e inter-cultural da missão, no sentido de encontro e solidariedade entre raças e continentes, constitui um elemento positivo para evitar os efeitos nocivos da globalização, fazer ouvir a voz dos mais fracos e lutar pela justiça, o direito e a paz. A missão pode realmente contribuir para “dar coração” à globalização.

3.6 Os movimentos migratórios

Ligado ao fenómeno da globalização, as migrações humanas constituem, hoje, uma realidade muito importante nos equilíbrios planetários e na visão do futuro da humanidade, à qual a missão da Igreja não pode ficar indiferente. No passado, as grandes migrações humanas deram sempre azo à criação de novas realidades políticas e culturais, umas vezes de modo pacífico, outras com recurso a formas destruidoras de violência. Pense-se nas deslocações das tribos do Oriente que deram origem à Europa de hoje e, a partir das descobertas, nas migrações europeias para as Américas e a África. Hoje, as migrações fazem-se em sentido inverso, desses mesmos continentes, em direcção à Europa e à América do Norte.

A migração de Norte para Sul deu ocasião a um grande movimento missionário e á implantação da Igreja nos novos continentes. O alcance das actuais migrações do Sul para o Norte do planeta está ainda para verificar, mas o que a Igreja não deve é alhear-se deste fenómeno. A sua experiência missionária pode ser muito útil neste contexto. A multi-culturalidade encontra-se, agora, em nossa casa e esta situação precisa de uma acção pastoral específica e uma mudança de mentalidades: queremos apenas assimilar estas pessoas nas nossas comunidades e instituições ou desejamos que tragam um contributo novo para as nossas igrejas e para a nossa sociedade? As recentes migrações, que

sem dúvida vão continuar, representam uma ocasião preciosa de revitalização de muitas igrejas adormecidas do Norte, bem como de colaboração com as novas igrejas do Sul, de onde provém a maioria dos imigrantes.

3.7 Uma nova mentalidade eclesial

Mas a mudança de paradigmas não é fruto apenas de factores externos à Igreja. A nova mentalidade eclesial gerada com o Concílio Vaticano II contribuiu para que os cristãos não fossem simples espectadores passivos do cortejo da história, mas nele tomassem um papel activo. Não se trata de recuperar privilégios ou poder político do passado, com que alguns ainda sonham, mas de apresentar-se como proposta de valores humanos, sociais e espirituais, como voz dos que clamam por justiça e dignidade, como semente de esperança para a construção de um mundo fraterno e solidário, na diversidade das suas culturas.

Particularmente no que diz respeito à missão, a Igreja vai redescobrir e aprofundando, com avanços e recuos, o seu papel de anunciar sem impor, de não pretender ser senhora, mas de tomar o seu verdadeiro lugar de serva, particularmente em relação àqueles que são deixados à beira da estrada. A parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,30-37) esse estrangeiro que, nos caminhos da humanidade, se enche de compaixão pelo que cai vítima de gente sem consciência constitui uma sugestiva imagem da missão, nos caminhos da globalização da humanidade.

Sem renunciar à fidelidade à herança recebida, há lugar para o respeito pela diversidade que enriquece a sua unidade e universalidade, bem como para o diálogo com outros credos e tradições religiosas, buscando pontos de encontro e de colaboração.

Apesar de todas as debilidades, hesitações e perigos de involuções saudosistas, a Igreja em que nos é dado viver, hoje, não tem que invejar os séculos passados. Precisamos, sim, de tomar

consciência da importância do tempo em que vivemos, de abriremos ao Espírito que não deixará de nos acompanhar, para fazer face aos desafios que se nos deparam e criar perspectivas novas no início deste terceiro milénio do Evangelho.

4. Desafios e perspectivas

4.1 *Partir de Cristo*

O primeiro desafio da missão é partir do fundamento que é Cristo. Neste ano paulino, é oportuno regressar às motivações e perspectivas missionárias do grande apóstolo dos povos: “O amor de Cristo nos impele...” (2Co 5,14). Não há outra motivação válida para a missão a não ser o amor de Cristo, vivido e oferecido. Todas as outras estratégias, programas e motivações caem, cedo ou tarde, quando não corrompem mesmo a autenticidade do anúncio do Evangelho. E, se é verdade que existem muitas razões para as crises da missão e dos missionários, acaba-se sempre por chegar à falta de comunhão com Cristo, que cria pessoas novas, à sua imagem, estabelece as prioridades da missão e forja os modelos pelos quais ela se deve realizar.

É na configuração com o Senhor Jesus que se entende o fazer da vida um dom e um serviço para os outros, não de forma autoritária, interesseira ou paternalista, mas através da partilha da própria vida daqueles a quem se leva o Evangelho de Cristo: “Ele, que era de condição divina... despojou-se a si próprio, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens...” (Flp 2,6-7); ou, como diz a carta aos Hebreus, solidário conosco e capaz de se compadecer da nossa debilidade, porque se fez “igual a nós excepto no pecado” (Hb 4,15). Esta solidariedade com a pessoa, em nome e segundo o estilo de Cristo, é a base da missão. A essa luz se entendem tantas outras dimensões da vocação missionária, como a justa inculturação e a universalida-

de, a solidariedade com os mais débeis e a denúncia profética da injustiça, a misericórdia para com os que sofrem a pobreza, a exclusão e a doença, e sobretudo a oferta da própria vida, como testemunho e continuação da missão de Cristo.

Evidentemente que esta é uma atitude a cultivar pessoal e comunitariamente, mas é também um caminho de formação e de aprendizagem que há que desenvolver. A formação dos missionários para uma sólida vida espiritual aliada a uma visão correcta da Igreja e do mundo é fundamental, num mundo em constante evolução, que apresenta desafios complicados e pede respostas que abram caminhos válidos para o futuro.

4.2 A missão no centro da vida da Igreja

A partir da centralidade de Cristo se entende a urgência de voltar a colocar a missão no centro da vida das comunidades cristãs. Particularmente nas igrejas de antiga tradição, há que fugir à tentação de limitar-se a administrar a comunidade já existente ou de converter-se em agências de serviços religiosos, para um grupo de fiéis sempre mais reduzido e envelhecido. Há que tirar as consequências de já não sermos uma “sociedade cristã” e assumir-se como semente e proposta de Evangelho. Como repetia insistentemente o Pe. Leão Dehon, fundador dos Dehonianos, “é preciso sair das sacristias”. Este convite é dirigido ao clero, religiosos e leigos, a toda a comunidade. Neste aspecto, as comunidades de recente evangelização têm uma postura muito mais activa, atribuindo-se um papel crucial de proposta evangélica para fora de si próprias, em direcção às sociedades onde se inserem. É preciso que esta atitude contagie toda a Igreja, pois a urgência da missão encontra-se em todo o mundo.

A percepção de não sermos uma cristandade que domina a sociedade pode ser uma oportunidade para desenvolver uma nova tomada de consciência da própria comunidade cristã e do

seu relacionamento com o mundo. O assumir-se como pequeno rebanho amado e cuidado pelo seu pastor (cf. Lc 12,32) e como fermento e semente (cf. Mt 13,31-33) destinados a oferecer nova vida ao mundo constituem a base para a verdadeira missão, baseada no dom, no serviço e na confiança no poder de Deus e na presença do seu Espírito.

4.3 Missão de todas as Igrejas, para todo o mundo

Por outro lado, há que redimensionar a ideia tradicional de uma missão a partir das igrejas do Norte em direcção Sul, como vimos anteriormente. Hoje a missão é de todas as Igrejas, para todo o mundo. As Igrejas de recente evangelização têm de consciencializar-se de que o dom que receberam é para ser comunicado. Na missão não há nunca uma estação final de destino, mas cada estação do comboio da história e da geografia se converte num ponto de partida para novas direcções e destinos. Esta perspectiva de intercâmbio missionário é uma lídima expressão da universalidade e solidariedade da Igreja, sem paternalismos nem complexos, ao mesmo tempo que permite responder aos novos desafios da globalização, das migrações e da multi-culturalidade que caracterizam as grandes metrópoles dos nossos dias.

O intercâmbio missionário, já em curso (veja-se a quantidade de sacerdotes e religiosas/as, que estão ao serviço das igrejas de fundação mais antiga, nos países europeus) deve, porém, ser bem entendido e purificado de interesses espúrios, para se tornar realmente um serviço ao Evangelho. Há que evitar, por um lado, que as Igrejas com maior capacidade económica sejam, por esse motivo, recrutadoras privilegiadas de “mão de obra pastoral”, para manter de pé estruturas do passado, adiando a sua necessária renovação. Por outro lado, também não ajuda a real solidariedade entre as igrejas, o voluntarismo ou interesse de pseudo-missionários, desligados das próprias igrejas ou institutos de origem, que partem

como franco-atiradores solitários, para outros países, sem nunca chegarem a inserir-se realmente numa nova realidade pastoral. Pelo contrário, a solidariedade organizada entre igrejas de diferentes continentes e latitudes, com intercâmbio de recursos humanos e materiais, vai-se revelando um válido elemento de implementação da comunhão e da missão universal de toda a Igreja.

Os institutos religiosos, pela sua composição e experiência internacional, podem ter um papel importante neste intercâmbio, em ligação com as igrejas locais, identificando necessidades, coordenando recursos e facilitando a correcta inserção apostólica de missionários de origens diversas através do seu enquadramento comunitário. Mas, para isso, é necessário que também eles, sob a pressão da falta de vocações no hemisfério norte, não caiam na tentação de recorrer aos irmãos e irmãs do Sul (quando não a simples candidatos recrutados à pressa), como mão-de-obra acessível, para “tapar buracos” e manter de pé obras inadaptables à situação presente ou para encher estruturas formativas vazias. Pelo contrário, a experiência recente vai demonstrando a validade de iniciativa de colaboração internacional, viradas, não simplesmente para manter estruturas, mas para criar novos projectos de revitalização de regiões mais envelhecidas dos institutos religiosos, responder a necessidades pastorais concretas, particularmente no domínio das migrações e da multi-culturalidade ou desenvolver programas de formação internacional.

4.4 Comunidade e missão

Passar do paradigma de cristandade para o de semente e fermento no meio da sociedade pode contribuir também para fomentar o espírito de comunidade e de participação dos leigos na evangelização. No modelo tradicional europeu, a vida das comunidades repousava sobre um corpo bem organizado de clérigos, que eram, por assim dizer, os produtores de religião para o con-

sumo dos “fregueses”, que, ao máximo, eram seus “colaboradores”. Quem conhece minimamente a realidade missionária nos outros continentes, sabe bem como os missionários presbíteros, na maior parte dos lugares, visitam as comunidades umas poucas vezes por ano, estando a vida e organização dessas comunidades entregues à generosidade de catequistas e outros líderes comunitários, bem como ao precioso trabalho de religiosas. Embora este modelo, gerado pela falta de padres e pelas distâncias, apresente muitas carências, não há dúvida que acaba por favorecer a formação de comunidades muito mais vivas e fraternas do que quando se verifica a dependência de uma única pessoa que é responsável por tudo. Sabemos como este modelo de comunidades de base deu um grande e duradouro impulso, não apenas à difusão do Evangelho, como também à promoção do desenvolvimento social e à consciencialização política na defesa da dignidade e da justiça, para além de ter permitido a sobrevivência de inúmeras comunidades cristãs, durante decênios de guerra, sem nenhuma assistência de padres, por exemplo em Angola e Moçambique.

Desde o início da difusão do Evangelho, após o Pentecostes, a comunidade em si mesma constitui uma proposta e um testemunho do Senhor ressuscitado, que atrai aqueles que com ela contactam. A fraternidade e o amor, e não os trajes, cruces ou outros sinais, não-de constituir a identificação da comunidade daqueles que o Senhor Jesus: “Todos não-de reconhecer que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Esse dinamismo não se esgotou, hoje, também nas sociedades ocidentais. Pelo contrário, vemos como os movimentos, no interior da Igreja, e os grupos, no contexto paroquial, constituem, na actualidade, os ambientes onde se encontram, se formam e se inter-ajudam os cristãos mais activos e empenhados, nas próprias comunidades e na missão fora delas. É importante que os cristãos se sintam sujeitos, com voz e vez, integrados numa comunidade, e não simples objectos da direcção de outros. Estou convencido de que a reevangelização do mundo moderno, em qualquer latitude,

tem de passar por uma igreja mais comunitária e mais fraterna. O modelo de assistência passiva a um “espectáculo litúrgico”, protagonizado por um único actor, tem cada vez menos audiência. Enviando os discípulos dois a dois, Jesus indica o modelo da missão que deles pretende: os missionários devem ser enviados por uma comunidade, para formar comunidades fraternas e vivendo o espírito comunitário de quanto anunciam. Não se trata de desvalorizar o papel dos ministérios ordenados, mas há que entendê-los e inseri-los realmente no contexto dos outros ministérios que concorrem, em conjunto, para a vida e o crescimento da comunidade eclesial.

Neste contexto, merece especial referência o auspicioso desenvolvimento da participação activa de leigos na missão, tanto no seio das próprias igrejas locais, como na colaboração além-fronteiras. Não sendo embora uma novidade absoluta, esta forma de voluntariado missionário vai-se desenvolvendo, particularmente ao redor das congregações missionárias e movimentos eclesiais, abrindo perspectivas interessantes de benéfica cooperação entre as igrejas e despertando, sobretudo os jovens, para o valor de outras culturas e para o dom de si próprios em favor de um mundo mais justo e fraterno, em nome do Evangelho. Para que estas iniciativas não se fiquem por uma espécie de “turismo missionário”, é necessário cuidar da preparação humana e espiritual e do apoio àqueles que participam em missões deste tipo, para que possam realmente inserir-se num projecto de missão e não ficar apenas como colaboradores externos. A experiência mostra que, quando estas iniciativas são bem conduzidas e sobretudo quando envolvem as comunidades cristãs de origem e de destino da missão, têm um resultado muito positivo, tanto para os que nelas participam, como na nova sensibilidade e co-responsabilidade eclesial que originam.

4.5 Igrejas locais e comunhão universal em Cristo

A missão dos últimos séculos levou à formação de numerosas igrejas locais, em muitos países que acederam recentemente à independência. Este facto representa uma enorme riqueza e um fascinante desafio para a vida e o futuro da Igreja no seu conjunto. Estão relativamente ultrapassados os antigos esquemas de dependência das “igrejas da metrópole” e as novas igrejas têm-se afirmado, com os seus líderes e dinamismo próprio, fazendo frente às dificuldades e porfiando no esforço de expressão da fé nas suas próprias culturas. O período que estamos a viver representa, para muitas destas novas igrejas, a passagem da época missionária, fundamentalmente protagonizada por missionários estrangeiros, para a consolidação da vida eclesial local.

Este é um momento delicado e importante para o futuro destas igrejas que requer, da parte de todos os intervenientes, espírito eclesial fraterno e generoso. Os missionários têm de assumir-se não como os senhores das comunidades que lhes são confiadas, mas como estando ao serviço de uma igreja já presente e activa, com os seus serviços e ministérios. É, pois, natural e desejável que sejam os filhos desta igreja a assumir a responsabilidade fundamental da sua gestão, desde que para isso estejam preparados. Por outro lado, é importante que as igrejas locais se capacitem de que, na Igreja de Cristo, não há estrangeiros: “Em Cristo, não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher...” (Gl 3,28). Todos são membros de pleno direito da igreja onde vivem e exercem o seu ministério e a todos podem ser pedidos serviços de responsabilidade para o desenvolvimento das comunidades cristãs.

Em vez de serem consideradas um limite, a presença multicultural e a diversidade de nacionalidades hão-de ser vistas como riqueza e vantagem para cada igreja, em qualquer parte do mundo. Tal diversidade enriquece a igreja local com a experiência de outras igrejas, torna visível a universalidade do Evangelho e representa também um antídoto contra todas as formas de tribalis-

mo, etnocentrismo e regionalismo. De facto, a exacerbação dos nacionalismos conduz, com muita frequência, à desintegração das comunidades em grupos étnicos, tribais ou regionais, que contradizem o espírito do Evangelho e tornam impossível a vida da comunidade cristã.

Muitos institutos religiosos estão, neste momento, a viver esta fase de passagem da época missionária à constituição de entidades locais, geridas por irmãos e irmãs autóctones e experimentando estes mesmos tipos de desafios. Na minha Congregação existem várias situações deste tipo. Pelos motivos acima mencionados, costumo dizer, a este respeito, que gostaria muito que todas as províncias do Instituto fossem geridas maioritariamente por confrades locais, mas desejo igualmente que nenhuma delas seja mono-nacional ou mono-cultural. Também aqui, os institutos religiosos podem ter um papel importante na formação da mentalidade das igrejas onde estão presentes, se se afirmarem como comunidades multi-culturais e multi-nacionais, capazes de se inculturar onde vivem e trabalham, sem perder de vista a comunhão multi-cultural da Igreja.

4.6 Missão e diálogo inter-religioso

Um tema muito sensível nos nossos dias é o da relação entre missão e diálogo inter-religioso. Infelizmente os conflitos de índole religiosa e a instrumentalização dos sentimentos religiosos, aliados a campanhas étnico-nacionalistas, não constituem apenas temas da história passada, mas continua a ensombrar dramaticamente a realidade deste início de milénio. A esta luz, não falta uma opinião pública que questiona mesmo a legitimidade da acção missionária, que é frequentemente descrita como proselitismo invasor das crenças de cada povo e que, sobretudo no ocidente, se interroga se o mundo não seria melhor sem religiões. Em muitas partes do mundo, os cristãos experimentam as con-

sequências destes conflitos, tendo de enfrentar toda a espécie de dificuldades e mesmo dura perseguição, para viverem e exprimirem a própria fé. Estas situações são frequentes sobretudo nos países de tradição islâmica e, recentemente, em vários estados da Índia, para não falar dos regimes totalitários que ainda defendem a legitimidade de determinar aquilo que deve pensar a própria população.

A Igreja tem na sua história uma larga experiência de perseguição e de atitudes de imposição violenta da fé, não só sofrida, mas também exercida. Os repetidos pedidos de perdão feitos oficialmente, nos últimos anos, em relação a muitas destas situações testemunham a visão crítica de um passado que não se pode mudar, mas que pode ajudar a construir um futuro diferente. Por isso, no contacto missionário com o mundo, é importante desenvolver, a nível teológico e prático, uma atitude de respeito e de colaboração para com as outras tradições religiosas e para com os diferentes modos de pensar. O conhecimento das grandes tradições religiosas onde se actua e a preparação para o diálogo ecuménico e inter-religioso constituem, hoje, um imperativo da missão.

Por outro lado, a experiência histórica em todos os quadrantes demonstra que, onde não se deixa à pessoa humana a liberdade de pensar e de seguir os ditames da própria consciência, dentro do respeito pelos direitos dos outros, a liberdade e a dignidade humana ficam em grave perigo. Infelizmente, onde se procura suprimir a liberdade de exprimir e propor a própria fé, muitos outros direitos da pessoa humana são igualmente amachucados. Não por nada, a liberdade religiosa consta dos principais artigos dos direitos da pessoa humana, constituindo uma meta que os Estados fixaram para a própria actividade política.

Para além do natural desejo e do direito de partilhar e propor o próprio pensamento e a própria crença, a defesa e afirmação do direito de viver, exprimir e propor a própria fé é um serviço à liberdade, à democracia e ao justo relacionamento entre os povos e nações. Para que tal seja possível, é importante, porém, que a missão

da Igreja se dispa de qualquer forma de violência, fazendo-se profecia da palavra que se anuncia sem temor e dom da vida que se oferece e que, exactamente porque não se impõe, pode ser aceite com alegria e criar relacionamentos de fraternidade e de paz.

Conclusão

A jeito de conclusão, gostaria de deixar uma parábola que pode exprimir muito daquilo que procurei transmitir sobre a missão no contexto actual da Igreja e sobre as perspectivas de futuro. Ela aplica-se, antes de mais, às igrejas de evangelização mais antiga, mas igualmente a muitas situações e mentalidades da Igreja em todo o mundo.

Um grande proprietário tinha um numeroso e fecundo rebanho. Tendo organizado e providenciado pastores para cuidarem das ovelhas, viajou para outras paragens a tratar de outros rebanhos.

Um dia voltou e foi inteirar-se do seu primeiro rebanho. Viu que tinham substituído a cerca de madeira tosca do antigo redil por um grande e elegante muro bem decorado, criado novas e mais cómodas instalações, estruturado e automatizado os cuidados das ovelhas, para que nada faltasse e até tinham exportado o modelo para outras terras, onde tinha conhecido sucesso. Mas, abrindo o pesado e solene portão, o senhor encontrou o recinto meio vazio. No andar superior, um grupo de pastores, muito nervosos, discutia as razões e soluções da crise, enquanto, em baixo, no amplo pátio, outros pastores se afadigavam com toda a sorte de estruturas e serviços, ajudados por umas ovelhas, a maioria de idade avançada, que baliam o melhor que sabiam, para animar um grupo de cordeirinhos, sempre de olho posto na porta.

Foi ter com eles e perguntou-lhes:

- Onde estão os outros? E vocês, porque razão não se foram também embora?

Alguns reconheceram-no e, com um misto de saudade, alegria e nova esperança, responderam:

- Estávamos à espera; sabíamos que havias de voltar.

Ele olhou-os com carinho e, no seu coração, passou o nome de cada um deles, porque os conhecia a todos. Depois, chamou os pastores, juntamente com as ovelhas e criticou a sua timidez e falta de iniciativa, ao mesmo tempo que lhes infundia novo ânimo:

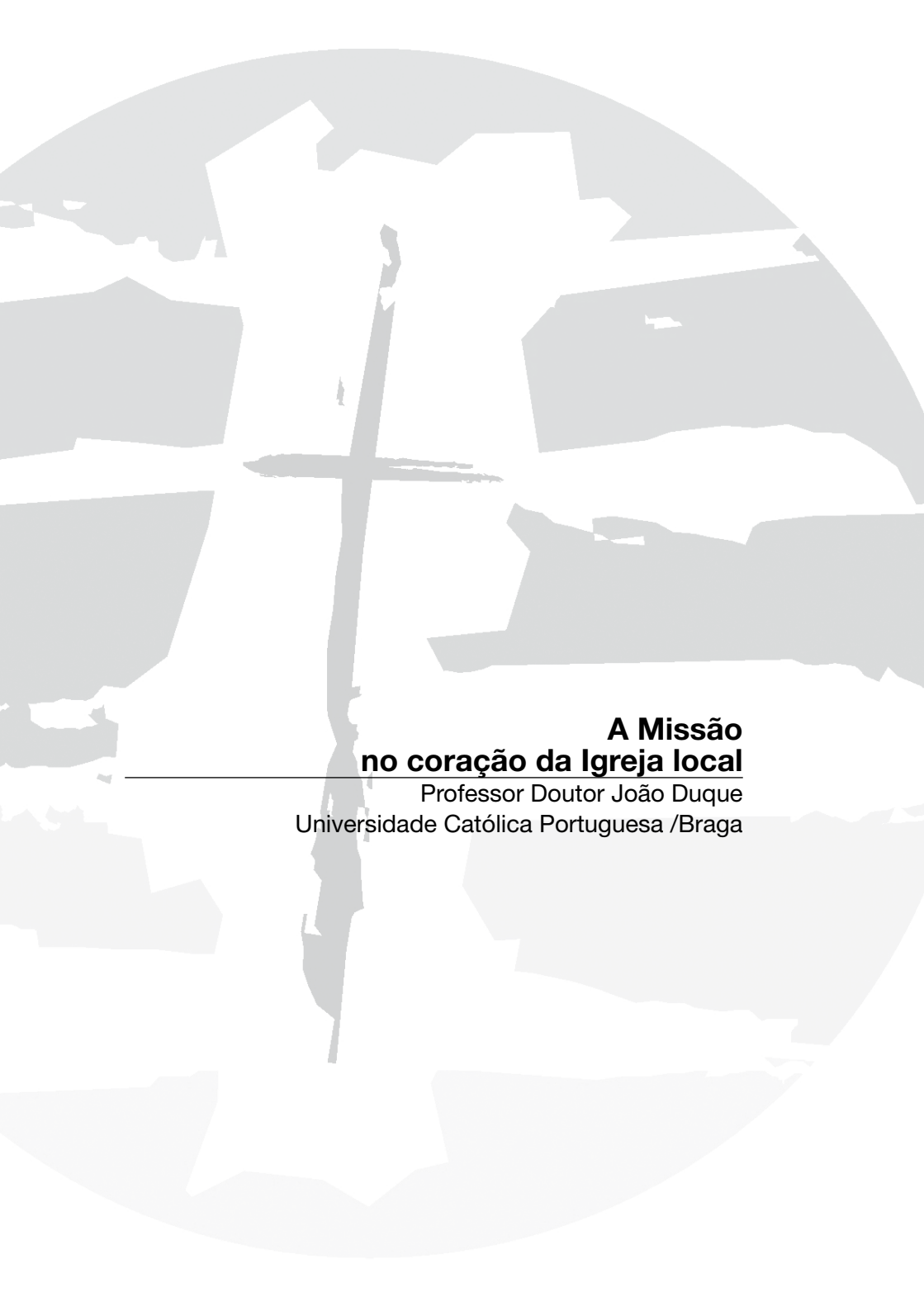
- Não vêem que esses muros e essas estruturas, que tanto vos dão a ideia de segurança força e comodidade, impedem que a voz do pastor e o balir das ovelhas de dentro chegue às que estão lá fora e que vocês mesmos se dêem conta do que se passa no resto do mundo? Saiam daí; venham comigo; abram essas portas!

Quando abriram, o grupo estremeceu, sacudido por uma forte rajada de vento, que trazia odores e convites de outros campos e outras cidades. Alguns ainda objectaram que eram poucos, mas ele respondeu:

No meu primeiríssimo rebanho eram muito menos. Nenhum rebanho é pequeno se segue o bom pastor que lhe dá vida. Vocês, pastores, gritem bem alto o meu pregão, mas façam igualmente coro com as ovelhas. Façam ouvir, juntos, o vosso canto, dizendo que estou de volta. Outros não-de escutar e querer juntar a sua à vossa voz.

E foram pelos caminhos e praças, gritando e balindo, à procura das ovelhas que se tinham perdido e de outras que nunca sequer tinham ouvido aquela música.

Com surpresa, foram-se dando conta que, aqui e ali, havia grupos que cantavam partes das melodias de sempre do rebanho, embora nem soubessem da sua origem e, por vezes, tivessem introduzido variações, algumas mais apropriadas que outras. E começaram a verificar que, sem perder a entoação original, era possível fazer novos coros, que curavam feridas do corpo e da alma e infundiam alegria, força e esperança no coração da gente.



A Missão no coração da Igreja local

Professor Doutor João Duque
Universidade Católica Portuguesa /Braga

Se me é permitido, gostaria de começar a minha singela reflexão precisamente pelo meio, ou seja, pelo centro. Antes de mais, pelo centro do próprio título. Nesse centro, isto é, no seu cerne ou coração, encontra-se precisamente a palavra «coração». Pode parecer por acaso, de forma mais ou menos supérflua. De facto, poderíamos prescindir desse termo e o significado do título seria sensivelmente o mesmo. Pelo menos assim poderia parecer, uma vez que aquilo que, com este título, se pede seja abordado creio ser o significado da missão na Igreja local. Assim, teremos que pensar sobre a relação entre missão e Igreja local. Mas que o seu centro seja precisamente o coração, pode não ser insignificante e convém começar por reflectir brevemente sobre o assunto.

De facto, quando metaforicamente chamamos a algo «coração», queremos significar que essa realidade é, para nós, muito importante, a ponto de fortemente nos afectar e, por essa afectação, desenvolver em nós uma relação de afecto e de cuidado. Cuidamos afectuosamente, melhor que tudo o resto, aquilo que, para nós, constitui o nosso coração – ou aquilo onde está o nosso coração. E é precisamente por isso que o nosso coração está lá.

Mas, não o cuidamos afectuosamente por mero sentimentalismo fugaz ou por mera inclinação subjectiva, como se de um apego mórbido se tratasse. O coração é algo em si mesmo digno de afecto, porque é importante; e é importante, precisamente, porque é o centro, o cerne de tudo o resto. O coração de

algo é, assim, o seu principal centro, porque é a sua verdade. É por isso que, cada pessoa humana, pelo menos em contexto bíblico, é referida pelo seu coração. O seu coração é aquilo mesmo que ela é, em verdade, ao que correspondem as suas numerosas manifestações. O coração representa a pessoa, enquanto forma orgânica completa. Assim, quando falamos do coração de algo ou de alguém, falamos da sua essência, como fundamento de todos os modos da sua manifestação, ao longo da sua história.

Já vemos, então, porque é que o termo coração, no coração do nosso título, não é um termo ao acaso, mas pretende, precisamente, situar-nos ao nível do coração da Igreja, isto é, ao nível daquilo que constitui a sua verdade e, assim sendo, é digno de ser acarinhado afectuosamente, porque é o mais importante. E esse coração é precisamente a missão. Por isso, o próprio título já nos afirma que a missão deve cuidar-se com afecto, *porque* corresponde à verdade da própria Igreja. Mas, o que é a missão – qual o seu coração? E porque está no coração da Igreja? E como está ela na Igreja local? Estas questões dão o mote para as duas partes fundamentais desta minha intervenção: uma sobre a noção de missão e a outra sobre o seu lugar na Igreja local.

1. Missão: o envio como essência

Ora, uma primeira e imediata resposta à primeira questão poderia ser formulada do seguinte modo: a missão é, originariamente falando, o coração do próprio Deus, a sua verdade – e, ao mesmo tempo, é a verdade da sua relação ao mundo. Nisso reside o coração da missão e nisso reside, também, a razão de ela ser o coração da Igreja. Por isso, não podemos reflectir a sério sobre a missão no coração da Igreja, sem começar com uma breve reflexão sobre a noção de missão no coração do próprio Deus.

Como é sabido, o cristianismo é a única tradição religiosa que professa a fé em Deus uni-trino¹. A Trindade é, por assim dizer, a diferença específica do conteúdo da fé cristã. E confessar que Deus é uni-trino é o mesmo que confessar que Deus é amor, como tão claramente afirmam os textos neotestamentários da tradição joanina. Não se afirma, apenas, que Deus ama – que ama a sua criação e, no seu interior, nos ama – pois isso pertence à comum ideia de Deus, mais ou menos presente em todas as religiões (mesmo que variem as difusas noções de amor, assim como de Deus, enquanto fonte desse amor). Que Deus é amor é uma afirmação sobre o ser do próprio Deus, sobre a realidade primordial da identificação do ser com o amor, o que só acontece em Deus. Mas, o que significa dizer que Deus é amor?

Se, como vimos, significa dizer que é uni-trino, significa então dizer que Deus é, em si mesmo e enquanto único Deus, Pai, Filho e Espírito. O ser-Pai, o ser-Filho e o ser-Espírito são relações pessoais que constituem, não três deuses em concorrência ou mesmo conflito potencial, mas o mesmo e único Deus pessoal. Ora, isso só é possível, na medida em que o ser do Pai, do Filho e do Espírito não subsiste, em cada um para si, mas em cada um *a partir do outro e para o outro*. O Pai é a partir do Filho e para o Filho e vice-versa; e ambos são a partir do Espírito e para o Espírito. Este modo de ser *a partir do outro e para o outro*, sendo *com o outro*, é precisamente o único ser de Deus, ou seja, é o amor primordial e originário, do qual participam todas as outras modalidades do amor – e nós mesmos, como criaturas amadas e que amam.

Ora, *o que é a partir de outro e para outro, é enviado*. O enviado é aquele que não possui o seu ser em si mesmo, mas cujo ser lhe é dado, para ser dado. Ora, o modo de dar o ser, para ser dado, é precisamente o envio. Aplicando isso à Trindade, diria-

¹ A propósito do que se segue, aconselha-se a leitura de: AAVv, *Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo*, Actas do Congresso Internacional, Fátima, 2008.

mos que o Filho é enviado pelo Pai, para o Espírito. Este, por seu turno, é fonte de envio do Pai ao Filho. E o Pai e o Filho enviam o Espírito, como relação de amor, para cada um dos outros. Esse é o amor que constitui a essência de Deus. Porque, em Deus, amar não significa possuir nem possuir-se, mas enviar e ser enviado, despojando-se de si mesmo e da pretensão de possuir o outro. Amor significa, em Deus, ser dado por outro, gratuitamente, e dar-se a outro, gratuitamente.

Deste processo amoroso de envio mútuo, que faz com que cada pessoa da Trindade seja um enviado por alguém a alguém – e nisso reside a sua identidade – resulta o processo amoroso da relação à criação e ao ser humano. A criação surge como envio do Filho e do Espírito, no qual o próprio Pai se dá a algo e a alguém distinto de si, dando algo e alguém diferente de si mesmo. De um modo mais claro ainda, a história da salvação é a realização concreta desse envio permanente. E, no interior da história salvífica, a história de Jesus Cristo é a consumação do envio do Filho e do Espírito, numa realização histórica, e para nossa salvação, da sua essência eterna de enviados do Pai.

Por isso, a história da salvação assenta, também e por analogia com o envio de Deus a si mesmo e à sua criação, num permanente processo de envio: de Abraão, de Moisés, de todos os profetas, dos apóstolos, etc. O profetismo é, aliás, o modelo fundamental da missão bíblica, que se apresenta como paradigma humano de todo o envio: porque o profeta é um enviado de Deus – não é em nome próprio – a alguém diferente de si – não é para si mesmo². É, por isso, testemunha. E a dinâmica do testemunho é, precisamente, a dinâmica de toda a história da salvação, como

² Ver, a propósito: A. COURO, *Fundamentação bíblica da missão*, in: AAVV, *Diálogo, testemunho e profecia*, Actas do Simpósio sobre Missionaçãõ, Lisboa: Obras Missionárias Pontifícias, 2004, 17-44.

missão de Deus aos humanos e dos humanos uns aos outros³. Como profetas, os humanos (todos os humanos) participam da missão de Deus – participam do amor de Deus como envio – sendo, ontológica e pragmaticamente, seres a partir do outro e para o outro. E porque a verdade do próprio ser humano reside nesse ser-a-partir-de e nesse ser-para, então todo o ser humano é vocacionado a ser profeta, correspondendo assim à sua verdade de humano. Ou então, todos os humanos são, por essência, missionários, no sentido antropológico geral de que são seres originados – enviados – e dados para se darem. O ser humano é, portanto – mais do que puro animal racional, ou angustiado ser para a morte, ou simples sujeito de vontade – um ser determinado, na sua essência, pelo outro, seja quanto à origem, seja quanto à meta ou finalidade ou sentido. E é determinado pelo outro, através de uma *palavra* que chama, porque envia, confiando uma missão – e abrindo, com isso, o espaço para a possível liberdade da resposta⁴.

A *alteridade*, enquanto propriedade daquilo que é outro em relação ao si-mesmo, é então o elemento fundamental da missão: já em Deus, como vimos, assim como na relação de Deus à sua criação e aos humanos e deste a Deus, mas também na relação dos humanos com o resto da criação e, sobretudo, com os outros humanos. Ser outro, em relação ao si-mesmo, significa ser diferente e não idêntico. Então, ser enviado por outro e a outro ou para outro, significa ser enviado, na relação ao diferente. Em primeiro lugar, na relação a quem envia: o próprio Deus; a Igreja, em seu nome; um outro crente, que me interpela – quem envia é sempre diferente do enviado e não pode ser reduzido ao horizonte do enviado, caso contrário passa a ser este a enviar-

³ Sobre a «hermenêutica do testemunho», ver: P. RICOEUR, *L'herméneutique du témoignage*, in: Id., *Lectures*, vol 3, Paris, 1994, 105ss; J. DE SOUSA TEIXEIRA, *A hermenêutica do testemunho*, in: AA VV, *Falar de Deus hoje*, Lisboa, 1992, 15-48.

⁴ Ver, a este propósito, os interessantes contributos da fenomenologia de J.-L. Marion, J.-L. Chrétien e M. Henry.

se a si mesmo, para falar em nome próprio e não em nome de quem envia. Mas a relação ao diferente é também fundamental, quanto a todos aqueles e aquelas a quem o enviado é enviado. Porque ninguém é enviado simplesmente para si mesmo, para a sua identidade, para o mundo que é seu. O enviado – o missionário – é enviado, como Abraão, para uma outra terra, para o diferente e mesmo desconhecido, para o incómodo que, na sua diferença, coloca a identidade própria permanentemente em questão. Porque é preciso dar testemunho de uma alteridade diferente a uma alteridade igualmente diferente; ser missionário significa partir para o estrangeiro, ao encontro do estranho, anunciando algo que, radicalmente, permanece sempre estranho – mesmo que esteja em completa proximidade geográfica⁵.

Tudo isto é a missão, na sua raiz teológica e mesmo na sua raiz antropológica⁶. Mas qual a sua relação com a Igreja? Ou melhor, qual a relação da Igreja com a missão, assim entendida?

2. Igreja local: corpo universal

De uma forma mais ou menos imediata, poderíamos definir a Igreja como a comunidade daqueles humanos que, partilhando a fé em Jesus Cristo, se amam uns aos outros como irmãos, com base nessa fé. Isso seria, para simplificar, uma abordagem da Igreja a partir da categoria da «comunhão». Visivelmente, a Igreja vive da comunhão entre os seus membros; originariamente, nasce da comunhão com o próprio Cristo. O centro é colocado na comunicação e na dinâmica comunitária. Nesse sentido, a comunidade eclesial poderá caracterizar-se como uma comunidade

⁵ Nesse sentido, o estrangeiro é, metaforicamente, sempre já dentro da própria casa – até talvez dentro de cada sujeito.

⁶ Para um desenvolvimento teológico mais aprofundado, ver: J. NUNES, *Teologia da Missão. Notas e perspectivas*, Lisboa: Obras Missionárias Pontifícias, 2008.

diferente – e mesmo separada – de todos os outros modos humanos de constituir comunidade (mesmo que com eles partilhe muitos elementos). A Igreja seria assim, como comunidade de eleitos, de vocacionados que respondem positivamente ao chamamento, distinta de todas as outras comunidades religiosas humanas, assim como das comunidades políticas, sociais, desportivas, etc. Segundo esta perspectiva, o importante para a vida eclesial é a fidelidade à sua identidade – precisamente porque assim se distingue dos diferentes – a coesão e a comunicação interna à própria comunidade.

Tendencialmente, essa identidade, assim como a coesão interna, asseguram-se tanto melhor, quanto mais uniforme for o modo de existência dos seus membros. A comunhão interna de uma comunidade pode inclinar-se, por essa via, para a anulação da diferença e, no mesmo movimento, para o encerramento sobre si e sobre as suas regras próprias ou a sua gramática imanente. Segundo este modo de conceber, quanto mais perfeito fosse o funcionamento interior à comunidade, mais a comunidade corresponderia ao seu ideal de comunhão – no caso da Igreja, melhor corresponderia à sua verdade.

Mas qual é a verdade da Igreja? É claro que é, por participação analógica na verdade do próprio Deus uni-trino, o amor ou a comunicação entre os seus membros – aquilo que denominamos caridade, como primordial entre as virtudes teologais, a única que nunca passará. Mas, se olharmos mais de perto, como devemos definir esse amor, essa caridade? Precisamente como um modo de vida em que cada um se assume como dado a partir de outro e dado para outro – isto é, como enviado. Então, como compreender a dinâmica do envio, no contexto da comunhão interna à Igreja? Poderemos abordar o assunto a vários níveis.

1. É claro que, como em qualquer comunidade humana, a comunidade eclesial vive de relações interpessoais, isto é, de relações entre seres humanos diferentes uns dos outros. E o dinamismo originário dessas relações é precisamente o dinamismo

do envio: no interior da Igreja, todos somos o que somos – precisamente cristãos – a partir de outros (que nos transmitiram a fé) e para outros (pois a fé implica testemunho). E é assim que se constitui, precisamente, a comunidade eclesial, no seu processo de entrega ou *traditio* da fé, de geração em geração – do mesmo modo que a vida de Deus se constitui na relação entre Pai, Filho e Espírito.

2. Mas, a vida eclesial tem ainda uma outra origem, anterior à relação inter-pessoal dos seus membros. Antes disso, a Igreja provém do próprio Espírito de Deus – isto é, a Igreja resulta do envio do Filho e do Espírito, por parte do Pai. E isso porque a vida de Deus não é, simplesmente, vida para si, no jogo imanente e fechado entre o Pai, o Filho e o Espírito. As missões divinas são, ao mesmo tempo, missões para o mundo, dirigidas aos humanos, isto é, para fora de Deus, para o radicalmente diferente de si.

Então, na mesma ordem de ideias, a missão, enquanto característica da Igreja, não se limita ao envio de uns cristãos aos outros, de geração em geração, no interior da comunidade eclesial já constituída. Assim como Deus se envia a si mesmo ao mundo, assim a Igreja é enviada ao diferente de si mesmo, ao que não é ainda Igreja, ao exterior da comunidade eclesial. Nisso reside o núcleo da dimensão missionária da Igreja: porque esta é, tal como cada cristão que dela faz parte, enviada pelo diferente de si para o diferente de si. Nisso reside a sua verdade. E, no esquecimento desta dimensão fundamental reside, também, a sua falsificação ou infidelidade. Nesse sentido, a Igreja ou é missionária ou não é a Igreja de Jesus Cristo, como claramente têm salientado muitos documentos do magistério recente.

3. Mas, quando falamos de Igreja, de que estamos a falar, em concreto, isto é, do ponto de vista real e visível? É claro que falamos de pessoas de «carne e osso» (corpóreas), relacionadas umas com as outras segundo determinados modos. Esse relacionamento constitui aquilo que podemos denominar comunidade eclesial. A Igreja é um modo de relação entre os humanos, a partir de um modo de relação com Deus. Ora, qual-

quer relacionamento entre humanos só acontece dentro de limites de espaço e de tempo. É claro que esse relacionamento pode expandir-se, por diversos modos, no espaço e no tempo, para o passado e para o futuro, assim como para lugares não presentes, sobretudo através da memória e da imaginação, assim como através de meios tecnológicos. Mas o modo básico de relacionamento entre humanos – que, como base, é pressuposto em todos os modos de relação indirecta, que são sempre mediados, por isso, mediáticos – é o relacionamento da presença corporal, comum àqueles que habitam o mesmo espaço e o mesmo tempo: é o relacionamento «corpo-a-corpo»⁷.

Assim sendo, falar de Igreja como dinâmica de relações humanas, na relação com Deus, significa falar em comunidades humanas que habitam espaços e tempos determinados. A isso chamamos Igreja local – e toda a Igreja é local, não existindo uma Igreja que o não seja. Por isso, quando falamos de Igreja local, falamos da Igreja que realmente existe, a única que verdadeiramente existe. E quando falamos de Igreja universal, falamos de uma dimensão dessa mesma Igreja local, não de uma outra Igreja, ou de uma outra parte da Igreja. Assim, toda a Igreja – e a Igreja toda – existe como comunidade local. Na estrutura habitual e mais conhecida da Igreja, a comunidade básica é a paróquia. Essa é a Igreja local real. A relação de paróquias, na relação a um bispo – elemento fundamental na estrutura eclesial – origina uma diocese ou Igreja particular. Cada diocese, porque é uma comunidade de cristãos relacionados entre si e com o respectivo bispo (em comunhão com os outros bispos, unidos ao bispo de Roma), é a presença real da Igreja completa.

4. Qual o papel, então, da universalidade da Igreja – denominada, ambigualmente, «Igreja universal»? Qualquer Igreja, como co-

⁷ Para uma apologia do carácter originário desta relação «corpo a corpo», ver: J. DUQUE, *Cultura contemporânea e cristianismo*, Lisboa: UC Editora, 2004, sobretudo cap. 5.

munidade local, pode facilmente limitar-se aos horizontes da sua localidade. A afirmação absoluta de si mesma coloca a própria comunidade como centro de tudo. O próprio «deus» invocado se converte, facilmente, no «deus» da comunidade, ou na comunidade como «deus». Dessa localização radical resulta o mais puro tribalismo. E a raiz de todo o paganismo é, precisamente, a fundamentação de tudo nos «deuses» tribais, isto é, na afirmação de cada tribo como absoluto divino, horizonte máximo de sentido para os seus membros.

É esse paganismo tribal – a que Israel nem sempre conseguiu escapar – que o cristianismo sempre combateu, muitas vezes com o preço da vida de muitos cristãos. Porque o Deus confessado pelos cristãos é um Deus de todos, que envia e se envia a todos – é universal e instaura, por isso, um dinamismo universal. Nesse sentido, a relação verdadeira com Deus só pode ser vivida na fidelidade ao dinamismo universalizante e na recusa de qualquer tribalização, seja por encerramento da comunidade sobre si mesma, seja na pretensão de domínio dessa comunidade sobre tudo o resto. E o espectro dos deuses tribais parece teimar em não abandonar a história dos humanos: sob forma de nacionalismo, de regionalismo, de clubismo, de bairrismo extremo, seja do que for. Nem sequer as comunidades eclesiais estão livres de ser atingidas por semelhante vírus. Só a vigilante manutenção de um horizonte universal de sentido, que abre cada pessoa e cada comunidade a toda a comunidade humana, é que possibilita a superação dessa tentação permanente.

5. Mas há modos falsos de interpretar essa universalidade. Um deles é o de a identificar com a totalidade. Nesse caso, pretenderíamos que a universalidade do cristianismo se realizasse pela construção total de uma comunidade que abraçasse, uniformemente, todo o globo, todos os humanos, de todos os tempos e lugares. Que a missão do cristão tenha orientação universal não significa que essa universalidade só esteja realizada quando todos forem cristãos, e todos o forem do mesmo modo. A univer-

salidade tem a ver com a oferta da Boa Nova da vida a todos os humanos, segundo caminhos diversos, e respeitando as opções de resposta. Convém, por isso, manter viva a diferença entre universalidade e totalidade, para evitar todos os totalitarismos que poderiam resultar desta segunda.

Mas há um outro modo, quiçá mais subtil, de interpretar falsamente a universalidade. Trata-se de uma identificação da fé cristã e da Igreja com uma realidade meramente espiritual, que tudo abarca, mesmo que não esteja real e corporalmente presente em lado nenhum. A tradição gnóstica, as correntes idealistas e até, muitas vezes, certas tendências protestantes, leram muitas vezes desse modo o significado da comunidade eclesial – comunidade de espírito, sem relação real entre pessoas reais, limitadas pelo espaço e pelo tempo. O enraizamento da Igreja na localidade de cada espaço e cada tempo – precisamente a Igreja local – impede precisamente que se reduza a comunhão eclesial e o dinamismo do envio a mera ideia espiritual e, pelo contrário, se lhes dê um corpo real, nos acontecimentos reais do nosso mundo.

Assim sendo, o grande desafio da vida eclesial, entre localização e universalização, é o da vivência da localização, sem perder o horizonte da universalização e a vivência da universalização, sem fugir da concreta localização quotidiana. Estaremos realmente – e não apenas imaginariamente – abertos ao mundo inteiro, precisamente na medida em que praticamos essa abertura universal na realidade concreta – no coração – da nossa vida local, quotidiana, real, como seres «de carne e osso» que somos; ao mesmo tempo, seremos cristãos locais, como humanos empenhados na vida real dos humanos que, connosco, vivem o mesmo espaço e o mesmo tempo, na medida em que soubermos acolher o horizonte universal que nos interpela e envia – e que é a universalidade do próprio Deus, maior que cada espaço e cada tempo; na medida em que soubermos responder ao horizonte universal a que somos enviados – e que é a humanidade inteira, sem discriminação, tal como nos é dada em todos aqueles com quem nos encontramos.

É neste dinamismo de universalidade localizada e de localização universalizada que a Igreja é aquilo que deve ser: comunhão e missão; relação interna e envio ao mundo, para fora de si.

6. Ora, assim como a comunhão intra-eclesial, sendo aberta à universalidade – pois não exclui ninguém – só é real se vivida numa comunidade concreta, e não numa comunidade ideal, assim também a resposta ao envio ou à missão, que nos chama para fora de nós, para fora da própria comunidade eclesial, só é real se for vivida numa comunidade concreta e não apenas no imaginário de uma abertura indefinida. A missão só o é, se estiver no coração da Igreja local – seja em que local for; caso contrário é apenas desejo de missão ou ideia de missão – não a missão propriamente dita.

Como é que a Igreja local pode colocar a missão no seu coração, em cada localidade e como concretização ou realização da própria essência da Igreja? Para simplificar, diria que isso se pode realizar de dois modos fundamentais: nas coordenadas espaciais dessa mesma Igreja local ou saindo dessas coordenadas. De um modo ou de outro, a missão terá que implicar, contudo, uma saída de si mesmo e do seu mundo.

7. De facto, a realização da missão, como resposta a um envio – que ao mesmo tempo é vocação – é sempre uma orientação para o outro diferente. Cada cristão cumpre a sua missão – dando corpo à missão da Igreja – na medida em que se assume como um enviado a alguém diferente de si.

a) Toda a missão do cristão começa já na família, em que cada um dos esposos é enviado ao outro, e ambos aos filhos. A transmissão da fé, em contexto familiar, é por assim dizer a base de toda a acção missionária – e a velha Europa precisa, mais do que nunca, que se reavive essa missão permanente.

b) No mesmo dinamismo, cada cristão é enviado ao outro cristão, membro da mesma comunidade local – do mesmo grupo, da mesma paróquia, da mesma diocese. Em tudo isso se realiza, de modo permanente, a missão de cada cristão, pessoal e comuni-

tariamente. Porque a comunidade cristã nunca está terminada, nunca atinge a perfeição, seja nas suas estruturas, seja em cada um dos seus membros. Por isso, os cristãos são permanentemente enviados uns aos outros.

c) Mas, mesmo ainda sem sair das coordenadas espaciais da Igreja local – sobretudo da paróquia ou, pelo menos, da cidade – há realizações concretas e orientações da missão que acentuam ainda mais o facto de o envio se destinar ao outro verdadeiramente diferente. Trata-se da missão em relação aos não-crentes, mesmo aos não evangelizados – ou, no caso do nosso contexto europeu, àqueles para quem a evangelização já ou ainda nada significa. Nisso concretizam, cada cristão e cada comunidade, a sua essência de missionários, cuja orientação não é simplesmente o interior do grupo daqueles que partilham a mesma fé, mas primordialmente aqueles que ainda não a acolheram. E trata-se de seres humanos que habitam os mesmos lugares e os mesmos tempos – as mesmas culturas e hábitos – que todas as comunidades cristãs. Por isso, essa missão realiza-se no coração real da Igreja local, sem sair do seu contexto, mas em realidade saindo verdadeiramente de si e orientando-se para o outro. Nessa saída de si, a Igreja local, sem perder a sua localidade concreta, dá corpo à sua universalidade, pois não exclui, à partida e pelo menos potencialmente, nenhum humano da sua missão. Porque cada cristão e cada comunidade local são enviados ao mundo, àquele mundo concreto, cujos elementos partilha com todos os humanos que nele habitam.

d) Contudo, se a realização da missão apenas se limitasse a este âmbito local, mesmo do ponto de vista visível, depressa correria o risco da localização tribal. É a missão de cada comunidade cristã poderia restringir-se ao projecto de construção de Igrejas regionais, para cada grupo humano, para cada cidade, para cada diocese, para cada país. Esse tribalismo curto – de que as denominadas Igrejas nacionais são o exemplo mais claro – acabaria por, na prática real, anular a dimensão universal da missão da Igreja, criando ambíguas identificações entre cristianismo e de-

terminados contextos culturais – como seria o caso, por exemplo, de uma falsa identificação do cristianismo com a cultura europeia, ou do catolicismo com os países do sul da Europa.

Então, no coração da Igreja local – isto é, na realidade concreta da vida dos cristãos e de cada comunidade – devem surgir sinais visíveis, realizações reais e concretas da orientação verdadeiramente universal da missão da Igreja. Isso acontece – não só, mas sobretudo – quando alguns cristãos concretos das comunidades locais se sentem vocacionados e saem das suas coordenadas espaciais e se deslocam para outras Igrejas locais, sem limites nem acepção alguma. Porque a missão da Igreja se orienta para o mundo inteiro⁸.

Essa saída do seu mundo, para ir ao encontro de outro mundo, para além de revelar e dar corpo à universalidade da Igreja – sem a qual a Igreja não seria Igreja, mas simples clube local – dá corpo sério ao que significa sair de si, para se assumir enviado ao outro diferente. É que não se trata, aqui, apenas de uma outra pessoa diferente, ou de enfrentar ideias diferentes. Para além de tudo isso – que também conhecemos entre os conhecidos – há o desconhecido de um mundo completamente outro, de climas diferentes, de hábitos diferentes, de rostos diferentes, de culturas estranhas. Mas é para o diferente que Deus nos envia, porque a sua própria dinâmica missionária é a dinâmica do desafio da diferença.

E que levamos nós para dar, quando somos enviados para os outros diferentes e aceitamos o apelo, ao responder? Em realidade, nada – a não ser o facto de aceitar ser simplesmente enviado. É que, em última instância, aquilo que transmitimos é o Deus

⁸ Seria interessante, a esse propósito, recordar a actualidade das argumentações de Agostinho contra os donatistas, que pretendiam identificar e limitar o cristianismo simplesmente à cultura do norte de África. Para Agostinho, de facto, a pátria (cidade) terrena do cristão é o mundo inteiro. Cf.: M. McCARTHY, *Augustine and the Construction of Christian Europe*, in: AAVV, *Latineuropa*, Coimbra: Faculdade de Letras, 2008, 15-28

uni-trino que nos envia, ou seja, é a própria fonte do dinamismo missionário do envio, ela própria dinamismo de envio, como vimos acima. Que levamos nós àqueles a quem nos dirigimos? O simples convite, em nome de Deus e não nosso, a que aceitem entrar dentro do mesmo dinamismo do envio – de todos a todos, em todos os lugares e tempos. Esse e só esse é o verdadeiro dinamismo humano e eclesial.



**A Missão que sonhamos:
a partilha de “tesouros” das Igrejas irmãs**

D. Lúcio Andrice Muandula

Bispo de Xai-Xai

Secretário da Conferência Episcopal de Moçambique

Introdução

O tema que me foi proposto para este congresso tem como título: «A Missão que sonhamos: a partilha de “tesouros” das Igrejas-Irmãs», um tema bastante aliciante para todos nós, mas sobretudo para mim, que venho duma terra considerada «de missão», meta e destino de muitos sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos abnegados, provenientes deste país de longa e comprovada tradição cristã.

Antes porém de falarmos da «Missão que sonhamos», parece-nos óbvio começar exactamente por definir o que entendemos por «missão» ou por «actividade missionária», justamente para que os nossos *sonhos* não se transformem numa divagação mais ou menos privada dum substrato real, onde seja possível realizar tudo aquilo que sonhamos.

Como afirma o *Decreto Conciliar sobre A Actividade Missionária da Igreja*, do Concílio Vaticano II, «dá-se geralmente o nome de *missões* àquela actividade particular com que os pregadores do Evangelho, que vão pelo mundo inteiro, enviados pela Igreja, executam o encargo de pregar o Evangelho e de implantar essa mesma Igreja entre os povos ou grupos que ainda não crêem em Cristo» (AG 6).

Tais *missões* «são levadas a efeito pela *actividade missionária* e exercem-se ordinariamente em certos territórios, determinados

pela Santa Sé», tendo como finalidade primária «a evangelização e a implantação da Igreja nos povos ou grupos em que ainda não está radicada». A *actividade missionária* portanto, só cumpre o seu objectivo quando gera comunidades de Fé, as alimenta com a *Palavra de Deus* e a *Eucaristia* e as enquadra, pela caridade, na Igreja Universal de Cristo (cf. AG 6).

Como é evidente, assim entendida, «a *actividade missionária* vem da vontade de Deus, que “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 *Tim* 2,4)» (AG 7) e, visando a *implantação da Igreja* (Povo de Deus) num determinado agrupamento humano, «atinge em certa medida o seu termo, quando a assembleia dos fiéis, enraizada já na vida social e adaptada à cultura local, goza de alguma estabilidade e firmeza: com recursos próprios, ainda que insuficientes, de clero local, de religiosos e de leigos, possui já os ministérios e as instituições necessárias para viver e desenvolver a vida do Povo de Deus, sob a orientação do próprio Bispo» (AG 19).

Para melhor compreendermos estas afirmações do Decreto Conciliar, é porém necessário que recuemos um pouco no espaço e no tempo, para nos debruçarmos sobre o modo concreto como a *actividade missionária da Igreja* começou.

I. A MISSÃO QUE SONHAMOS

1. A Missão dos Discípulos de Jesus nos quatro Evangelhos

Ao narrarem o encontro de Cristo Ressuscitado, os quatro Evangelhos terminam com a *Missão* dos discípulos de Jesus: «foi-me dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, ensinai todas as nações (...) Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (*Mt* 28, 18-20; cf. *Mc* 16, 15-18; *Lc* 24, 46-49;

Jo 20, 21-23) e sublinham que a *actividade missionária* para a qual os Apóstolos são chamados realiza-se por obra do Espírito Santo e é uma participação na *missão* de Jesus Cristo, o Filho de Deus, como se vê claramente no Quarto Evangelho: «Como o Pai me enviou, também eu vos envio» (...) «Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados serão perdoados; aqueles aos quais retiverdes serão retidos» (Jo 20,21-23). O Terceiro Evangelho, em particular, põe em estreita relação o testemunho que os Apóstolos deverão prestar de Cristo com a acção do Espírito que lhes é prometido e que os há-de habilitar para cumprimento do mandato recebido (cf. Lc 24,46-49).

Por outras palavras: O Pai *envia* o seu Filho ao mundo, para reconciliar o mundo consigo e para oferecer a salvação aos homens. Após a sua ressurreição, o Filho, por sua vez, *envia* os seus discípulos ao mundo, para aí continuarem a realizar a sua *missão*, e dá-lhes um assistente divino, o Espírito Santo. Portanto, como diz a Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, de JOÃO PAULO II: «A missão universal da Igreja nasce da fé em Jesus Cristo e somente nela se fundamenta e se compreende» (cf. *RM* 4).

Através dos séculos, a Igreja cumpriu a sua tarefa missionária, umas vezes com êxito, outras vezes com fracasso. Na minha opinião, os fracassos do passado, na sua maioria, são resultado da falta duma visão correcta da *missão*, nos seus aspectos teológicos, cristológicos e eclesiológicos, tal como nos são apresentados no Novo Testamento. É exactamente por isso que, ao propor-vos hoje a minha reflexão sobre «A Missão que sonhamos» não posso não voltar aos primórdios da *actividade missionária da Igreja*, para aí encontrar modelos concretos que nos ajudem a actualizar hoje o mandato de Jesus Cristo à sua Igreja: «Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura.» (*Mc* 16,15).

a) O Mandato Missionário em S. Mateus

Fazer discípulos para o Mestre

«Aproximando-se deles, Jesus disse: “Toda a autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem meus discípulos, baptizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinai-as a observar tudo quanto vos ordenei. Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos» (Mt 28,18-20).

No Evangelho de S. Mateus, o *mandato missionário* tem três partes: 1) O esclarecimento sobre a soberania universal de Jesus; 2) A *missão* dada aos discípulos; 3) A promessa da presença permanente do Mestre entre eles.

Segundo tal esquema, a *missão dos discípulos de Jesus* está encaixada entre dois esclarecimentos que lhe servem de moldura e que asseguram ao leitor do Primeiro Evangelho que a acção do Senhor Ressuscitado é a única garantia de sucesso para toda a *actividade missionária*.

«Foi-me dado todo o poder... Ide e fazei que todas as nações se tornem meus discípulos... Eu estou convosco até à consumação dos séculos...». Como se pode facilmente depreender, esta construção coloca a *actividade missionária* dos discípulos sob a iniciativa e a autoridade de Jesus. O actor principal da *missão* deles é o Senhor Ressuscitado. De facto, o verdadeiro sentido dos três últimos versículos do Evangelho de Mateus é que o Senhor Ressuscitado está com eles e continua a sua actividade através deles. Por via do mandato que lhes é conferido, os discípulos passam a ter uma *missão* completamente ímpar: o encargo de fazer outros discípulos, pondo assim termo àquela breve interrupção da *actividade de Jesus*, que se tinha verificado com a sua paixão e morte. A conclusão do Evangelho de Mateus marca, portanto, uma nova etapa na *actividade missionária de Jesus*, onde, mediante o poder da sua Ressurreição, os discípulos recebem uma missão deveras importante e singular: operar

a Salvação de Deus no mundo, por intermédio de Cristo, com Cristo e em Cristo.

O versículo 18 tem um paralelo em *Mt* 11,27-30: «Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar». A diferença entre os dois textos reside essencialmente no facto de que em *Mt* 11,27-30 o movimento dos discípulos é em direcção a Jesus Mestre, que os atrai e revela-lhes o Pai, enquanto que no versículo 18 os discípulos recebem o encargo de agir em nome do Mestre e são enviados a fazer novos discípulos pelo mundo fora. Embora os dois textos tratem da comunicação do conhecimento do Pai ao seu Filho Jesus e da comunicação do Filho aos seus discípulos, a nova missão dos discípulos apresenta-se como extensão da investidura de Jesus como **Kyrios** (Senhor do céu e da terra). O discípulo deve, todavia, aprender do Senhor mesmo esta comunicação e só então ficará habilitado para agir em nome de seu Mestre e a fazer discípulos para ele.

O versículo 19 apresenta-nos o conteúdo exacto do mandato: **mathéteuo** (fazer discípulos). Trata-se aqui dum verbo que só aparece quatro vezes em todo o NT, três das quais em Mateus (13,52; 27,57; 28,19) e uma nos Actos dos Apóstolos (14,21). Se quisermos, Mateus insiste muito no carácter magistral do ministério de Jesus. De facto, a estrutura do Evangelho em cinco «livros» – o que nos faz recordar a Torah – consistindo cada «livro» em longos discursos, dá-nos a imagem dum Jesus que é apresentado mais como um mestre do que como um arauto da Palavra. Isso faz da comunidade de Mateus uma comunidade que escuta os ensinamentos do Mestre e os põe em prática (7,24); que recebe a Palavra, deixa-se transformar por ela e produz fruto (13,23). O discípulo, em Mateus, é essencialmente alguém que escuta os ensinamentos do Mestre e os põe em prática.

O mandato de fazer discípulos é universal: «todas as nações». Mateus abriu a porta a esta universalidade ao introduzir os magos, no começo do Evangelho, «para verem a epifania do Senhor».

Fazer discípulos porém, implica dois aspectos fundamentais: um, litúrgico (*baptizar*) e outro, pragmático (*ensinar a pôr em prática*).

Baptizar em do Pai, do Filho e do Espírito Santo é uma clara alusão à inserção do novo discípulo na família divina. É, de facto, mediante o baptismo que o novo discípulo é posto em relação especial com a Trindade e é por ela adoptado, passando assim a ser membro efectivo da família de Deus. De resto, o verdadeiro discipulado é aquele que, através de Jesus Cristo e mediante a acção do Espírito Santo, põe o discípulo em relação com Deus-Pai e com os irmãos, como se afirma na Primeira Epístola de S. João: «O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos, para que estejais também em comunhão connosco e a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo.» (1 Jo 1,3).

Como na Primeira Epístola de S. João, Mateus insiste na necessidade de guardar os mandamentos. O objecto do ensinamento de Jesus não é um mero conhecimento teórico, mas sim uma praxis, um novo tipo de vida. No centro destes mandamentos, ocupa um lugar privilegiado o mandamento do amor.

Pondo Jesus como Mestre e encarando a *missão dos Doze* como fazer discípulos, Mateus apresenta-nos uma cristologia da presença continua do Senhor Ressuscitado na sua Igreja e insiste também no carácter eclesiológico da missão, enquanto mandato dado a uma comunidade eclesial que deve gerar para si mesma novos membros. De facto, a missão destina-se a criar novas comunidades de discípulos de Jesus *em todas as nações*, chamadas a assumir e a pôr em prática tudo o que o Senhor Jesus mandou e manda através dos seus enviados.

b) O Mandato Missionário em S. Marcos

Ser pescador de homens

«Disse-lhes Jesus: “Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for baptizado será salvo, mas quem não acreditar será condenado. Estes milagres acompanharão os que acreditarem: expulsarão os demónios em meu nome, falarão novas línguas, nenhum veneno mortal lhes fará mal, imporão as mãos aos enfermos e eles ficarão curados... Os discípulos partiram e pregaram por toda a parte. O Senhor cooperava com eles e confirmava a sua palavra com os milagres que a acompanhavam.» (Mc 16,15-18.20).

Para entender bem o *mandato missionário* em S. Marcos é necessário fazer uma leitura rápida de todo o Segundo Evangelho.

O Evangelista Marcos dá ao seu escrito o nome de **Euangelion** (Boa Nova) e esta palavra repete-se bem sete vezes em toda a sua obra: 1,14; 8,35; 10,29; 13,10; 14,9; 16,15.

Em 1,14, Marcos descreve o sentido da palavra **Euangelion**, a partir da obra de Jesus: «completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo». O próprio Jesus, portanto, anuncia a completar-se do tempo, isto é o cumprimento das promessas do AT, e a chegada do Reino de Deus. A pessoa de Jesus e toda a sua obra estão voltados para esta «Boa Nova», para este «Evangelho».

Desde o início, Jesus anuncia que não vai actuar sozinho, mas que vai designar outros para continuarem a sua obra. Ao chamar os seus primeiros discípulos, diz-lhes: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens» (Mc 1,17). No terceiro capítulo, versículos 14-19, Ele constitui os Doze, para: 1) permanecerem com Ele, 2) enviá-los a pregar e 3) conferir-lhes a autoridade de expulsar os demónios.

Poderíamos portanto afirmar que o «Evangelho», está todo ele estruturado nos três aspectos apenas mencionados. Se o primeiro aspecto tem a sua plena realização durante o perío-

do da actividade pública de Jesus, os dois últimos porém, só acontecem depois do *mandato missionário* que os Doze recebem do Senhor Ressuscitado¹.

Nota-se portanto que Marcos quer apresentar-nos as diversas etapas do anúncio da «Boa Nova». Os discípulos, começando por partilhar a vida com Jesus, aprendem a fazer como Ele faz: a serem «pescadores de homens», até serem enviados para a «missão» que lhes é proposta pelo Senhor Ressuscitado. Não é possível aceder imediatamente a tal «missão», sem terem primeiro passado por um «noviciado» e, antes de serem enviados, têm que dar provas do seu comprovado cometimento com a causa de Jesus: devem permanecer sempre com Ele, segui-Lo para onde quer que vá e a aprender d'Ele e com Ele os segredos do novo ofício a que estão destinados enquanto futuros *pescadores de homens*.

Entre o conteúdo da «missão pré-pascal» (Mc 6,7-13) e «pós-pascal» (Mc 16,15-18.20), há um desenvolvimento progressivo. Durante o tempo da preparação, os Doze têm de anunciar a chegada do Reino de Deus, mas no anúncio «pós-pascal», a «Boa Nova da Salvação», pois o Reino de Deus já está estabelecido na pessoa do Senhor Ressuscitado. Crer n'Ele, como único Salvador do mundo, e ser baptizado em seu nome é condição indispensável para ser salvo e não acreditar n'Ele significa atrair sobre si mesmo a condenação.

O Senhor, que adestrou os seus discípulos para serem *pescadores de homens*, indica também os sinais que hão-de acompanhar os seus seguidores, sinais que representam o poder que Ele lhes confere, de modo a poderem superar as adversidades de todos os tempos e levarem a bom termo a *missão* recebida.

¹ É verdade que em Mc 6,7-13 fala-se duma primeira «missão» dada aos Doze, onde estão também presentes os dois últimos aspectos mencionados em Mc 3,14-19, mas poderia muito bem dizer-se que aquela missão era uma espécie de tirocínio, em vista da verdadeira «missão» que haviam de receber do Senhor Ressuscitado (Mc 16,15-18.20).

Os discípulos começam o seu trabalho, logo a seguir à Ascensão de Jesus e têm a plena consciência de não estarem sozinhos, pois o Ressuscitado está com Eles e opera através deles.

c) O Mandato Missionário em Lucas

Proclamar a Boa Nova com a força do Espírito do Ressuscitado
«Disse-lhes Jesus: Assim está escrito: que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento e a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. Vos sois as testemunhas de tudo isso. Eu vos mandarei o Prometido de meu Pai. Por isso, permaneci na cidade até que sejais revestidos da força do Alto... Depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém, com grande júbilo e estavam continuamente no Templo, louvando e bendizendo a Deus.» (Lc 24,46-49.51).

A visão do *mandato missionário* em Lucas não poderia ser completa, se ignorássemos as duas partes da sua obra: o Terceiro Evangelho e o livro dos Actos dos Apóstolos.

Duma forma um tanto ou quanto simplificada, os dois escritos poderiam ser resumidos da seguinte maneira:

1. Após a sua Ressurreição, Jesus enviou a Jerusalém os seus discípulos (Lc 24,47ss; Act 1,8) e preparou-os para o Pentecostes, para poderem começar a sua *missão* com a força do Espírito Santo (Act 2,1-13);

2. Depois do martírio de Estêvão, os helenistas, partindo de Jerusalém, começaram a pregar aos gentios (Act 8,4-40; 10,19-24);

3. Pedro recebe, através duma visão, a ordem de permitir que os gentios sejam baptizados em nome de Jesus (Act 10,1-11.18);

4. Paulo é chamado a ser o apóstolo dos gentios (Act 9,22-26);

5. Ele dirige-se primeiro aos judeus e só depois também aos gentios (Act 13,46);

6. O ponto mais alto da sua missão aos gentios concretiza-se em Roma (*Act* 28,16-31).

Antes de mais, devemos reconhecer, que, aparentemente, é um tanto ou quanto difícil entender o *mandato missionário* em Lucas-Actos:

1. Não há um envio directo para a *missão*;
2. A *missão* aos gentios tem como princípio o envio do Espírito Santo do que propriamente o Senhor Ressuscitado;
3. Paulo recebe um mandato todo especial e é particularmente destinado à «*missão ad gentes*».

Portanto, o contexto imediato de *Lc* 24,46-49.51 é a única chave para perceber o texto do *mandato missionário* em Lucas-Actos. O Senhor Ressuscitado ensina aos discípulos que o acontecimento da sua paixão, morte e ressurreição constitui o cumprimento das promessas do AT. É deste cumprimento que vai sair a *missão* e os seus discípulos estão destinados a ser *testemunhas* de todos os acontecimentos que no Terceiro Evangelho são caracterizados como «cumprimento das promessas do AT».

A palavra **martyr** (testemunho) tem uma grande importância nos escritos pós-pascuais de Lucas. Nos Actos dos Apóstolos, ela é utilizada frequentemente, em relação com o anúncio da Palavra. *Ser testemunha* ou *dar testemunho* indica o anúncio eclesial do Evangelho. Tal função pertence primariamente aos Apóstolos (cf. *Act* 2,40; 3,15; 4,33; 5,32), mas inclui também os demais discípulos (*Lc* 28,48).

Ainda que, segundo o livro dos Actos dos Apóstolos, os discípulos de Jesus não tenham começado imediatamente com a «*missão ad gentes*», é importante notar que, para Lucas, a «Boa Nova» do cumprimento das promessas não diz respeito só ao Povo da Aliança. Se quisermos, a *missão* aos gentios, no contexto do livro dos Actos dos Apóstolos, é um autêntico exemplo de como os discípulos de Jesus, abertos às moções do Espírito Santo, devem deixar-se conduzir por Deus na

sua *actividade missionária* (cf. Act 8,26-39). Esta destina-se ao mundo inteiro, onde quer que exista alguém que precise do seu *testemunho*, para aceder à Salvação de Deus.

d) O Mandato Missionário em João

Permanecer em Jesus, para dar a conhecer ao mundo o Pai e o Filho

«E Jesus disse-lhes outra vez: “A paz esteja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós”. Depois dessas palavras, soprou sobre eles, dizendo-lhes: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.» (Jo 20,21-23).

A *missão* «pré-pascal» no Quarto Evangelho é quase ausente (cf. Jo 4,35-38) e o *mandato missionário* relativamente mais breve do que nos sinópticos, mas solene: «Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós».

Resumidamente falando, em S. João, o discípulo aparece como alguém que recebe a Palavra de Deus e a interioriza. Permanecendo com Jesus, o Verbo Incarnado, o discípulo aprende a conhecer os desígnios da vontade divina e a *dar testemunho* da Verdade. Em João, nota-se, da parte dos discípulos, um desejo muito grande de conhecer Jesus: «Mestre, onde moras?», um desejo que é plenamente correspondido pelo Senhor: «Vinde e vede»: «Eles *foram, viram e permaneceram* com Ele». Depois anunciaram aos outros: «Encontramos o Messias» (cf. Jo 1,35-44).

Tal como no Segundo Evangelho, o *permanecer* com Jesus e o *escutar* a sua Palavra é essencial para que o discípulo possa atingir a sua maturidade, aceder à *missão* e anunciar com eficácia a mensagem salvífica contida na vida e pessoa de Jesus. Trata-se duma experiência única com o Verbo feito Carne, uma experiên-

cia que lhe permite de ter acesso à Verdade – que, em S. João, é essencialmente a revelação definitiva do Pai em seu Filho Jesus – e dela *dar testemunho*.

Como nos Sinópticos, o contexto imediato do «mandato missionário» no Quarto Evangelho liga-se às aparições do Senhor Ressuscitado. Jesus, apresentando-se diante dos seus discípulos, oferece-lhes a sua paz e, numa fórmula breve mas solene, afirma: «Como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós».

Como diz a Carta Encíclica *Redemptoris Missio* de JOÃO PAULO II, no seu número 23, «João é o único que fala explicitamente de *mandato* — palavra equivalente a *missão* — e une directamente a *missão* confiada por Jesus aos seus discípulos, com aquela que Ele mesmo recebeu do Pai: “assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós” (*Jo* 20, 21). Jesus, dirigindo-se ao Pai, diz: “assim como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os envio ao mundo” (*Jo* 17, 18). Todo o sentido missionário do Evangelho de S. João se pode encontrar na “Oração Sacerdotal”: a vida eterna é “que Te conheçam a Ti, único Deus Verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste” (*Jo* 17, 3). O fim último da missão é fazer participar a humanidade inteira da comunhão que existe entre o Pai e o Filho: os discípulos devem viver a unidade entre si, permanecendo no Pai e no Filho, para que o mundo conheça e creia (cf. *Jo* 17, 21.23). Trata-se, sem dúvida, dum texto de grande alcance missionário. Faz-nos entender que somos missionários não tanto por *aquilo que dizemos ou fazemos*, mas sobretudo por *aquilo que somos e testemunhamos*, como Igreja que vive profundamente a unidade no amor».

Conclusão

Depois duma leitura um tanto ou quanto apressada dos trechos que se referem ao *mandato missionário* nos quatro Evangelhos, podemos constatar que existem entre eles alguns *elementos comuns* e algumas *diferenças de acentuação*:

1. Os *elementos comuns* são pelo menos dois: «**a dimensão universal** da tarefa confiada aos Apóstolos: “todas as nações” (*Mt* 28, 19); “pelo mundo inteiro, a toda a criatura” (*Mc* 16, 15); “todos os povos” (*Lc* 24, 47); “até aos confins do mundo” (*At* 1, 8)» e «**a garantia**, dada pelo Senhor, de que, nesta tarefa, não ficariam sozinhos, mas receberiam a força do Espírito Santo e a assistência de Jesus para desenvolver a sua missão» (cf. *RM* 23).

2. As *diferenças de acentuação* mais evidentes são as seguintes:

a. Marcos apresenta a missão como proclamação ou kerigma: «anunciai o Evangelho» (*Mc* 16, 15). O anúncio tem como objectivo levar o ouvinte a repetir a confissão de Pedro: «Tu és o Cristo» (*Mc* 8, 29) e a dizer como o centurião romano diante de Jesus morto na cruz: «verdadeiramente este Homem era o Filho de Deus» (*Mc* 15, 39).

b. Em Mateus, o mandato missionário põe o seu acento na inserção dos novos discípulos de Jesus na Família Trinitária e no seu adestramento, para poderem pôr em prática os mandamentos (cf. *Mt* 28, 19-20; 16, 18). Nesse sentido, ensina-nos que o baptismo não basta em si mesmo para a salvação do homem, se não é seguido por uma específica catequese de ordem eclesial e sacramental.

c. Em Lucas, a missão é apresentada como um testemunho (cf. *Lc* 24, 48; *At* 1, 8), principalmente da ressurreição (*At* 1, 22); o missionário é convidado a crer na potência transformadora do Evangelho e a anunciar a conversão ao amor e à misericórdia de Deus, a experiência duma libertação integral, até à raiz de todo o mal, o pecado.

d. Em João, Cristo envia os seus, ao mundo, como o Pai o enviou a Ele (cf. *Jo* 20,21b).

A modo de conclusão, podemos, com as palavras da Carta Encíclica de JOÃO PAULO II, afirmar que: «Os quatro Evangelhos, na unidade fundamental da mesma missão, manifestam todavia um pluralismo, que reflecte as diversas experiências e situações das primeiras comunidades cristãs. Também esse pluralismo é fruto

do impulso dinâmico do Espírito, convidando a prestar atenção aos vários carismas missionários e às múltiplas condições ambientais e humanas. No entanto, todos os evangelistas sublinham que a missão dos discípulos é colaboração com a de Cristo: “Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo” (*Mt 28, 20*). Assim a missão não se baseia na capacidade humana, mas na força de Cristo ressuscitado» (*RM 23*).

O papel e a função dos missionários *ad gentes* na Igreja Comunhão

À luz das reflexões feitas até agora, é evidente que a «o papel e a função do missionário *ad gentes*» na Igreja não podem nem devem ser diferentes do «papel e da função dos discípulos de Jesus» na sua *actividade missionária*: levar a Salvação de Deus ao mundo inteiro. O missionário, de facto, não é o autor da *missão* em si, mas instrumento através do qual Cristo Ressuscitado, por obra do Espírito santo, opera a Salvação de Deus no seio da humanidade. É por isso mesmo que, antes de iniciar a *actividade missionária*, ele é chamado a fazer uma profunda experiência de Cristo Ressuscitado na sua vida, de modo a poder anunciar, com eficácia, o Evangelho de Salvação ao mundo inteiro.

A dimensão colegial da missão *ad gentes*

Como diz a Carta Encíclica *Redemptoris Missio*: «Não existe testemunho sem testemunhas, como não há missão sem missionários. Com a finalidade de colaborem na Sua missão e continuarem a Sua obra salvífica, Jesus escolhe e envia pessoas como Suas testemunhas e apóstolos: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo” (*At 1, 8*)» (*RM 61*).

Seguindo, portanto, o exemplo dos apóstolos de Jesus, primeiros agentes da missão universal, constituídos num único *sujeito colegial* da missão², os missionários devem antes de mais sentir-se membros da inteira *comunidade eclesial* e expressão do dinamismo apostólico da Igreja no seu todo, enquanto chamada a evangelizar o mundo. A *missão* não deve pois nunca ser entendida como uma iniciativa privada, de um grupo ou de um indivíduo mais ou menos isolado, mas uma incumbência da *Comunidade do Ressuscitado*. É como membros da *comunidade eclesial* e a partir dela que, a jeito de Paulo e de Barnabé (cf. *Act* 13,1-3), os missionários recebem o mandato de partir e de anunciar a «Boa Nova» da Salvação aos pagãos.

A *dimensão colegial* do *mandato missionário* não deve, contudo, impedir a criatividade peculiar de cada missionário³. De facto, nem todos têm as mesmas habilidades⁴ e nem sempre são chamados a missionar num mesmo espaço sócio-cultural. Como muito bem diz a *Redemptoris Missio*: «As diferenças de actividade, no âmbito da *única missão da Igreja*, nascem não de motivações intrínsecas à própria missão, mas das diversas circunstâncias onde ela se exerce» (*RM* 33).

² «Os Doze são os primeiros agentes da missão universal: eles constituem um *sujeito colegial* da missão, foram escolhidos por Jesus para permanecerem com Ele e serem enviados “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (*Mt* 10, 6)» (*RM* 61).

³ «Esta *colegialidade* não impede que dentro do grupo se singularizem figuras como Tiago, João e sobretudo Pedro, que ganhou tal relevo que se tornou usual a expressão: «Pedro e os outros apóstolos» (*At* 2, 14. 37). Graças a ele, abrem-se os horizontes da missão universal, onde depois sobressairá Paulo, que, por vontade divina, foi chamado e enviado aos gentios (cf. *Gal* 1, 15-16)» (*RM* 61).

⁴ «Os fiéis, em virtude de possuírem dons diferentes (cf. *Rom* 12,6) devem colaborar no Evangelho, cada um segundo as suas possibilidades, aptidões, carismas e ministérios (cf. *1 Cor* 3,10)» (*AG* 28).

Tarefa específica do missionário *ad gentes*

Dirigindo-se aos povos pagãos, os missionários *ad gentes* têm como tarefa principal a evangelização dos diversos grupos e sociedades, onde Cristo ainda não é conhecido e a Igreja ainda não está radicada⁵: «Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, baptizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinai-as a observar tudo quanto vos ordenei» (Mt 28, 19-20a), de modo a suscitar nelas novos discípulos de Jesus, fundando assim novas *Comunidades do Ressuscitado*, as Igrejas Locais.

Como antes ficou dito, na perspectiva de Mateus, fazer discípulos implica dois aspectos fundamentais: um, litúrgico: *baptizar* e outro, pragmático: *ensinar a pôr em prática* (cf. Mt 28. 19-20a).

O missionário não deve portanto limitar-se a *baptizar* (dimensão litúrgica), mas empenhar-se profundamente na fundação de verdadeiras comunidades de fé. De facto, se mediante o baptismo o novo discípulo é posto em relação especial com a Trindade Divina e é por ela adoptado como filho, passando desse modo a ser membro efectivo da família de Deus; mediante o acolhimento da palavra e dos preceitos do Senhor, ele é constituído membro efectivo da Igreja Universal, comunidade daqueles que crêem em Cristo e testemunham no mundo a Salvação de Deus. É por isso que, à luz do Decreto Conciliar *Ad Gentes*, a *actividade missionária* só cumpre o seu objectivo quando: 1) Gera Comunidades de Fé⁶, enraizadas na vida social do território em

⁵ «A actividade missionária específica, ou missão *ad gentes*, tem como destinatários “os povos ou grupos que ainda não crêem em Cristo”, “aqueles que estão longe de Cristo”, entre os quais a Igreja “não está ainda radicada”, e cuja cultura ainda não foi influenciada pelo Evangelho» (RM 34).

⁶ «Os missionários, colaboradores de Deus (cf. 1 Cor 3,9), devem fazer nascer assembleias de fiéis que, levando uma vida digna da vocação que receberam (cf. Ef 4,1), sejam tais que possam exercer as funções a elas confiadas por Deus: sacerdotal, profética, real.» (AG 15).

que se encontram e adaptadas à cultura local⁷; 2) As alimenta com a Palavra de Deus e a Eucaristia⁸; 3) As implanta e provê, como Igrejas Particulares⁹ e 4) As enquadra, pela caridade, na Igreja Universal de Cristo¹⁰.

Portanto, a tarefa específica do *missionário ad gentes* há-de considerar-se concluída, num determinado lugar, com implantação duma Igreja Particular¹¹, onde se perpetuem os valores da Igreja Universal e se anuncia ao mundo a Salvação de Deus. Tal só é possível se o missionário *ad gentes* sente-se parte integrante da Igreja Universal e partícipe da *missão colegial* que o Senhor confiou aos seus discípulos.

⁷ «A assembleia dos fiéis, dotada das riquezas culturais da sua própria nação, deve estar profundamente enraizada no povo» (AG 15).

⁸ A Comunidade Cristã, alimentada cuidadosamente pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, dá testemunho de Cristo Ressuscitado e torna-se sinal da presença de Deus no mundo (cf. AG 15). Cf. também a Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, 51: «A comunidade, para ser cristã, deve fundar-se e viver em Cristo, na escuta da Palavra de Deus, na oração, onde a Eucaristia ocupa o lugar central, na comunhão expressa pela unidade de coração e de alma, e pela partilha, conforme as necessidades dos vários membros (cf. At 2, 42-47)».

⁹ «Uma Comunidade Cristã deve ser constituída desde o começo de tal maneira que possa, na medida do possível, prover por si mesma às suas necessidades.» (AG 15).

¹⁰ «A Igreja Particular, pela obrigação que tem de representar o mais perfeitamente possível a Igreja Universal, deve ter consciência que foi também enviada aos habitantes do mesmo território que não crêem em Cristo a fim de ser, pelo testemunho da vida de cada um dos fiéis e de toda a comunidade, um sinal a mostrar-lhes Cristo.» (AG 20).

¹¹ «A obra da implantação da Igreja num determinado agrupamento humano atinge em certa medida o seu termo, quando a assembleia dos fiéis, enraizada já na vida social e adaptada à cultura local, goza de alguma estabilidade e firmeza: com recursos próprios, ainda que insuficientes, de clero local, de religiosos e de leigos, possui já os ministérios e instituições necessárias para viver e desenvolver a vida do Povo de Deus, sob a orientação do próprio Bispo» (AG 19).

Missionário *ad gentes*: promotor da Igreja Comunhão

O missionário *ad gentes* é o protagonista, por excelência, da Igreja Comunhão. Enviado pela Igreja Universal, com quem permanece sempre ligado pelos vínculos da missão que dela mesma recebeu, sabe que a sua actividade missionária não tem senão um único objectivo: ser ponte de encontro da humanidade com Deus e instaurar novas relações de comunhão entre os homens. Como S. João, na sua primeira epístola, o missionário *ad gentes* pode muito bem, e sem presunção alguma, dizer: «O que vimos e ouvimos (do Verbo da vida) nós vo-lo anunciamos, para que estejais também em comunhão connosco e a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo» (1 Jo 1,3).

Expressão palpável da comunhão do homem com Deus, em Cristo, o missionário *ad gentes* inicia as comunidades cristãs nessa mesma comunhão com Deus e fortalece os laços de unidade e de *comunhão fraterna* entre os diversos membros da comunidade cristã. Ele tem, de facto, a plena consciência de ter sido enviado pela Igreja Universal, com a nobre missão de «reunir o povo de Deus na escuta do Evangelho, na *comunhão fraterna*, na oração e na Eucaristia» (RM 26; cf. Act 2,42).

Todavia, para que possa promover eficazmente a *comunhão eclesial*, o missionário *ad gentes* é chamado a viver ele mesmo em comunhão com os irmãos e a testemunhar essa mesma comunhão através de gestos concretos¹². Para o efeito, deve, antes de mais, cultivar um clima de autêntica cooperação com os demais missionários *ad gentes*, numa atitude de verdadeira *comunhão colegial*. Depois, deve instaurar laços de verdadeira *comunhão fraterna* com todos e, em particular, com os membros das comunidades cristãs por ele fundadas. «Viver a “comunhão fraterna” (*koinonía*)

¹² «O missionário que, apesar dos seus limites e defeitos humanos, vive com simplicidade, segundo o modelo de Cristo, é um sinal de Deus e das realidades transcendentess» (RM 42).

significa ter “um só coração e uma só alma” (At 4, 32), instaurando uma comunhão sob os aspectos humano, espiritual e material. A verdadeira comunidade cristã sente necessidade de distribuir os próprios bens, para que não haja necessitados, e todos possam ter acesso a esses bens, “conforme as necessidades de cada um” (At 2, 45; 4, 35). As primeiras comunidades, onde reinava “a alegria e a simplicidade de coração” (At 2, 46), eram dinamicamente abertas e missionárias: “gozavam da estima de todo o povo” (At 2, 47). Antes ainda da acção, a missão é testemunho e irradiação» (RM 26).

Considerando porém que uma comunidade, para ser verdadeiramente cristã, deve fundar-se e viver em Cristo, na escuta da Palavra de Deus e na oração, onde a Eucaristia ocupa o lugar central, na comunhão expressa pela unidade de coração e de alma (cf. At 2, 42-47); para promover a Igreja Comunhão, o missionário *ad gentes* deveria privilegiar antes de mais a criação das chamadas *comunidades eclesiais de base*¹³. Elas «descentralizam e simultaneamente articulam a comunidade paroquial, à qual sempre permanecem unidas; radicam-se em ambientes simples das aldeias, tornando-se fermento de vida cristã, de atenção aos “últimos”, de empenho na transformação da sociedade. O indivíduo cristão faz nelas uma experiência comunitária, onde ele próprio sente-se um elemento activo, estimulado a dar a sua colaboração para proveito de todos. Deste modo, elas tornam-se instrumento de evangelização e de primeiro anúncio, bem como fonte de novos ministérios; enquanto, animadas pela caridade de Cristo, oferecem uma indicação sobre o modo de superar divisões, tribalismos, racismos» (RM 51).

¹³ «Trata-se de grupos de cristãos, a nível familiar ou de ambientes restritos, que se encontram para a oração, a leitura da Sagrada Escritura, a catequese, para a partilha dos problemas humanos e eclesiais, em vista de um compromisso comum. Elas são um sinal da vitalidade da Igreja, instrumento de formação e evangelização, um ponto de partida válido para uma nova sociedade, fundada na “civilização do amor”» (RM 51).

II. A PARTILHA DE «TESOUROS» DAS IGREJAS-IRMÃS

1. Partilha de missionários e missionárias

Na sua Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, João Paulo II afirma: «Cada Igreja particular deve-se abrir generosamente às necessidades das outras. A colaboração entre as Igrejas, numa efectiva reciprocidade que lhes permite dar e receber, é também fonte de enriquecimento para todas, e estende-se a vários sectores da vida eclesial» (RM 64).

Dentro desta perspectiva, a partilha de missionários entre as Igrejas-Irmãs é, antes de mais, um imperioso acto de generosidade para com quem se encontra em grave situação de necessidade e não deveria nunca ser encarada como um simples gesto de voluntariado. De facto, na perspectiva do Decreto Conciliar *Ad Gentes*, «a cooperação das igrejas particulares entre si deriva do facto de que a Igreja é toda ela missionária, e a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus» (cf. AG 35).

Aos bispos, em primeiro lugar, incumbe o dever de promover, coordenar e dinamizar a cooperação entre as igrejas. De facto, como diz o Concílio Vaticano II: «como membros do colégio episcopal, sucessor do colégio apostólico, eles são consagrados não só em benefício duma diocese, mas para a salvação de todo o mundo. O mandato de Cristo de pregar o Evangelho a toda a criação (Mc 16,15) afecta-os, primária e imediatamente a eles, com Pedro e sob Pedro. Daí nascem aquela comunhão e cooperação das igrejas, onde cada uma delas leva em si a solicitude por todas as outras e manifestam umas às outras as próprias necessidades» (cf. AG 38).

Os Presbíteros, «cooperadores da Ordem episcopal» (PO 7), participam directamente da solicitude dos Bispos pelas igrejas e, em comunhão com eles, são chamados a esforçar-se cada vez mais por descobrir novos caminhos de *cooperação missionária* entre as Igrejas-Irmãs, que se ajustem à real situação de cada uma delas.

Relativamente aos Presbíteros, tal cooperação poderá concretizar-se a diversos níveis e de diversas formas: colaborando como missionários *Fidei Donum*¹⁴, ou simplesmente oferecendo serviços esporádicos e pontuais, no âmbito dos seminários e centros de formação laical; na assistência aos emigrantes; na animação missionária e nos retiros espirituais; na promoção humana e social; no âmbito da educação católica e na pastoral da saúde; etc.

Os Institutos de Vida Consagrada, em particular aqueles que se dedicam à *missão ad gentes*, ocupam um lugar estratégico e privilegiado, no contexto da partilha de missionários entre as Igrejas-Irmãs. De facto, estando presentes como instituições mais ou menos estáveis em vários países do mundo, eles têm a possibilidade de avaliar as reais necessidades de cada uma das *igrejas particulares* dos países onde estão presentes e de mandar os seus missionários para lá onde a urgência é mais clamorosa.

Por outro lado, tendo no seu seio missionários provenientes das diversas *igrejas particulares*, os Institutos de Vida Consagrada são em si mesmos um modelo acabado daquilo que se pretende com a partilha recíproca de missionários e missionárias entre as Igrejas-Irmãs: viver e testemunhar a verdadeira dimensão da *comunhão fraterna* no seio da Igreja.

Deste movimento de partilha entre as igrejas, os missionários e missionárias leigos não deverão nunca ser excluídos ou considerados como meros espectadores¹⁵. Com uma determinação cada vez

¹⁴ «Os presbíteros, denominados *Fidei Donum*, evidenciam o vínculo de comunhão entre as Igrejas, dão um precioso contributo para o crescimento de comunidades carenciadas, enquanto recebem delas frescura e vitalidade de fé» (RM 67).

¹⁵ «A participação dos leigos na expansão da fé é clara, desde os primeiros tempos do cristianismo, tanto a nível de indivíduos e famílias, como da comunidade inteira (...). Como não recordar o importante papel desempenhado por eles, o seu trabalho nas famílias, nas escolas, na vida política, social e cultural, e em particular o seu ensino da doutrina cristã? Mais: é necessário reconhecer, como um título de honra, que algumas Igrejas tiveram a sua origem, graças à actividade dos leigos e das leigas missionárias. (RM 71).

maior, eles têm dedicado grande parte do seu tempo na actividade missionária. Muitos deles estão inseridos no chamado «voluntariado missionário», mas não faltam aqueles que a partir da sua paróquia ou comunidade cristã partem rumo aos territórios chamados «de missão», para aí prestarem o seu valioso contributo à actividade missionária da Igreja. Seria muito de desejar que os Bispos das respectivas igrejas particulares criassem nas suas dioceses mecanismos e instituições suficientemente capazes de prepará-los devidamente para a missão, sobretudo se estão destinados a operar no contexto da *primeira evangelização*, nos territórios chamados «de missão». De facto, «também recai sobre eles o mandato do Senhor, tendo o direito de se empenharem individualmente ou reunidos em associação para que o anúncio da salvação seja conhecido e acolhido por todo o homem e em qualquer lugar. Tal obrigação vincula-os ainda mais naquelas situações onde os homens só poderão ouvir o Evangelho e conhecer Cristo através deles» (RM 71).

2. Partilha de bens culturais e económicos

No âmbito da partilha de bens culturais e económicos entre as Igrejas-Irmãs, rigorosamente falando, não existem igrejas ricas e igrejas pobres. Todas elas têm necessidade umas das outras e, ao darem ou ao receberem, todas elas se enriquecem reciprocamente. Na realidade, como dizia João Paulo II: «A pobreza da Igreja que recebe ajuda e enriquece a Igreja que se priva ao oferecer a própria assistência»¹⁶.

Entre os bens culturais que mais deveriam ser partilhados entre as Igrejas-Irmãs, podemos por exemplo salientar a troca de pessoal especializado em diversas áreas, que possa colaborar na

¹⁶ João PAULO II, Mensagem para o Dia Missionário Mundial, 30 de Maio de 1982, n. 2, em AAS 74 (1982), p. 868.

difícil tarefa da formação de formadores para a actividade missionária, para o apostolado laical, para a catequese, para as escolas católicas, para o ensino da doutrina cristã, para uma vida política, social e culturalmente imbuída de valores cristãos, etc., etc.

A partilha de bens económicos pertence a uma longa tradição secular da Igreja, desde os tempos das *comunidades cristãs primitivas* (cf. *Act* 4,32.34-35; 11,29-30). Trata-se, se quisermos, dum verdadeiro exercício da *comunhão fraterna*, onde os diversos membros da Igreja são chamados a ser «um só coração e uma só alma» (cf. *Act* 4,32).

Como diz a *Redemptoris Missio* de João Paulo II: «São muitas as necessidades materiais e económicas das missões: não apenas para dotar a Igreja de estruturas mínimas, tais como capelas, escolas para catequistas e seminaristas, residências, mas também para sustentar as obras de caridade, de educação e de promoção humana, campo vastíssimo de acção, especialmente nos Países pobres» (*RM* 81).

As *igrejas particulares* espalhadas pelo mundo fora, através da colecta que anualmente realizam para o *Dia Mundial das Missões* e que maioritariamente é enviada aos serviços centrais da *Obra da Propagação da Fé* em Roma, muito têm contribuído para ajudar às Igrejas-Irmãs economicamente mais pobres e sem meios suficientes para levar a cabo a actividade missionária. Importa aqui salientar que, nestes últimos anos, o contributo da Igreja local portuguesa, tem sido quase na totalidade destinado à Igreja local em Moçambique. Aproveito já agora esta oportunidade para agradecer a grande ajuda económica que esta igreja particular nos tem dado para a obra da evangelização em Moçambique. Sabemos que é fruto do sacrifício de muitos irmãos que, com muita abnegação e sem mãos a medir, privam-se dos seus bens materiais e os colocam generosamente ao serviço das comunidades cristãs mais pobres. Como diz o Papa João Paulo II: «As suas renúncias e a sua participação são indispensáveis para construir a Igreja e testemunhar a caridade» (*RM* 81).

Conclusão

À guisa de conclusão, quero antes de mais agradecer aos organizadores deste evento que, na pessoa do Rev.do Pe. Manuel Durães Barbosa, convidaram-me a proferir esta palestra. A minha presença aqui, neste momento, traduz duma forma ímpar e eficaz o desejo de cooperação e de partilha entre as nossas *igrejas particulares* e ajuda-nos a criar aquele ambiente de *comunhão fraterna* que, desde os primórdios da Igreja, caracteriza os discípulos de Jesus.

De regresso a Moçambique, levo no coração o entusiasmo *missionário* de centenas de sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas, empenhados na *actividade missionária* em Portugal e nas «terras de missão».



**Os novos espaços dos Leigos
na Missão Ad Gentes**

António Vaz Pinto
Jesuíta

Antes de entrar no tema concreto desta breve comunicação, parece-me conveniente recordar o essencial do conceito teológico e eclesial da missão e da missão cristã.

1. Origem e noção de missão

É necessário lembrar o carácter trinitário da missão cristã, presente em todo o N. T., mas de modo especialmente marcado quer no final do evangelho de Mateus “Ide por todo o mundo... ensinai e... baptizai... em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt. 28, 16-20) quer de modo mais dinâmico ainda, no evangelho de S. João: “Assim como o Pai me enviou, assim Eu vos envio a vós... Recebei o Espírito Santo” (Jo 20, 21-22)

Quer dizer, embora em toda a missão haja contacto e intercâmbio cultural e pessoal, a missão não se reduz a uma qualquer intercomunicação, vem de mais Alto e vai mais longe... Implica o ser enviado e a consciência de ser enviado, ultimamente pelo próprio Deus, através da mediação da Sua comunidade, a Igreja. Em concreto, alguém (1) que envia outrem (2) em direcção a um terceiro (3) com uma determinada tarefa ou mensagem (4).

Assim, aconteceu na missão cristã “originária”: Deus Pais enviou-nos o Seu Filho que incarnou (Jesus Cristo) fazendo-se um de nós, com a oferta da Boa Nova do perdão e da vida nova.

Terminada a Sua presença terrestre esta mesma missão continua ao longo da história, levada pela Comunidade que Jesus fundou (a Igreja) e conduzida e acompanhada pelo Espírito Santo, Espírito do Pai e do Filho que o próprio Jesus glorificado derramou sobre a Sua comunidade, constituindo-a como Igreja e Seu Corpo.

Neste contexto, é fácil compreender que a missão cristã, colectiva ou pessoal, não pode ser nem individualista nem uma espécie de “auto-gestão”: ninguém é enviado sozinho e ninguém pode enviar-se a si próprio... Trata-se de continuar ou actualizar, em comunidade, a própria missão de Jesus Cristo, o Enviado do Pai, o Missionário, por excelência.

Ser missionário é continuar, em Igreja, a própria missão de Jesus Cristo - profeta, sacerdote e rei - face à sociedade, às necessidades e às culturas de hoje, numa palavra, ao Homem de hoje.

Como o próprio exemplo de Jesus Cristo nos ensina, Ele que dentre os **discípulos** escolheu 12 **apóstolos**, a importância da Comunidade na missão é patente, é ou deve ser já eloquente testemunho da Sua presença e expressão de que a Igreja é sinal e instrumento de unidade dos homens entre si e de comunhão com o próprio Deus.

Mas, como veremos melhor, a Boa-Nova do Reino de Deus inaugurada em Jesus Cristo, que todos somos chamados a anunciar, proclamar e construir, não é só uma questão de palavras; se estas são necessárias, os gestos e sinais e o testemunho da própria vida é que dão credibilidade e consistência à Boa-Nova, nesta actual compreensão da missão que encontra a sua feliz expressão na conhecida afirmação de Paulo VI – “**o desenvolvimento é o novo nome da paz**”. Desenvolvimento bem entendido: **integral** “o homem todo e todos os homens” e não apenas progresso económico ou desenvolvimento só para alguns...

O que é verdadeiramente novo pela sua dimensão e mudança de perspectiva, é o facto de a consciência missionária, que com raras excepções, durante séculos e séculos, era “reservada” a padres, freiras e religiosos, se ter “transplantado” para os pró-

prios **leigos**, homens e mulheres, cada vez mais conscientes de que a sua identidade cristã não é essencialmente **negativa** - não ser padre, não ser freira, não ser religioso – mas sim, **positiva**, participando, por direito próprio, no ser, na filiação e na missão do Filho; é esse, precisamente, um dos mais importantes significados sacramentais do **baptismo e confirmação**.

Todos, portanto também leigos e leigas, são **profetas** (responsáveis pela palavra de Deus) **sacerdotes** (fazendo da sua vida uma entrega sagrada e de amor, ao Pai pelos irmãos) e **reis** (utilizando os talentos herdados e adquiridos) para a construção de um mundo mais humano, livre, digno e fraterno.

E se, em tempos passados, a dificuldade de comunicação e de transporte dificultavam ou até impossibilitavam este sair ou partir em direcção a outros povos, culturas e mentalidades, hoje, as facilidades de deslocação, o conhecimento visual das situações e uma nova mentalidade mais livre e desapegada, tudo contribui e explica este novo “respirar” da Igreja universal, aberta à troca, à experiência, à partida e generosidade.

2. Um mundo em mudança

É fruto desta profunda mudança na compreensão da identidade e missão cristã, que em resposta às profundas mudanças também operadas no mundo de hoje e certamente inspirado pelo Espírito, assistimos ao florescer, em Portugal e no Mundo de um impressionante conjunto de novos movimentos missionários, sobretudo ligados à juventude, de carácter muito diversificado na sua génese, formação dos seus membros, duração da missão, tipo de actividade e serviço. Naturalmente, muitos destes movimentos e organizações, nasceram e vivem associados a paróquias, dioceses e sobretudo, ordens e congregações missionárias, bebendo da sua espiritualidade própria e também da sua experiência e acompanhamento.

A juventude actual, pelo menos no mundo ocidental, de facto, em muitos locais e grupos, tem sofrido profundas mudanças: ultrapassagem de fronteiras (raciais, culturais, geográficas) novos horizontes para a tradicional generosidade, superação de uma vida pautada exclusivamente pelo egoísmo e “carreirismo”, procura de um sentido pessoal e colectivo para a vida, que ultrapassa as propostas do hedonismo, da ciência e da política...

Neste sentido, estão a mudar muitos jovens e também os cristãos, os leigos e sobretudo os jovens leigos.

Da experiência bastante longa que retirei da minha presença nos “Leigos para o Desenvolvimento”, mais de 20 anos...sem de modo algum querer absolutizar a minha reflexão, gostaria de sublinhar, de modo muito sintético, traços e “dicas” que me parecem de especial importância...

- **Preparação profissional** – em princípio, o “candidato” deverá já trazer a sua preparação, académica ou de experiência profissional, precisamente para poder ser “útil” na sua futura “terra de missão”.

- **Formação cristã** - com raras excepções um jovem de hoje não traz uma adequada formação cristã: é necessário um plano de formação adequado, teórico e prático, longo que ponha à prova não só a seriedade da intenção mas também a capacidade de a manter e a fortaleza para viver em condições adversas... A prática da oração pessoal e sacramental, a capacidade de se inserir harmonicamente na comunidade e de aguentar regras, ritmos e diferenças, é indispensável.

- **Acompanhamento pessoal** – ao longo da formação e quando possível ao longo da missão, é de capital importância o **acompanhamento pessoal**, que ajude a crescer, que corrija com benignidade, que anime nos momentos duros, que ensine a ler a

vida à luz do Evangelho e do Espírito. E isso não se improvisa nem se recebe por injeção ou vacina...

- **Despistagem das motivações** – sem se resumir a isso, o acompanhamento pessoal é também indispensável para a “despistagem das motivações”... nem sempre tão nobres quanto parecem: problemas de emprego, desaires sentimentais, fugas a situações penosas, puro aventureirismo e “romantismo” sem compromisso cristão, etc...

- **“Conflitos” com a profissão** - de grande importância também é a correcta relação com a profissão, ou já exercida ou ainda esperada... Num tempo de crise e muitas vezes de insegurança quanto ao futuro profissional, há que ter em conta este aspecto, minorar as inseguranças, sublinhar o carácter de missão e de radicalidade que o seguimento de Jesus sempre exigem... Caso contrário, o temor do futuro e o problema da carreira podem “minar” todo o processo e comprometer seriamente o empenho na missão e a integração na comunidade local. Embora o corpo esteja presente, o coração está longe...

- **Equilíbrio físico, psicológico e afectivo** - os mínimos de equilíbrio físico e psicológico têm de ser altos, dadas as condições adversas que são de prever, devendo ainda no tempo de formação e preparação, atender-se à saúde física e sobretudo psíquica (tendências depressivas, dificuldade de inter comunicação, “fantasia” e refúgio no sonho...)...

Importante é que o “cordão umbilical” com os pais e amigos esteja bem cortado... trata-se de jovens adultos mas... adultos! Isto é tanto mais importante quanto, através de telefone e sobretudo da “internet”, é hoje possível manter ou até reforçar relações afectivas permanentes que podem prejudicarem seriamente o crescimento pessoal do missionário ou missionária leiga, a inserção na comunidade missionária local e o compromisso sério e dedicado à missão recebida....

É preciso “cortar” para poder incarnarlocalmente e comunitariamente.

Nem o abandono nem o excesso de apoios, sobretudo afectivos, são recomendáveis...

- **Comunidade** - a inserção numa pequena comunidade de “pares” (idades semelhantes, missões complementares) para suporte mútuo, oração comum, troca de experiências, crescimento da amizade (para não ter que ser buscada fora...) mais que conveniente, é indispensável... Mas ao mesmo tempo, frequentemente, é muito difícil e penosa; os “outros”, membros da nossa “comunidade”, são diferentes, não os escolhemos (nem escolheríamos...) há “roces”, conflitos e desajustes...

E, no entanto, não se pode ser mole nesta existência, apesar dos custos... Tem de haver distribuição de tarefas, tempos comunitários indispensáveis, para o lazer, o estar, o rezar... Embora possa parecer “aliviante” fugir da comunidade e procurar “fora” o que custa mais encontrar “dentro”... dar rédea solta ao **individualismo**, mesmo com a melhor das intenções, a breve prazo traria o exacerbar dos conflitos e o desmoronar da comunidade e da missão...

- **A ligação com a “direcção”** - Tratando-se de missão cristã, é importante, desde a preparação, promover o sentido de **pertença** e de integração na Igreja universal, **local** e na própria organização a que se aderiu.

Não é possível entrar em “auto-gestão” como dissemos e se é necessária e fecunda certa autonomia, não podemos esquecer, temos mesmo de fomentar, a relação de respeito e obediência ao Bispo local e aos seus representantes e à direcção local e nacional ou internacional da nossa organização ou associação. É com o próprio Jesus Cristo e com os grandes apóstolos da história da Igreja, que temos de aprender a humildade de obedecer, de muitas vezes não fazer o que nos

apetece, de renunciar os nossos próprios projectos e planos.

No fundo, cada missionário, por melhor que seja e trabalha não faz mais do que colocar uma modesta feira de tijolos sobre a feira que outros já puseram e sobre a qual outros também irão colocar a sua...

3. O “outro”

Finalmente, consideramos o outro “polo” da missão, aquele ou aqueles a quem somos enviados, o “outro”...

Se a globalização é uma indiscutível marca do nosso tempo – financeira, económica, energética, etc. – também a globalização missionária é um fenómeno indiscutível... Mas, olhando para o panorama português, atendendo aos laços históricos e linguísticos, é normal, sem excluir outras possibilidades que o horizonte missionário vá de Timor ao Brasil, passando por S. Tomé, Guiné, Cabo Verde, Angola e Moçambique...

Mais importante que o continente ou o país de destino, é o “**ou-tro**” a quem somos enviados, que deve estar presente, já durante a preparação para a missão e permanecer presente durante toda ela: é necessário conhecimento, respeito, acolhimento do outro, proximidade, entrega às suas necessidades pessoais e colectivas, materiais e espirituais, numa atitude de fundo que mais do que **in-culturação**, deve ser de **incarnação** como nos ensina o modelo de todo o missionário, o próprio Jesus Cristo: enviado pelo Pai, sendo Deus fez Se homem, “incarnou“, como diz e Carta aos Hebreus, “em tudo igual e nós, excepto no pecado”... Fazer-se semelhante ao outro, aproximar-se dele, quanto possível, na linguagem, na cultura, nas tradições, etc.... e a partir de dentro, das necessidades compreendidas e vividas, então aí, e daí anunciar o Evangelho, a Boa – Nova de Deus, por palavras e sobretudo gestos e sinais...

De facto, não partimos em missão porque somos melhores ou mais cultos, por paternalismo ou pseudo – superioridade.

Se temos muito a levar e a ensinar, certamente temos também muito a receber e a aprender... Ser missionário não é apenas **fazer**; é também **ser, estar e amar**... O que se pretende não é criar dependências mas sim independências e é exactamente nesta relação de inter – acção e de duplo sentido que tem todo o lugar “o serviço de fé, a promoção de justiça e o diálogo intercultural”, os três polos de toda a verdadeira missão.

Os novos espaços e modos de missão “exterior” são claramente um “sinal dos tempos”: com que Deus fala a toda a Igreja. Saibamos ler este sinal e responder-lhe com altura e generosidade.



**Linhas de acção para o futuro
da Missão em Portugal**

D. Manuel Quintas
Bispo do Algarve
Presidente da Comissão Episcopal Missões
(Até Abril de 2008)

Saudação

Saúdo, cordialmente, todos os congressistas presentes.

Manifesto o meu reconhecimento a quantos nos enriqueceram já, neste Congresso, com o seu saber, a sua experiência, o seu entusiasmo missionário, o testemunho da sua fé, e, particularmente, os missionários presentes pelo testemunho contagiante de uma vida toda ela vivida ao serviço da missão *ad gentes*... eles que “representam o paradigma do compromisso missionário da Igreja, que tem sempre necessidade de doações radicais e totais, de impulsos novos e corajosos” (RM 66).

Observação prévia: ao preparar este tema, indicado no programa como “Linhas de acção para a missão da Igreja em Portugal”, concluí que era oportuno, indo ao encontro dos objectivos deste Congresso em cuja preparação participei, preceder as indicações pretendidas, com uma reflexão sobre os princípios que as inspiram. Daí a alteração do tema desta conferência – *Princípios inspiradores e linhas de acção para a Missão da Igreja em Portugal* – que passo a apresentar, seguindo estes tópicos:

1. Responder ao desafio: Portugal, vive a missão, rasga horizonte!
2. Assumir o dinamismo da missão *ad gentes* como horizonte e paradigma da acção pastoral
3. Crescer na comunhão, comprometer-se na missão

4. Edificar comunidades vivas de fé, de amor e de dinamismo missionário

5. Promover maior unidade e eficácia na dinamização da acção missionária em Portugal.

1. Responder ao desafio: Portugal, vive a missão, rasga horizonte!

São horas! Portugal, vive a missão!

São horas de partir, Portugal, rasga horizontes!

Responde à história e vai levar Palavra e Pão!

Portugal, vive a missão! (cf *Hino do Congresso*)

Todas as horas são tempo de partir! Todas as horas são tempo de rasgar horizontes, de viver a missão! O *“ide pelo mundo e anunciai o Evangelho a toda a criatura”* (Mc 16,15), é um mandato sempre actual, cuja resposta permanecerá como urgência de todas as horas e de todo o tempo, para a Igreja entendida e definida, na sua essência mais profunda, como missionária. Ela existe para evangelizar: *o anúncio do Evangelho é o serviço da Igreja ao mundo; evangelizar é a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda* (cf EN 1.14), identidade que deve manifestar-se na vida de cada um dos seus membros.

Em cada tempo e em todo o tempo a Igreja, apoiada na fé em Cristo Ressuscitado, seu Senhor e Mestre, que constantemente lhe dirige o convite *fazei-vos ao largo* (Lc 5,4), é chamada, impelida pela acção do Espírito, a dar a mesma resposta de Pedro *“porque tu o dizes, lançarei as redes”* (Lc 5,5).

Este apelo de Cristo deve ecoar hoje, com a força e a novidade da primeira hora, no coração de cada baptizado. Anunciar o Evangelho ao mundo é a tarefa de sempre da Igreja. Anunciar o Evangelho ao mundo em constante mudança como o nosso, como nos foi dado verificar neste Congresso, constitui, seguramente, o desafio mais exigente para a Igreja de hoje. Da resposta

a esse desafio depende o rosto futuro do cristianismo e da própria Igreja, o rosto das nossas comunidades cristãs e, conseqüentemente, o rosto da sociedade.

A resposta a este desafio passa seguramente não só por uma revisão permanente de meios e métodos do anúncio do Evangelho, mas sobretudo pelo testemunho pessoal e comunitário da adesão a Cristo, – testemunho de santidade – e pela criatividade e audácia apostólicas, expressão da acção do Espírito, “o verdadeiro protagonista da missão” (RM 30).

Ao longo destes dias, as diversas intervenções que escutámos, ajudaram-nos a conhecer melhor a Igreja presente no Portugal de hoje, confrontada com as incertezas do mundo actual, com situações concretas de missão *ad gentes* e com o desafio dos valores; nesta Igreja, que todos constituímos, fomos convidados, igualmente, a percorrer os novos caminhos da missão *ad gentes*, missão que brota do coração de Deus, se situa no coração da Igreja local e se abre, como expressão plena de maturidade na fé e no amor, em partilha fecunda e fraterna, com as Igrejas nascentes, em atitude permanente de quem dá, dando-se, e de quem recebe, acolhendo as Igrejas irmãs como um “tesouro”.

Queremos olhar para o futuro com esperança, cientes de que a missão confiada por Cristo à Igreja é de todos os seus membros e para todos os homens, apoiados na certeza de que sempre que nos “fazemos ao largo”, é Ele que rasga os horizontes e proporciona uma pesca qualitativamente abundante.

Por isso, “fazei-vos ao largo” deve constituir, antes de mais e para todos, um convite à contemplação do “rosto de Cristo”, para que “partindo d’Ele” a acção evangelizadora não se transforme em “agitação” estéril e vazia (cf NMI 15); deve levar-nos, igualmente, tendo presente a riqueza do passado e a realidade presente, a traçar com maior nitidez o rosto missionário das nossas Dioceses e das nossas comunidades cristãs, através de uma

revisão cuidada do seu agir pastoral, de modo que apareça com maior clareza a opção fundamental da evangelização¹.

No “rasga horizontes” está ainda o convite a valorizar e desenvolver as potencialidades missionárias já presentes, ainda que de forma latente, na pastoral ordinária. Uma “opção missionária” nunca pode ser vista como alternativa à pastoral quotidiana. Deve sim ser permeada pela novidade, coragem e convicção que o Espírito incute e pede às comunidades cristãs.

2. Assumir o dinamismo da missão *ad gentes* como horizonte e paradigma da acção pastoral

O “rasga horizontes”, é também um incentivo e um estímulo a assumir a missão *ad gentes* não como uma meta a atingir, ou o ponto de chegada de um programa pastoral, mas antes como o seu horizonte diário, o seu paradigma por excelência, o princípio dinamizador de toda acção a pastoral. Na vida de cada comunidade cristã deve estar bem viva a concretização de um único desejo: que todos conheçam Jesus Cristo, que o descubram pela primeira vez ou o redescubram se há muito o abandonaram e d’Ele perderam a memória e toda a referência, de modo a experimentarem o seu amor vivido, em Igreja, na fraternidade dos seus discípulos.

A missão *ad gentes* não é facultativa para a Igreja, nem adiável ou delegável para os seus membros. Foi-lhe conferida por mandato de Cristo. Enviada a *todas as gentes*, a Igreja, “sacramento universal de salvação” (LG 48), esforça-se por anunciar o Evangelho a todos os homens (cf AG 1). Missão que “está ainda bem longe do seu pleno cumprimento. (...) Uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão está ainda no começo, e que

¹ cf CEI, Nota pastorale, *Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia*, Roma 30.05.2004. n.5.

devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço” (RM 1). “Está muito longe de se ver concluída. Quer desde o ponto de vista numérico, devido ao aumento demográfico, quer do ponto de vista socio-cultural, pelo despontar de novas relações e pela variação das situações, aquela missão parece destinada a possuir horizontes ainda mais vastos” (RM 35).

Horizontes que se situam, inclusivamente, no nosso quotidiano, como refere João Paulo II na Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*: “Em várias partes da Europa, há necessidade do primeiro anúncio do Evangelho: aumenta o número das pessoas não baptizadas, (...) porque famílias de tradição cristã não baptizaram os filhos devido (...) a uma generalizada indiferença religiosa. Com efeito, a Europa faz parte já daqueles espaços tradicionalmente cristãos, onde, para além duma nova evangelização, se requer em determinados casos a primeira evangelização. [...] Mesmo no ‘velho’ continente existem extensas áreas sociais e culturais onde se torna necessária uma verdadeira e própria *missio ad gentes*” (EE 46).

A missão *ad gentes* constituiu sempre, ao longo da história da Igreja, um dom e uma graça, um *kairós* rejuvenescedor do Espírito, uma oxigenação renovadora das comunidades cristãs. “O impulso missionário sempre foi um sinal de vitalidade, tal como a sua diminuição um sinal de crise de fé” (RM 2). A renovação da fé das comunidades cristãs não crescerá “se cada uma não se empenhar em expandir o campo da caridade até aos confins da terra, e não tiver pelos que estão longe uma solicitude igual à que tem pelo seus próprios membros” (AG 37). “A missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos também encontrará inspiração e apoio, no empenho pela missão universal” (RM 2).

João Paulo II, na passagem do milénio, lançou a toda a Igreja um insistente convite “a interrogar-se sobre a sua renovação para assumir, com novo impulso e com um novo dinamismo, a sua missão evangelizadora” (NMI 2.15). Impulso e dinamismo presentes

na expressão *nova evangelização*, motivadora de uma pastoral não acomodada à segurança das sacristias ou ao aconchego de uma comunidade dobrada e fechada sobre si mesma. É sempre hora de cumprir o mandato de Jesus: de rasgar horizontes e se fazer ao mar alto e vasto do mundo para lançar as redes, abrindo a todos o Evangelho da vida, para que a cada homem e a cada mulher seja dada a possibilidade de conhecer e de se encontrar com Cristo vivo.

João Paulo II assumiu para si próprio, e para toda a Igreja, a resposta a este desafio: “em nome de toda a Igreja, sinto o dever imperioso de repetir este grito de S. Paulo – ai de mim se não evangelizar (1Cor 9,16). Desde o início do meu pontificado, decidi caminhar até aos confins da terra para manifestar esta solicitude missionária. Este contacto directo com os povos, que ignoram Cristo, convenceu-me ainda mais da urgência de tal actividade” (RM 1). “O que me anima mais a proclamar a urgência da evangelização missionária é que ela constitui o primeiro serviço que a Igreja pode prestar ao homem e à humanidade inteira, no mundo de hoje, que, apesar de conhecer realizações maravilhosas, parece ter perdido o sentido último das coisas e da sua própria existência” (RM 2).

O testemunho missionário de João Paulo II, que atravessou todo o seu pontificado, continua a constituir um exemplo de apóstolo incansável na resposta, em primeira pessoa, ao mandato de Cristo: “percorri as estradas do mundo, para anunciar o evangelho, para confirmar os irmãos na fé, para consolar a Igreja, para ir ao encontro do homem. São viagens de fé... São outras tantas ocasiões de catequese itinerante, de anúncio evangélico alargado a todas as latitudes, e de Magistério apostólico prolongado até aos hodiernos espaços planetários” (RM 63).

A Missão da Igreja conserva toda a sua actualidade, porque Deus permanece fiel ao seu desígnio de amor manifestado em Cristo Jesus: salvar toda a humanidade.

- Torna-se, assim, prioritário dotar toda a pastoral de dinamismo missionário, de modo que anuncie, com a mesma novidade

da manhã de Pentecostes, a pessoa de Cristo ressuscitado; vá ao encontro dos homens e das mulheres de hoje, na sua situação concreta; e testemunhe, de modo convicto e audaz, que também hoje é possível viver a existência humana de acordo com o Evangelho e contribuir para renovar a sociedade, nela incutindo sinais de esperança, presentes no esforço por uma mais eficaz justiça social e pelo incremento de uma maior fraternidade entre todos os povos.

3. Crescer na comunhão, comprometer-se na missão

A comunhão e a missão fundamentam, iluminam e conferem fecundidade a toda a acção evangelizadora na Igreja, expressão da diversidade de vocações, carismas, ministérios e serviços, acolhidos e exercidos em complementaridade mútua como dons do Espírito para enriquecimento de todos.

A comunhão, que encarna e manifesta a própria essência do mistério da Igreja, constitui, como referiu João Paulo II (cf *NMI* 42), o grande desafio para todos no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo, assim como um vasto campo no qual se torna necessário um decidido empenho programático a nível da Igreja universal e das Igrejas particulares.

A Igreja, chamada a anunciar com fidelidade e verdade o Evangelho, deve ser, prioritariamente, uma comunidade de irmãos que testemunha o amor e a unidade. “A força da evangelização virá a encontrar-se muito diminuída se aqueles que anunciam o Evangelho estiverem divididos entre si, por toda a espécie de rupturas” (*EN* 77). A falta de amor e comunhão, ou seja, de unidade eclesial retira força e eficácia ao anúncio do Evangelho ao mundo de hoje.

“A palavra de ordem era, e é, construir caminhos de comunhão. (...) A eclesiologia da comunhão na senda do Concílio, à qual a Igreja em Portugal se sente particularmente interpelada na

sequência do Grande Jubileu, é a rota certa a seguir” (Bento XVI, *Visita ad Limina dos Bispos Portugueses*, 2007).

A comunhão eclesial configura-se como uma comunhão *orgânica* e caracteriza-se pela presença simultânea da *diversidade* e da *complementaridade* das vocações, dons do Espírito para o serviço do único e mesmo Corpo do qual Cristo é a cabeça (cf *1Cor 12,12*). Os carismas, os ministérios, as funções e os serviços existem na comunhão e para a comunhão. O que os distingue *não é um suplemento de dignidade, mas uma especial e complementar habilitação para o serviço* (cf *CL 20*).

A comunhão gera comunhão e assume essencialmente a forma de *comunhão missionária*. “Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e vos constituí para irdes e dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça” (*Jo 15, 16*). A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetraram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão.

A comunhão, recebida pela Igreja como dom do Espírito, tem um destino universal. A missão da Igreja é dar a conhecer Cristo a todos, para que todos possam n’Ele e pelo Espírito entrar em comunhão com o Pai: “que todos sejam um só; como Tu, ó Pai, estás em Mim e eu em Ti, que também eles estejam em nós para que o mundo acredite que Tu me enviaste” (*Jo 17,21*). Crescer na comunhão é sinal e garantia da autenticidade da missão, porque fruto maduro numa comunidade missionária.

“Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (*Jo 20,21*). Este mandato de Jesus tem a sua fonte na comunhão com o Pai e na missão que Ele lhe confiou, e de cuja continuidade Cristo incumbiu os seus discípulos. A *missio Ecclesiae* provém da *missio Dei*, operada por Cristo. Cada cristão, em virtude do Baptismo e do Crisma, participa e insere-se neste movimento de amor, impelido pelo Espírito até aos confins do mundo, num projecto de salvação que é de Deus e que se realiza dia após dia, em favor da grande família humana.

A *comunhão e a missão* inspiram e tornam fecunda toda acção missionária da Igreja. Deste modo, a evangelização nunca é um acto individual, mas sempre uma acção eclesial e comunitária; o enviado age, não devido a uma missão pessoal que se atribuiu a si próprio, “mas em comunhão com a Igreja e com os seus Pastores” (EN 60) e a partir de um mandato recebido. Os seus ouvintes devem descobrir, por trás dele, “a comunidade que o enviou e apoia” (RM 45).

Numa Igreja toda ela missionária, os seus membros são todos, sem excepção, chamados e enviados a anunciar o Evangelho, cada um segundo a vocação específica, os carismas e os dons com que o Espírito enriquece, anima e vivifica a Igreja: bispos, presbíteros, diáconos, consagrados, leigos².

3.1. Os Bispos

O anúncio do Evangelho constitui a principal tarefa dos bispos (cf LG 25); em comunhão com o sucessor de Pedro, são “directamente responsáveis pela evangelização do mundo, quer como membros do colégio episcopal, quer como pastores das Igrejas particulares” (RM 63); o mandato de Cristo de pregar o Evangelho a toda a criatura (cf Mc 16,15) é dirigido explicitamente a eles com Pedro e sob Pedro, por isso são “consagrados não apenas para uma diocese, mas para a salvação de todo o mundo” (AG 38).

- Compete aos Bispos suscitar, promover e valorizar os diferentes carismas e a sua presença em ordem à edificação da única Igreja, bem como impulsionar a acção missionária da sua diocese, tornando presente e quase visível o ardor missionário do povo de Deus, de tal modo que toda a Igreja diocesana se torne missionária (cf AG 38).

- Cada diocese é chamada a tomar cada vez mais consciência da missão universal, ou seja, a descobrir e a redescobrir a sua

² cf Cardeal José Saraiva Martins, *Ide e anunciai - Fundamentos e desafios da missão hoje*, 137ss.

própria natureza missionária... Consequentemente, cada Bispo, na sua qualidade de chefe e de guia da Igreja local, deverá empregar todas as suas energias nesse sentido e, por isso, na medida do possível, empregar todos os meios para dar um vigoroso impulso missionário à sua Diocese” (JP II, *Mensagem Dia Missionário Mundial*, 1982).

3.2. Os presbíteros

Os presbíteros, como colaboradores dos Bispos, por força do sacramento da Ordem, são chamados:

- a partilhar a solicitude pela missão de toda a Igreja e não apenas por uma missão limitada e restrita, uma vez que todo o ministério sacerdotal participa da mesma amplitude universal da missão confiada aos Apóstolos por Cristo (cf *PO* 10);
- a exercer o seu ministério com um coração e uma mentalidade missionária, abertos às necessidades da Igreja e do mundo, atentos aos mais distantes e, sobretudo, aos grupos não cristãos do próprio meio (cf *RM* 67);
- a reflectir a dimensão missionária da sua vocação, da sua consagração e do seu serviço ministerial na sua actividade pastoral: despertando e alimentando em todos o zelo pelo anúncio de Cristo; incutindo nas famílias o cultivo das vocações missionárias; despertando nos jovens o entusiasmo por Cristo e pelas missões *ad gentes*; apoiando as iniciativas promovidas em favor das Igrejas nascentes (cf *AG* 39).

No que respeita à formação dos futuros sacerdotes, o Decreto *Ad Gentes* exorta os professores dos Seminários e das Universidades, sobre o adequado aprofundamento dos aspectos missionários contidos nas disciplinas teológicas, de modo a formar neles uma *consciência missionária*, não circunscrita apenas ao nível intelectual e académico mas que deve envolver toda a pessoa e toda a vida (cf *AG* 39).

Esta consciência da Igreja como “*comunhão*” *missionária* proporcionará aos futuros presbíteros a sensibilidade e a predisposição

para dotar as diversas actividades pastorais de dinamismo missionário, bem como a disponibilidade para anunciar o Evangelho para além dos confins da sua Diocese ou mesmo do seu país e da sua cultura (cf *PDV* 59).

O anúncio do Evangelho constitui a especificidade singular do ministério sacerdotal, dá unidade às inúmeras solicitações e tarefas do dia a dia, confere uma especificidade própria a todas as actividades pastorais e exprime a finalidade última de todo o agir sacerdotal (cf *EN* 68).

3.3. Os consagrados

Os *consagrados* na vida religiosa ou secular, bem como os membros das sociedades de vida apostólica, em número crescente na Igreja, constituem a face visível da fecundidade missionária de tantas formas de consagração na Igreja, nessa inesgotável e multiforme riqueza sinfónica do Espírito, que as inúmeras Famílias Religiosas evidenciam, desde as contemplativas às especificamente missionárias “ad gentes”.

A vida consagrada, seja ela activa ou contemplativa, é, por natureza, essencialmente missionária, de acordo com o estilo do próprio Instituto (cf *CIC* cân 783). Só poderá ser entendida no seu significado mais profundo se concebida numa perspectiva profundamente apostólica (cf *PC* 2). Constitui, deste modo, por si mesma, um anúncio explícito do Reino, um “meio privilegiado de evangelização eficaz” (*EN* 69).

O concílio reconheceu o papel extraordinário dos Consagrados na obra da evangelização: “tiveram e continuam a ter uma parte importantíssima na evangelização do Mundo” (*LG* 44). Encontramos, idêntico testemunho de João Paulo II na *Redemptoris Missio*: “A história atesta a extraordinária e benemérita acção das Famílias religiosas, em favor da propagação da fé e da formação de novas Igrejas: desde as antigas Instituições monásticas até às Congregações modernas, passando pelas Ordens medievais” (*RM* 69). “Verdadeiramente, a Igreja deve-lhes muito” (*EN* 69) –

concluiu Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* –, a Igreja e a sociedade muito continuam a esperar dos consagrados, afirmamos e temos a certeza todos nós. Esperamos e precisamos que continuem:

- a assumir e a testemunhar na Igreja a fecundidade missionária da própria consagração como primeira forma de anúncio do Evangelho;

- a acreditar na eficácia da oração, no testemunho dos conselhos evangélicos, ainda que não entendidos nem valorizados pelo mundo de hoje, na afirmação silenciosa da primazia e da transcendência de Deus (vida contemplativa), como meios privilegiados e eficazes que dão maior fecundidade à palavra e à acção dos mensageiros do Evangelho e interpelam os não cristão;

- a ser sinal *do primado absoluto de Deus* através da doação total da vida oferecida como verdadeiro culto espiritual, em resposta a um mundo marcado pelo secularismo, dominado pelo consumismo e por tantas formas de relativismo;

- a fazer do testemunho da fraternidade evangélica, no ambiente pluricultural e plurirreligioso de hoje, um estímulo para a purificação e a integração de valores diversos e da superação de contrastes (cf *EEur* 38);

- a ser criativos no serviço aos mais necessitados, particularidade de todos os fundadores, na resposta a novas formas de pobreza e de marginalização (cf *EEur* 38);

- a optar pelo anúncio do Evangelho nos espaços imensos da caridade, da educação cristã, da cultura, e da solidariedade com os pobres, os discriminados, os marginalizados e os oprimidos” (*RM* 69), bem como nos postos de vanguarda da missão, com risco de perda da saúde e da própria vida (cf *EN* 69), constatação que continua a verificar-se nos dias de hoje.

A *Vida Consagrada* será tanto mais apostólica e missionária, quanto mais íntima e plena for a sua dedicação ao Senhor; fraterna for a sua forma comunitária de existência; efectiva for a sua comunhão e inserção na Igreja local; corajoso for o seu empenho na missão específica do Instituto, como participação e realização da missão da Igreja.

3.4. Os leigos

O mandato missionário de Cristo diz respeito a todos os batizados, de acordo com a vocação específica de cada um. A missão é de todo o Povo de Deus, é tarefa de todos os fiéis (cf *RM* 71).

A participação dos leigos no anúncio do Evangelho tem o seu fundamento nos sacramentos do Batismo e do Crisma, pelos quais se tornam membros de Cristo, enviado pelo Pai e membros da Igreja enviada por Cristo e, conseqüentemente, participantes da missão de Cristo e da Igreja³. Tornam-se assim, por direito e dever próprios, corresponsáveis com os ministros ordenados, os consagrados e consagradas na missão da Igreja. Missão que nelles assume uma especificidade própria: “A índole secular é própria e peculiar dos leigos. (...) São chamados a contribuir, a partir de dentro e à maneira de fermento, para a santificação do mundo, através do cumprimento do próprio dever, guiados pelo espírito evangélico, e a manifestar Cristo aos outros, antes de mais com o testemunho da sua vida e com o fulgor da sua fé, esperança e caridade” (*LG* 31; cf *CL* 15).

A emergência de um laicado consciente da sua vocação e missão na Igreja, portador de um fermento novo e de um dinamismo evangelizador constitui, seguramente, um dos frutos mais preciosos do Concílio.

Todavia, é igualmente interpelador o número de batizados sem referências cristãs, eclesiais e comunitárias, revelando um evidente divórcio entre a fé e a vida, e uma ignorância religiosa a todos os níveis, mesmo após o percurso normal e completo de catequese.

Bento XVI, na recente visita ad Limina, faz referência a esta situação, bem conhecida de todos: “à vista da maré crescente de cristãos não praticantes nas vossas dioceses, talvez valha a

³ cf Cardeal José Saraiva Martins, *Ide e anunciai - Fundamentos e desafios da missão hoje*, 151.

pena verificardes «a eficácia dos percursos de iniciação actuais, para que o cristão seja ajudado, pela acção educativa das nossas comunidades, a maturar cada vez mais até chegar a assumir na sua vida uma orientação autenticamente eucarística, de tal modo que seja capaz de dar razão da própria esperança de maneira adequada ao nosso tempo» (*Sacramentum caritatis*, 18). Esta recomendação de Bento XVI, evoca-nos a igualmente expressiva afirmação conciliar do Decreto *Ad Gentes*: a Igreja sem leigos cristãos, reconhecidos, formados e participativos, não se poderá considerar verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Sem a presença activa dos leigos, o Evangelho não pode gravar-se profundamente nos espíritos, na vida e no trabalho de um povo. Por isso é essencial prestar grande atenção à formação dum laicado cristão amadurecido (cf AG 21).

A formação dos leigos deve ser assumida como opção urgente duma pastoral integrada. Uma formação que siga “preferencialmente o modelo catecumenal, que integre as dimensões doutrinal, vivencial e celebrativa”⁴, não exclusivamente direccionada para um serviço pastoral, mas sobretudo para a verdade da adesão a Cristo, a consciência de pertença e integração na Igreja e a qualidade do testemunho da fé. Para tal, é fundamental dotar todo o serviço na Igreja, seja de que ordem for, com a espiritualidade da oblatividade e da gratuidade aprendidas e celebradas na Eucaristia, enquanto fonte e vértice da vida e da missão da Igreja.

Quanto mais vivo for o amor pela Eucaristia no coração do povo cristão, tanto mais clara lhe será a incumbência da missão: *levar Cristo*; não uma simples ideia ou uma ética n’Ele inspirada, mas o dom da sua própria Pessoa, pressupostos essenciais para não limitar ao âmbito sociológico a obra decisiva de promoção humana, que todo o processo de evangelização autêntico sempre implica (cf SC 86).

⁴ CEP, *Caminhos pastorais a percorrer pelas Dioceses Portuguesas* (reflexão nas Assembleias Plenárias 2005-2008, sobre a transmissão da fé).

A participação activa dos leigos na missão da Igreja é hoje mais urgente do que nunca. A situação actual que o mundo atravessa reclama deles um empenho ainda mais vasto e amplo que no passado recente: “o aumento sempre crescente da população, o progresso das ciências e da técnica, as relações mais estreitas entre os homens não só alargaram imenso o campo de apostolado dos leigos, em grande parte acessível só a eles, mas também suscitaram novos problemas que exigem o seu cuidado e o seu esforço diligente” (AA 1).

A onda crescente do *Voluntariado missionário*, protagonizado essencialmente por leigos, na sua maioria jovens, e destes, na sua maioria mulheres (70%), testemunha e é sinal do modo como o Espírito continua, hoje, a falar à Igreja. É fundamental que ela, em cada um dos seus membros, saiba escutar os seus apelos e acolher os seus dons.

O emergir do laicado missionário, surgido entre nós há cerca de vinte anos, deve-se igualmente a uma nova consciência missionária, que foi crescendo nas nossas comunidades cristãs, motivada quer pelas Cartas Pastorais da CEP, quer por uma melhor coordenação da animação missionária da Igreja em Portugal, com o contributo decisivo dos Institutos Missionários, quer, igualmente, pelo dinamismo missionário que o Papa João Paulo II imprimiu a toda a Igreja, sobretudo nos anos que precederam e se seguiram à celebração do Jubileu do ano 2000. Dinamismo que ele próprio, como já referimos, assumiu e protagonizou.

Hoje, existem em Portugal cerca de 50 entidades promotoras de projectos no âmbito do voluntariado missionário e da ajuda ao desenvolvimento. Apraz-me registar, neste Congresso a acção da FEC (Fundação Evangelização e Culturas), que funciona como plataforma do voluntariado missionário, a acção das instituições ligadas aos IMAG (Institutos Missionários Ad Gentes), bem como

o caminho que, progressiva e gradualmente, vêm abrindo e vão percorrendo algumas das nossas dioceses⁵.

Cada voluntário, para que a sua experiência resulte, apoiado pela entidade a que está ligado, representa a mobilização de recursos de diversa ordem, nomeadamente a formação a diversos níveis, que se pretende séria, exigente e abrangente, e a angariação de financiamentos para os projectos a realizar...

O retorno destas experiências tem-se revelado gratificante para os próprios e para os grupos, movimentos e entidades que os apoiam. Seria desejável que o fosse, ainda mais, para as suas comunidades paroquiais, procurando envolvê-las em todo este processo.

Possa, igualmente, este Ano Paulino possibilitar-nos um maior conhecimento do apóstolo Paulo e da sua prática pastoral e missionária, que a todos envolvia e implicava no anúncio do Evangelho: “Paulo percebeu que toda a Igreja é chamada a ser, com os Apóstolos, corresponsável na missão. Agregou ao seu ministério cooperadores zelosos: presbíteros, que ‘trabalham na palavra e na instrução’ (1Tim 5, 17), cristãos, mulheres e homens, empenhados no ‘trabalho do amor’ (1Tes 1, 3). No final da Carta aos Romanos refere-se a eles com grande afecto: ‘Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus...’” (CEP, *Ano Paulino, uma proposta pastoral*, nº 7)

Saibamos nós, pastores, criar as condições para que esta onda do *Voluntariado missionário* chegue a todas as comunidades cristãs, e desperte nos nossos leigos a disposição e a disponibilidade para assumirem este projecto.

⁵ Em 2007 partiram 263 voluntários, número que este ano subiu para 283, destinados a 10 países, sendo Moçambique o país que mais voluntários acolheu (121). O tempo de serviço dos voluntários deste ano é de 1 a 6 meses para 220 e de 1 ou mais anos para 63. Salienta-se ainda o facto de que, dos 283 voluntários deste ano, 62 repetirem, alguns mais que uma vez, esta experiência missionária. Verifica-se, igualmente, o aumento progressivo de voluntários para projectos de longa duração, o que lhes exige maior disponibilidade e doação. Neste vinte anos de *Voluntariado missionário* organizado, foram mais de 1500 os que fizeram esta experiência missionária. (Fonte FEC/Ecclesia)

4. Edificar comunidades vivas de fé, de amor e de dinamismo missionário

A CEP publicou, em 1993, um pequeno documento intitulado: *Linhas de força de uma acção pastoral conjunta na Igreja em Portugal*⁶. Apesar dos quinze anos da sua publicação, achei conveniente, pela sua oportunidade e actualidade, recordar neste Congresso, a primeira dessas propostas: *evangelizar e renovar a fé do povo cristão na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo*⁷, *edificando comunidades vivas de fé, de amor e de dinamismo missionário*⁸.

Esta mesma opção foi reafirmada numa Nota Pastoral sobre o Ano Missionário (1998), o ano do Espírito Santo, no caminho de preparação do Grande Jubileu. Nela se exorta “as Dioceses e Paróquias a prosseguir o esforço de revitalizar o espírito evangelizador e missionário de todos os cristãos”, apoiados no especial contributo dos Institutos Missionários, esforço que constitui “um meio eficaz para renovar a Igreja e a tornar mais sensível e solidária com os anseios e esperanças, angústias e sofrimentos que atingem as

⁶ CEP, *Linhas de força de uma acção pastoral conjunta na Igreja em Portugal*, Lisboa 1993.

⁷ CEP, Carta Pastoral *A renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo*, 7.10.1984. “Optámos por esta linha de força porque vai realmente ao que é essencial e mais urgente, atingindo o cerne da vida e da missão da Igreja; porque leva necessariamente à dinamização dos diversos campos da acção pastoral; porque se afigura capaz de congregar o clero e demais agentes da pastoral num esforço comum de grande projecção” (n 7).

⁸ CEP, Carta Pastoral *Os cristãos leigos na comunhão e na missão da Igreja em Portugal*, 8.09.1989. “Todos os carismas, todos os ministérios e formas concretas de servir a Igreja, todas as maneiras particulares de viver a vocação e realizar a missão, devem integrar-se na comunidade, na unidade e na comunhão. Esta continua a ser a nossa opção pastoral fundamental: edificar comunidades vivas de fé, de amor e de dinamismo missionário, pois sabemos que só elas garantirão a cada um dos fiéis a sua plenitude cristã e a toda a Igreja a fidelidade à missão” (n. 6).

mulheres e os homens do nosso tempo”⁹. Nela se apresenta, como primeira proposta de acção: “*edificar comunidades vivas de fé, de amor e de dinamismo missionário, que ajudem a construir a Igreja que desejamos*”¹⁰.

A recomendação de Bento XVI, na recente visita ad limina, pode situar-se, igualmente, neste contexto: “é preciso mudar o estilo de organização da comunidade eclesial portuguesa e a mentalidade dos seus membros para se ter uma Igreja ao ritmo do Concílio Vaticano II”.

Mudar o estilo de organização da comunidade eclesial e a mentalidade dos seus membros significa, entre outras coisas, fazer de cada Igreja local e de cada uma das suas comunidades, *espaço e instrumento de comunhão* de todo o povo de Deus, ao serviço da missão, ou seja *edificando comunidades vivas, fraternas, ministeriais e missionárias*. João Paulo II, na Exortação *Ecclesia in Europa*, aponta o caminho que conduz a esse objectivo:

- cultivar um clima de caridade fraterna, vivida na sua radicalidade evangélica em nome de Jesus e no seu amor;
- criar um ambiente impregnado de relações amigas, intercomunicação, corresponsabilidade, solidariedade, consciência missionária, atenção e serviço;
- ser animadas por atitudes de estima, acolhimento, correcção mútua (cf *Rm* 12, 10; 15, 7-14), serviço e apoio recíproco (cf *Gl* 5, 13; 6, 2), perdão (cf *Col* 3, 13) e edificação mútua (cf *1Ts* 5, 11);
- empenhar-se na realização duma pastoral que, valorizando todas as legítimas diversidades, promova também uma cordial colaboração entre todos os fiéis e as suas associações;
- relançar os organismos de participação enquanto preciosos instrumentos de comunhão para uma harmónica acção missionária, suscitando a presença de agentes pastorais adequadamente preparados e qualificados.

⁹ CEP, Nota Pastoral, *Ano Missionário*, 1998, 4.

¹⁰ *Ibid.*

Deste modo, as próprias Igrejas animadas pela comunhão que é manifestação do amor de Deus, fundamento e razão da esperança que não desilude (cf. *Rm* 5, 5), serão o reflexo mais esplendoroso da Santíssima Trindade e também sinal que interpela e convida a crer (cf. *Jo* 17, 21) (*Ecclesia in Europa*, 28).

O melhor termómetro para medir a vitalidade de uma comunidade cristã é, sem dúvida, o seu entusiasmo missionário¹¹.

A comunhão eclesial, embora possua sempre uma dimensão universal, encontra a sua expressão mais imediata e visível na Paróquia: esta é a última localização da Igreja; é, em certo sentido, *a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas* (CL 26).

Como sabemos, hoje, não podemos dar como adquirido, face ao crescente pluralismo cultural e religioso e ao indiferentismo reinante, que Cristo e o Evangelho sejam conhecidos nos ambientes onde vivemos. As nossas comunidades cristãs devem saber criar espaços familiares, ser – “casa de família, fraterna e acolhedora” (CfL 26) – que acolhem e escutam angústias e esperanças, interrogações e anseios, mesmo silenciosos, e que apresentam, sobretudo aos adultos, o anúncio credível de Cristo vivo, caminho verdade e vida.

É toda a comunidade cristã que deve sentir-se corresponsável por este anúncio. Cada um segundo os dons que o Espírito lhe concedeu, e o serviço que a Igreja lhe confiou.

Na evangelização é essencial a partilha da fé, de pessoa a pessoa... de porta a porta, de família a família... como servidores da missão numa comunidade responsável, onde o Pároco é, prioritariamente, o homem da comunhão, empenhado em despertar/provocar vocações, promover carismas e ministérios, fomentar e apoiar a formação e a integração de leigos e suas associações ou movimentos no programa pastoral paroquial, criando as con-

¹¹ Cardeal José Saraiva Martins, *Ide e anunciai – Fundamentos e desafios da missão hoje*, 154.

dições de uma real participação e efectiva corresponsabilização de todos na missão da Igreja¹².

A renovação missionária das nossas comunidades cristãs deve reflectir-se em todas as realidades eclesiais, exigindo, para tal, o envolvimento de todos: ministros ordenados, consagrados e leigos, já que é o Baptismo e o Crisma, e não o sacramento da Ordem ou a profissão religiosa, que nos unem e corresponsabilizam na missão da Igreja.

5. Promover maior unidade e eficácia na dinamização da acção missionária em Portugal

No encontro com Cristo vivo, chamados e enviados para a Missão em Portugal e no Mundo constitui o tema deste Congresso Missionário Nacional que, procurando responder ao seu lema Portugal, vive a missão, rasga horizontes, tem como principal objectivo fomentar uma maior consciência e vivência da dimensão missionária da Igreja em Portugal.

É este o contexto em que se apresentam as seguintes propostas de acção¹³, com a finalidade de *alcançar maior unidade e eficácia operativa* entre todos os intervenientes na animação e na acção missionária da Igreja em Portugal.

5.1. A nível paroquial

- Realizar sessões de formação “missionária”, para adultos, jovens e crianças, particularmente durante o mês de Outubro (cf Guião “Outubro Missionário”).

¹² cf CEI, Nota pastorale, *Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia*, 12.

¹³ Contribuíram para a elaboração e revisão destas propostas: os participantes neste Congresso, D. António Couto, Presidente da Comissão Episcopal das Missões; P. Manuel Barbosa, Presidente da CIRP; P. Manuel Sabença, Presidente dos IMAG; P. Tony Neves, Presidente da Missão Press.

- Dar o devido realce à celebração do Dia Missionário Mundial e ao Dia da Infância Missionária, não os reduzindo a um “peditório para as missões”.
- Promover a participação, inclusive, das crianças da catequese em iniciativas solidárias.
- Incrementar a criação de grupos missionários (jovens ou adultos) com o objectivo de sensibilizar e dinamizar toda a comunidade para a acção missionária através da oração, de iniciativas e actividades diversas promovidas também a nível interparoquial ou vicarial, de campanhas de solidariedade, etc.
- Promover o voluntariado missionário, dando a conhecer as acções realizadas e envolvendo toda a comunidade no processo de envio, permanência e regresso.
- Incentivar a experiência missionária “ad tempus” de párocos diocesanos.
- Proporcionar, a toda a comunidade, um melhor conhecimento dos missionários/as dela oriundos, pela partilha da sua acção, do apoio mesmo material, aos seus projectos de evangelização e de promoção humana.

5.2. A nível diocesano

- Criar as condições necessárias, onde ainda não existam, para que o Secretariado Diocesano das Missões (ou outro organismo) seja mais dinâmico, promova, congregue e coordene as diversas iniciativas de animação missionária, em ligação com os outros secretariados da própria Diocese, as OMP nacionais e os IMAG/ANIMAG.
- Descobrir, valorizar e desenvolver as potencialidades missionárias já presentes, ainda que de forma latente, na pastoral ordinária.
- Assumir a missão *ad gentes* não como uma meta a atingir, ou o ponto de chegada de um programa pastoral, mas antes como o

seu horizonte diário, o seu paradigma por excelência, o princípio dinamizador de toda acção a pastoral.

- Aproveitar o Dia Missionário Mundial, para uma celebração de “envio” daqueles que, na Paróquia exercem um serviço/ministério em favor da comunidade, ao nível profético, litúrgico e sócio-caritativo.

- Promover e permitir, apesar das dificuldades conhecidas, a experiência missionária *ad gentes*, de pelo menos um ano, aos sacerdotes diocesanos que o desejarem, envolvendo na sua substituição temporária os párocos vizinhos.

- Incentivar e apoiar os leigos que se disponibilizam para o voluntariado missionário.

- Promover a geminação entre paróquias/dioceses, por um período de tempo limitado. Quanto mais a Igreja local se abrir “para fora”, melhor evangelizará “dentro”.

- Sensibilizar toda a Diocese para uma maior participação nas iniciativas missionárias de âmbito nacional (Jornadas Missionárias, Curso de Missiologia...).

- Continuar a promover campanhas quaresmais solidárias, em conjugação com as outras Dioceses, para ir ao encontro da concretização de projectos, no âmbito da evangelização ou da promoção humana.

- Formar para uma consciência solidária e profética: o coração da Igreja local deve bater, em cada um dos seus membros, e diante de tantas formas de pobreza e de exclusão, ao ritmo do “Coração de Cristo”, dando voz e vez aos “últimos” da sociedade.

5.3. A nível nacional

- Promover uma maior coordenação entre todos os organismos de animação missionária em Portugal (Comissão Episcopal das Missões, Direcção Nacional das OMP, Conselho Nacional das Missões, CIRP, FNIS, IMAG/ANIMAG, FEC) e as Dioceses.

- Criar um “Observatório da Missão”: organismo, constituído por várias instituições, que mantenha a Igreja atenta e desperta para realidades missionárias, ao perto e ao longe; que seja uma “consciência profética missionária”, com pareceres públicos, por ocasião de acontecimentos, etc.

- Dinamizar o mês de Outubro, como tempo privilegiado para a formação missionária, a oração pessoal e comunitária, e a participação em alguma campanha nacional de cariz missionário, aprovada pela Conferência Episcopal Portuguesa e promovida por todas as entidades missionárias nacionais.

- Continuar a incentivar e a dinamizar a experiência do voluntariado missionário, apoiando o seu programa de formação, através da FEC e das OMP.

- Ter presente, na acção missionária da Igreja, os novos aréopagos do mundo moderno: os meios de comunicação social, a cultura, a pesquisa científica, o diálogo a todos os níveis, a promoção da paz, a defesa dos direitos das minorias, a protecção da natureza (cf RM 57).

CONCLUSÃO

Ao concluir esta minha exposição gostaria de começar por evocar a figura do Apóstolo Paulo, neste ano que lhe é dedicado, e convidar-vos a acolher o mesmo convite que o Senhor lhe dirigiu numa visão, num momento de algum desânimo, perante as dificuldades encontradas em Corinto: “Não tenhas medo, continua a falar e não te cales, que eu estou contigo e ninguém porá as mãos em ti para te fazer mal, pois tenho um povo numeroso nesta cidade” (Act 18,9-10).

O Senhor tem um povo numeroso na nossa “cidade”, que também é terra de missão, ao qual somos enviados a anunciar a Boa Nova da salvação.

Convido-vos, igualmente, a assumirmos o sonho de João Paulo II e a acolhermos o desafio a ele ligado: “*Vejo alvorecer uma nova época missionária*, que se tornará dia radioso e rico de frutos, se todos os cristãos e, em particular, os missionários e as jovens Igrejas, corresponderem generosa e *santamente* aos apelos e desafios do nosso tempo” (RM 92).

O desafio da santidade, aquele a que é mais difícil corresponder. *Santidade e missão* os dois expoentes mais emblemáticos da acção da Igreja no mundo, como nos foi referido neste Congresso. Não se trata de dois caminhos paralelos, mas de um único e mesmo caminho: o “santo”, na sua raiz (sair de si) é sempre missionário, tem a sua fonte na santidade de Deus. É Ele que toma a iniciativa de “sair” ao encontro do homem... O “missionário” sê-lo-á tanto mais, quanto mais progredir no caminho de santidade, já que o “verdadeiro missionário é o santo” (RM 90).

O desafio da santidade, como exigência, primeira da missão, passa obrigatoriamente pelo regresso frequente ao cenáculo. Para além dos apóstolos, ali encontramos Maria, para aprendermos a ser missionários com ela e como ela, transformados, fortalecidos e guiados pelo Espírito Santo.

Portugal, vive a Missão, rasga horizontes!

Possa, este duplo imperativo, constituir para a Igreja em Portugal e cada um dos seus membros, um *apelo* e um *envio*, neste início de um novo milénio; um reacender, no coração de cada cristão, do entusiasmo das origens; um ressurgir do ardor da pregação apostólica iniciada na manhã de Pentecostes; uma maior convicção da urgência e da necessidade da participação pessoal na missão da Igreja, através do testemunho e do compromisso quotidiano, vivido nas Igrejas locais.



**Missão universal
e Igreja Local,**

D. Jorge Ortiga
Arcebispo de Braga
Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa

Há pontos doutrinários que são nevrálgicos para intuir a vida e a missão da Igreja, no seu todo ou em determinados aspectos. Existem, com efeito, alguns princípios que são verdadeiros pilares sobre os quais se constrói todo o edifício eclesial.

Nesta ordem de ideias é elucidativo quanto o Concílio Vaticano II nos refere: “A Igreja é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na “missão” do Filho e do Espírito Santo.

Este desígnio brota do “amor fontal”, isto é, da caridade de Deus Pai, que, sendo o Princípio de quem é gerado o Filho e de quem procede o Espírito Santo pelo Filho, quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina, criando-nos livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar a sua vida e glória. Quis ser, assim, não só criador de todas as coisas mas também “tudo em todas as coisas” (1 Cor. 15, 28), conseguindo simultaneamente a sua glória e a nossa felicidade” (A.G. 2).

Porque Deus quis ser tudo em todos enviou os Apóstolos dizendo: “Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-

as a cumprir tudo quanto vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos” (Mt. 28, 19.20). Daí que a Igreja faz seu este mandamento solene de Cristo e continua, como constitutivo do seu ser, a enviar arautos, para que as novas igrejas se formem.

A Igreja particular cresce na missionaridade

Se a Igreja se realiza na missão esta acontece na Igreja Universal e, dum modo mais eloquente, na Particular que se edifica a partir deste mandato e cresce na medida em que o assume como estruturante de toda a vida.

Perspectivando a missionaridade como alma da Igreja particular, a actualidade obriga-nos a reconhecer diversos âmbitos onde ela acontece. Só a humanidade é o horizonte da missão eclesial mas, em simultâneo, deparamos com uma nova e plurifacetada situação nos espaços ditos cristãos. São muitos aqueles que não ouviram falar da Boa Nova ou mal ouviram falar dela; outros seguem religiões estranhas ao conteúdo cristão; um número crescente nega a existência de Deus ou chega mesmo a ataca-Lo; na actualidade deparamos com multidões que vivem como se Deus não existisse ou recorrem a Ele em momentos sociais mas sempre sem compromisso ou experiência vital.

É neste cenário novo que a Igreja particular deve interpretar a sua natureza missionária. Tem o dever de olhar para a Igreja Universal na responsabilidade de chegar a todos os povos, mas nunca poderá ignorar o que acontece dentro dos seus confins. Hoje, a missão ad gentes, em certo sentido, confunde-se com a missão nos confrontos com a indiferença. Talvez seja este um novo desafio a interpelar a Igreja. A missão esta à porta das catedrais e terá de acontecer no meio de tradições religiosas, ligadas a uma

maior ou menor religiosidade popular, que manifesta alguma coisa de positivo mas, em muitos casos, pouco ou quase nada, de experiência cristã. Hoje são os baptizados, com todos os sacramentos de iniciação e itinerários catequéticos adequados, que necessitam de enviados para um encontro coerente com Cristo e uma integração responsável na Igreja.

A ilusão ainda continua muito presente e o engano pode distrair-nos através dum activismo que não incide nas pessoas e na cultura. Sem desconsiderar estes parâmetros característicos dum mundo globalizado e secularizado, importa que a dimensão ad gentes não seja esquecida. Uma não dispensa a outra. Integram-se e condicionam-se.

Alertas do Conc. Vat. II

Depois desta síntese que situa a missão nos nossos contextos católicos, olhemos um pouco para a índole missionária da Igreja particular através de algumas coordenadas já lembradas pelo Concílio na *Lumen Gentium* (L.G 23).

1. “Cada um dos Bispos, quanto o desempenho do seu próprio ministério o permitir, está obrigado a colaborar com os demais Bispos e com o sucessor de Pedro, a quem, dum modo especial, foi confiado o nobre encargo de propagar o cristianismo”.

Numa Igreja “casa” e “escola” de comunhão, esta deve tornar-se efectiva como vivência duma autêntica colegialidade e efectiva como partilha de responsabilidades e bens para o testemunho duma unidade eclesial.

2. Esta colaboração não pode ser meramente teórica. A comunhão torna-se visível através de, entre outras coisas, “submi-

nistrar às missões, não só operários para a messe, mas também auxílios espirituais e materiais, tanto por si mesmos directamente como fomentando a generosa cooperação dos fiéis”.

Explicitemos um pouco com referências conhecidas. Podem tornar-se pretexto para um exame de consciência e nunca sublinhamos em demasia o evidente. Por o ser pode estar esquecido.

Nesta solicitude, o Bispo, e nele a Igreja Particular, é responsável por toda a Igreja o que pode significar tornar possível que alguns sacerdotes, durante algum tempo ou definitivamente, partam para as missões ou dioceses com carência. Esta é uma realidade que vai tendo alguma aplicação entre nós mas que exige que a dimensão missionária, neste sentido, seja colocada nos programas de formação dos Sacerdotes Diocesanos. A carência é generalizada; quando se dá, enriquece-se e a recompensa pode acontecer.

Se os sacerdotes são os operários privilegiados, os leigos devem reconhecer, como exigência dum cristianismo assumido, este projecto missionário como proposta de Cristo para bem de todos. A sua vocação é, essencialmente, secular, mas as exigências materiais, de âmbito diversificado, podem exigir a sua competência profissional e/ou a generosidade dum fé viva. Trata-se dum filão que já tem proporcionado muitos bons resultados mas ainda está longe dum visibilidade mais generalizada.

Por outro lado, e referindo um lugar comum, a responsabilidade dum Igreja particular tem de chegar a uma cooperação e comunhão através dum conhecimento das necessidades materiais e partilha dos bens que são indispensáveis para a dilatação do Corpo de Cristo. As pessoas são imprescindíveis. A coragem de “ver” cenários que envergonham responsabiliza e compromete. A solidariedade efectiva foi sempre apanágio das nossas comunidades. As crescentes desigualdades sociais e humanas interpelam

as consciências e não permitem que nos gloriemos do passado ou que apenas sejamos capazes de reagir perante a dramaticidade de catástrofes naturais.

3. Para que a relação entre a Igreja Particular e a Universal seja efectiva, há uma condição prévia a tudo que condiciona a acção no presente e no futuro. Trata-se da formação duma consciência missionária nas pessoas e nas comunidades paroquiais.

Poderia escolher muitas citações dos papas ou dos documentos da Igreja. Continuo no Ad Gentes. “Na sua diocese, o Bispo, que forma uma só coisa com ela, ao suscitar, promover e dirigir a obra missionária, torna presentes e como que palpáveis o espírito e o ardor missionário do Povo de Deus, de maneira que toda a diocese se torna missionária”. Daqui podemos concluir que o trabalho do Bispo se deve orientar para tomar a diocese missionária (AG 38).

São palavras elucidativas e que continuam como programa. Talvez tenhamos de reconhecer que muito pouco foi efectuado e urge insistir nesta ideia que expressa a índole missionária da Igreja e das suas comunidades. Não se trata de algo opcional ou facultativo. Uma Igreja que se fecha estiola e perde o dinamismo que a vida supõe e espera.

O Código do Direito Canónico sintetiza esta doutrina dum modo eloquente: “Sendo toda a Igreja por sua natureza missionária e a obra da evangelização dever fundamental do povo de Deus, todos os fiéis, cônscios da sua própria responsabilidade, assumam a sua quota-parte na obra missionária” (can. 781).

“Todos e cada um dos Bispos, como responsáveis pela Igreja Universal e por todas as Igrejas, tenham solicitude peculiar pela obra das missões, sobretudo suscitando, fomentando e apoiando as iniciativas missionárias na própria Igreja particular” (can. 782 § 2).

Os elementos são eloquentes. Urge que integrem o pensamento católico e que não surjam como alíneas duma mentalidade que, esporadicamente, se abre a outras considerações.

As paróquias com rosto missionário

São orientações muito claras. Penso, porém, que, num contexto português, tudo passará por dar as paróquias um rosto missionário. A Diocese será missionária se a paróquia cresce e vive ao ritmo da missionaridade tornando visível um compromisso com a Igreja Universal e com a indiferença local.

Para que seja verdadeiramente missionária necessita de algumas decisões de fundo que sejam capazes de qualificar o seu caminho eclesial. Impõe-se uma verdadeira conversão pastoral de modo que toda a dinâmica pastoral paroquial tenha esta marca ou conotação missionária, dum modo explícito ou como substracto que acompanha todo o seu agir. Esta conversão pastoral fará com que a partir de Cristo a comunidade paroquial sinta a alegria de dividir e partilhar a fé de tal maneira que a evangelização do mundo não seja privilégio duns poucos, os chamados missionários, mas apanágio de toda a comunidade.

A comunidade vem a beneficiar com esta mudança de mentalidade que leva a descobrir uma autêntica tensão missionária capaz de superar as acções prevalentemente orientadas para conservar o existente projectando-se para o exterior e levando o anúncio de Cristo a todos. Com este dinamismo chegaremos a poder afirmar que estamos perante uma “pastoral de missão permanente” como resposta às exigências da actualidade.

Esta conversão pastoral sintoniza com as exigências de formar cristãos crentes testemunhas e educadores da fé. É desafio para os nossos espaços e certeza de que os horizontes se vão alar-

gando. Tudo será possível se for acompanhado por uma promoção duma espiritualidade de comunhão que se concretiza como verdadeiro princípio educativo “a viver em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão”.

Quando a paróquia consegue assimilar a sua pastoral como missionária, no seu território, ela torna-se capaz de projectar-se no horizonte do mundo, numa verdadeira aposta de evangelização dos povos.

Síntese-conclusiva: criar discípulos-missionários

De 13 a 31 de Maio de 2007 tive a oportunidade de participar na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e das Caraíbas. A Conferência tinha um programa muito interessante: “Discípulos e Missionários de Jesus para que os nossos povos tenham vida n’ Ele”. Os trabalhos iniciaram-se com uma tendência de descortinar os conteúdos de discípulo e missionário dum modo separado e distinto.

A reflexão conjunta, em experiência de comunhão sinodal e de preferência em grupos para uma mais efectiva colaboração, cedo sentiu de conjugar as duas realidades numa alternância de nomes com o mesmo valor. Ser discípulo é ser missionário e daí falar de discípulo missionário ou missionário discípulo. Onde está um discípulo aí está um missionário o que faz com que toda a comunidade seja “sujeito primordial da missão” na diversidade de carismas e ministérios e todo o cristão, como consequência do seu baptismo e pela força do Espírito na Confirmação, é missionário. Assim como no dia de Pentecostes o Espírito Santo alargou os horizontes da timidez dos Apóstolos, hoje abre sempre os crentes à tarefa missionária.

Daí que na paróquia, para chegar à diocese e, por esta, integrar na Igreja universal, é imperioso criar uma nova mentalidade

e consciência. A evangelização orienta-se para este fim e todos os momentos e actividades devem ser caracterizados por este dinamismo. A missão convoca a todos e todos, sem excepção, somos agentes evangelizadores o que significa que o cristão é alguém disponível, sentindo-se chamado por Deus para isso, a dar a vida pelo Reino investindo as suas iniciativas na acção missionária da Igreja. Convocados para a missão vivêmo-la em qualquer lugar como trabalhadores de Deus e quando vivemos a corresponsabilidade dentro das actividades comunitárias estamos a ser interpretes desta comum responsabilidade. Dizia-se na Aparecida: “O discípulo missionário só se entende como um caminho quotidiano de presença activa e fecunda na sociedade para servir com Jesus e comunicar a vida que recebemos do Senhor”.

Se todos são convocados para missão, esta realiza-se em todos os âmbitos da vida real. Não existe espaço ou ambiente humano que não necessite e não possa ser tocado pela luz da evangelização. Não há espaços neutros ou campos do adversário onde não se pode chegar. Qualquer situação humana encerra a descoberta duma orientação para a salvação humana no que Cristo quer dar e oferecer.

De harmonia com estas ideias, é paradigmático que os Bispos da CELAM tenham decidido, depois de muito diálogo e votações, realizar uma “Grande Missão Universal”. Era grande a Missão pois comprometia solenemente a Igreja e era Universal porque queria chegar a todos os lugares (onde já chegou o nome de Cristo ou não) e a todos os ambientes humanos que já se encontraram com Cristo ou esperam, talvez inadvertidamente, este encontro pessoal gerador de felicidade e realização humana. Sei que está em curso e que todas as dioceses se comprometeram.

Como e quando teremos comunidades estruturalmente missionárias para um encontro com Cristo? A Igreja particular deverá

assumir como encargo primordial a tarefa de gerar cristãos que sejam discípulos missionários. Com estes e através destes a Igreja Universal terá um rosto missionário como comunidade reveladora de Cristo. Para nós, portugueses, há, ainda, uma realidade histórica que nunca podemos esquecer. Não é realidade a desconsiderar esta pertença a um povo missionário que deu lições ao mundo. A história corresponsabiliza e determina as opções da actualidade.

Maria, estrela da Evangelização

Ao terminar as minhas considerações, muito comuns e conhecidas, penso ser oportuno uma referência que motive e desinstale. Precisamos de nos centralizar em quem foi discípulo – acolhendo e identificando-se com a Palavra – e missionário partindo apressadamente pelos caminhos íngremes e obscuros da modernidade para aí depositar o testemunho e proclamar as maravilhas que Deus realiza.

Maria é estímulo a viver a Boa Nova com alegria, interpelação para um encontro libertador com Cristo, lição para que sejamos solidários com a história do nosso povo e de todos os povos e força para crescer no ardor apostólico numa autêntica missão evangelizadora. Desde os inícios da história da Igreja foram imensos aqueles que encontraram em Maria a referência certa para serem autênticos discípulos missionários. Que se torne verdadeira estrela da Evangelização dando-nos “força para anunciar com coragem a Palavra”.

“Maria, Mãe dos discípulos missionários, caminha connosco. Fáz-lo como discípula porque acreditou firmemente que o que fora anunciado pelo Senhor se realizaria. Faz-lo como missionária, porque - diferente dos apóstolos que proclamavam a Palavra - dá à luz Jesus, Palavra de Deus, conteúdo da proclamação apos-

tólica. Caminha connosco como mulher solidária, porque oferece seu ser, sua intercessão para atender as nossas necessidades. Caminha como nova Arca da Aliança, habitada pela Palavra viva de Deus e como serva do Senhor, que por sua escuta e obediência tem a experiência de grandes coisas que o Poderoso faz nela e com ela. Ela é em tudo modelo do discípulo missionário que abre a sua vida ao acontecimento salvífico trinitário.

Maria, a mãe da Igreja, acompanha os apóstolos e os discípulos no Pentecostes. Com eles espera a luz plena que provem do Espírito (Cf. Jo. 14-25). Como eles, realiza o processo característico duma fé que cresce na compreensão e prática do projecto Salvador do Pai (cf. Lc. 8, 15-21). (V Conferência General - Síntese de los apostes recibidos, pág. 167-168).

Que a Imaculada Conceição, que primeiro concebeu Jesus no seu coração e depois em suas entranhas, seja mãe e modelo de fecundos discípulos missionários e de significativos itinerários pastorais e espirituais para que todos os povos, que tanto veneram Sua Mãe, tenham vida em Cristo.

NO FINAL DO CONGRESSO

Na página em branco
poisam as palavras:
amor, paz, pão, comunicação.

Na página em branco
poisam as estradas,
pontes, horizontes, escolas para o meu irmão:
hifenização.

Na página em branco
poisam os sorrisos, os sonhos, a missão:
a ternura de um Deus que quis precisar da minha mão.

Um vinco na página, uma dobra,
transforma as palavras em mensagem,
que a aragem do Espírito fará chegar a ti.
Evangelização, missão coração a coração.

Abres a página dobrada sobre o vinco:
as palavras saltarão para o teu colo,
para o teu rosto, para o teu regaço,
para o teu sorriso, para a tua mão.

Estão vivas as palavras, meu irmão,
estão vivas.
Acordam quando tu as lês,
todos os dias,
quando desdobras a página, o coração,
onde dormem suavemente enternecidas.

Um vinco na página.
Aí está o Congresso, não de gesso,

mas um gesto aberto e de tenra comunhão.

Senhora da Anunciação, que corres ligeira sobre os montes,
vela por nós, fica à nossa beira.

É bom ter a esperança como companheira.

Vai, meu irmão!

Vai, minha irmã!

Não deixes para amanhã

a beleza dos teus passos sobre os montes:

Vive a missão, rasga horizontes!

*D. António Couto
Presidente da Comissão Episcopal Missões
(Abril 2008 - ...)*

***Homília no Encerramento do
Congresso Missionário Nacional
Santuário de Fátima, 7 de Setembro de 2008***

“Evangelizar é anunciar o amor”

1. Com esta celebração, encerra-se o Congresso Missionário Nacional. E fazemo-lo aos pés de Maria, Mãe da Igreja, que acompanha com ternura maternal todos aqueles e aquelas que anunciam o Seu Filho Jesus Cristo. Mais do que qualquer outra criatura, Maria ensina-nos que só se pode anunciar Jesus Cristo com amor, a Ele e aos homens que hão-de sentir-se amados por Ele, que encontrarão nesse amor a sua redenção. Maria ensina-nos que evangelizar é anunciar o amor, com amor.

São Paulo, na Carta aos Romanos, fala-nos da redenção como libertação. O cristão que mergulhou no amor de Jesus Cristo e d’Ele recebeu o Espírito de amor, é um homem livre; só uma realidade o obriga e o dinamiza: amar. A exigência do amor situa o cristão para além da Lei, porque o amor é a plenitude da Lei. É certo que o Senhor Jesus, continuado na Igreja, nos apresenta mandamentos que nos indicam o caminho da vida. Mas eles cumprem-se todos no amor do próximo e nenhum deles é válido se não indica o caminho do amor.

Toda a missão, na Igreja, se resume a isso: anunciar o amor infinito com que Deus ama todos os homens e que exprime, de forma total e radical, no Seu Filho Jesus Cristo e no amor com que nos amou, ao dar a vida por nós. A missão é o anúncio desse amor, procura levar todos os homens a sentirem-se amados: amados porque perdoados; amados porque convidados para novos horizontes de liberdade; amados porque sentiram um sentido novo na vida, um novo horizonte de esperança. Ao sentirem-se amados, os seus corações abrem-se para o amor a Deus e aos irmãos.

Mas a Igreja só pode anunciar o amor, amando e deixando-se amar. Ela é o fruto fecundo do infinito amor de Deus que a ama

em Jesus Cristo. E ao mergulhar nesse amor, ela abraça o mundo com o amor de Jesus Cristo, porque ela é o sacramento da salvação, realizada pelo amor de Cristo. Evangelizar é levar os homens a sentirem a força transformadora do amor de Cristo na Cruz; os homens sentirão a força desse abraço se se sentirem amados pela Igreja.

Evangelizar não é um programa, uma atitude de estratégia proselitista, é uma loucura de amor. Só o amor fará a Igreja não desistir de anunciar Jesus Cristo, em todos os tempos e circunstâncias e a abrirá às surpreendentes maravilhas que só o amor de Deus pode realizar.

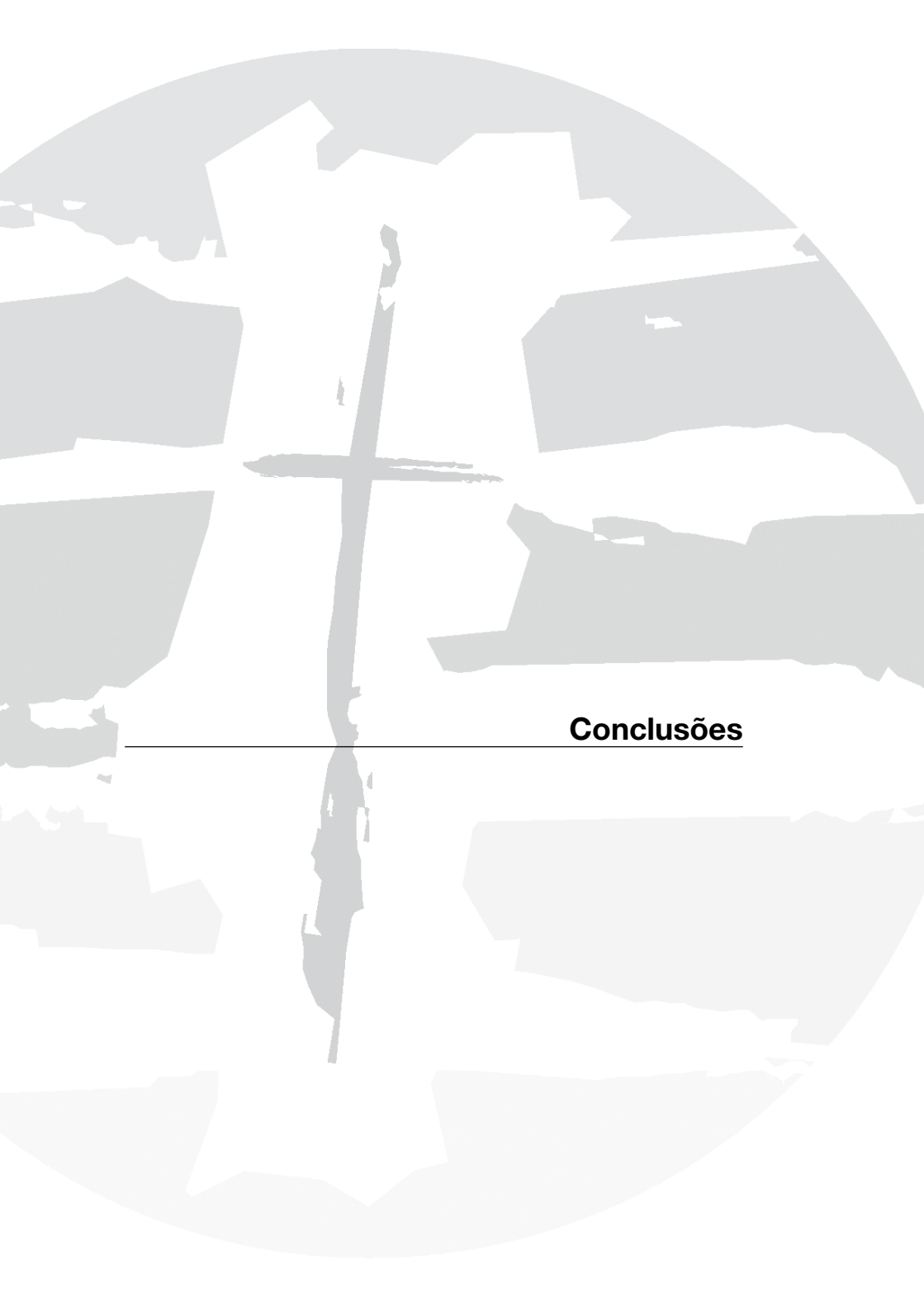
2. Anunciar o amor a homens concretos, em situações concretas é também ter consciência das prisões que tolhem os corações impedidos de se abrirem ao amor. Como os Profetas do Antigo Testamento, os evangelizadores são sentinelas, atentos ao que se passa, conscientes dos perigos e das ameaças, prontos a indicar o recto caminho da liberdade. É que a evangelização é anúncio, não de um amor qualquer, mas do amor redentor, daquele que liberta e introduz no autêntico caminho da vida. Ajudar as pessoas a libertarem-se daquilo que as mantém prisioneiras, é a primeira expressão do amor. Não como quem julga ou condena, mas também sem aquela compreensão enganadora de quem tudo explica e tolera. Não esquecer a máxima de Paulo: “A caridade não faz mal ao próximo”.

Isto exige dos cristãos, na complexidade da sociedade contemporânea, a coerência com o Evangelho do amor. Por vezes o seu testemunho coerente, porventura silencioso, é essa denúncia do que aprisiona o homem, e a afirmação da verdadeira liberdade do coração. Não são só as pessoas individualmente, mas as sociedades, os grupos, as estruturas, que precisam de ser ajudadas a superar tudo o que aprisiona o homem e impede a harmonia e a felicidade. E essas sentinelas sempre alerta, sempre com amor e por amor, são tanto a Igreja no seu todo, como cada cristão,

inserido na realidade concreta do mundo, mas coerente com a liberdade dos filhos de Deus. No Evangelho de São Mateus, Jesus recomenda aos discípulos que quando a sentinela que cada um deve ser não conseguir mudar o rumo daqueles que quer ajudar, que entreguem o caso à Igreja, a grande sentinela vigilante, não para que os julgue ou condene, mas para que os envolva no seu amor, porque com ela está sempre o Senhor: “Digo-vos: se dois de vós se unirem na terra para pedirem qualquer coisa, ser-lhe-á concedida por Meu Pai que está nos Céus. Na verdade, onde dois ou três estão reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles”. A Igreja missionária reza continuamente por aqueles a quem anuncia o amor, a quem quer ensinar os caminhos da liberdade.

3. O ardor missionário é a página mais gloriosa do Povo Português. Parece que cerca de 500 Dioceses actuais receberam a fé dos missionários portugueses. Entreguemos a Maria, a primeira mensageira do amor redentor, todos aqueles e aquelas que ainda hoje gastam as suas vidas ao serviço do Evangelho do amor. Que eles aprendam com Maria, a inquietação que não lhes permite parar, a alegria de quem anuncia boas-novas, a coragem para não desistir, a confiança para acreditar que cada pessoa humana pode ser um santo, se se abrir ao amor.

† JOSÉ, Cardeal-Patriarca



Conclusões

Convocados pelo Espírito, por meio dos pastores da Igreja em Portugal, reuniram-se em Fátima, de 3 a 7 de Setembro, oito centenas de participantes portugueses e representantes de diversos países. O dia 6 foi enriquecido com a presença e a juventude do voluntariado missionário.

Dez anos após o Ano Missionário de 1998, o Congresso celebrou, reflectiu e apontou caminhos de futuro para a Missão, a partir do tema: *No encontro com Cristo vivo, chamados e enviados para a Missão em Portugal e no mundo*, e o lema: *Portugal, rasga horizontes, vive a Missão*.

Linhas de força

Deus, Trindade de Amor, envia a humanidade toda a fazer do outro um irmão. A Missão é de Deus e, por isso, o baptizado, consciente deste envio ao tomar parte na vida de Cristo, é impedido a ser contemplativo e servo da sua Palavra.

A Missão é tarefa indelegável de cada cristão. Esta concretiza-se no espaço e no tempo da história humana, conhecendo e amando aqueles a quem se é enviado. A vivência comunitária da fé em família, paróquia, diocese ou comunidades de vida consagrada é o testemunho mais credível do anúncio de Deus-Amor.

A Santidade (*sair de si por amor*) e a Missão (*ser enviado por Deus ao diferente*) são o húmus vital de todo o cristão e de todas as actividades pastorais.

Com o Concílio Vaticano II (1965), assistimos a uma nova compreensão da Missão. Cada um de nós é, simultaneamente, enviado e destinatário da evangelização. O Espírito é o protagonista da Missão e a Igreja Local o seu sujeito de encarnação e vivência. Nela e a partir dela, surgem e actuam todas as vocações missionárias laicais, consagradas e sacerdotais. O despertar do laicado para a Missão é hoje um dos sinais dos tempos.

Em pleno Ano Paulino, o Apóstolo dos gentios, com o seu itinerário de conversão e missão, é para nós modelo a conhecer melhor e a seguir no zelo e na urgência de evangelizar.

Para além de momento privilegiado de reflexão e partilha, o Congresso foi também uma experiência de comunhão na dor com os nossos irmãos perseguidos na Índia e em outras situações de falta de liberdade religiosa.

Propostas

Sentimos o coração a arder e desejamos que toda esta riqueza possa contribuir para a Igreja em Portugal viver mais em Missão. Por isso, como Congressistas, **propomos que:**

1. A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) promova uma melhor coordenação e integração das diversas áreas pastorais para todas serem fecundadas pelo dinamismo missionário e anseio de santidade.

2. A CEP, partindo do Congresso Missionário e do Ano Paulino, avive a vocação missionária de todos os cristãos e prepare um documento-base para a Missão em Portugal.

3. Cada Igreja Local incentive a criação de estruturas e dinâmicas que demonstrem a consciência e urgência do anúncio do Evangelho: Secretariado diocesano missionário, grupos missio-

nários paroquiais, semanas de animação missionária, geminações, voluntariado, sacerdotes “fidei Donum”, institutos de vida consagrada...

4. Cada diocese promova, oportunamente, um Congresso Missionário Diocesano.

5. Promova-se formação missionária às crianças, jovens, adultos, seminaristas, consagrados e sacerdotes, de acordo com o novo paradigma de Missão.

6. Fomente-se, com espírito de solidariedade e subsidiariedade, a comunhão e a partilha de fé, de pessoas - numa dinâmica de partir e receber - e de bens entre as diversas Igrejas.

7. Ajude-se cada cristão a crescer até à estatura de Cristo: *Sacerdote* que celebra a liturgia e oferece a sua vida pela salvação de todos; *Profeta* que proclama a Palavra de Deus e denuncia as injustiças e contravalores da sua sociedade e cultura; e *Rei* que serve com caridade os mais desprotegidos e excluídos.

Num mundo global e em mudança, à procura de sucesso mas infeliz, queremos viver em Missão e anunciar Cristo Vivo ao mundo, sendo profetas da esperança e rasgando novos horizontes.

Fátima, 7 de Setembro de 2008
Os participantes no congresso missionário nacional



Presidente da Comissão Episcopal Missões
2002-2008



Presidente da Comissão Episcopal Missões
Abril 2008...



Aspecto da mesa da Presidência
Primeiro painel



Conferência de D. Jorge Ortiga



Eucaristia de encerramento.

ANEXO 1

Painel:
Testemunho da missão na Igreja em
Portugal
Mundo da mobilidade, exclusão social e
transmissão da fé

Diversos convidados: Rui Pedro /Mário Faria Silva /Maria
do Céu Costa

1. Mundo da mobilidade

Rui Pedro
Scalabriniano

Introdução

1. Portugal é hoje uma nação mais missionária porque também ela se tornou “terra de missão”, graças à complexa, rápida e imprevisível mobilidade humana – internacional e intercultural - que marca as nossas cidades, vilas, fronteiras, empresas, escolas e religiões.

Este Congresso Missionário Nacional celebra uma década:

- de grandes mudanças em Portugal – continental e insular - a nível da vida e sentido missionário das nossas paróquias/movimentos e a nível da própria mobilidade humana (passou-se do ciclo da migração “colonial” ao ciclo da migração “económica”).

- de grandes experiências em Portugal e na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), a nível da renovação da acção e cooperação missionárias levadas a cabo pelas nossas Congregações e Dioceses (tem-se hoje uma missão menos eurocêntrica e mais universale e evangélica).

Muito foi feito no que concerne a formação e animação missionárias, a organização dos movimentos de jovens e leigos, a constituição de fundações e gemações, a dinamização do voluntariado, a aproximação solidária e igual entre as Igreja Lusofónas. Estamos na época da recíproca e mais alargada cooperação da

Missão entendida como “Fidei donum”, inspirando-me ao grande sinal de comunhão e superação da territorialidade entre igrejas, implementado por Pio XII em 1957, com a sua segunda Encíclica missionária.

2. Não sou missionário “ad gentes” no sentido específico da expressão conciliar. Considero-me um missionário “inter gentes” com uma experiência missionária ainda pequena pois o meu trabalho tem-se limitado essencialmente à Europa, tendo servido o Evangelho em periferias de algumas cidades/metrópoles e em certos âmbitos fronteiriços. Até agora fui missionário em Itália, Portugal, França e Luxemburgo. Há um ano regresssei à Itália para trabalhar no Conselho Geral da minha Congregação, que como sabeis são os ainda pouco conhecidos em Portugal: Missionários de São Carlos, Scalabrinianos.

E porque muito foi feito nesta década pelas Congregações “ad gentes” e outras, masculinas e femininas, pelas Fundações e pelas várias parcerias surgidas no seio das próprias Congregações e, destas com os leigos e os jovens, quero, deste púlpito, dizer a todos: Muito Obrigado! Bem hajam! Portugal é hoje uma terra mais missionária e uma igreja com horizontes mais vastos.

Começo com duas citações de dois grandes Padres da Igreja:

Paulo VI: “*À mobilidade do mundo moderno deve corresponder a mobilidade pastoral da Igreja*” (cfr. Congresso Europeu das Migrações, 1973).

Sem dúvida, se referia à mobilidade: da geografia, das estruturas, dos operadores, das pertenças, da linguagem...

João Paulo II: “*É cada vez mais evidente que os povos que ainda não receberam o primeiro anúncio de Cristo constituem a maioria da humanidade*” (cfr. Redemptoris Missio, 1990, n. 40).

Talvez quantificando possamos afirmar aproveitando da força da linguagem percentual de que há 2/3 da humanidade que desconhece quem é Jesus Cristo...

1. IGREJA EM PORTUGAL

1.1. Portugal permanece “terra de passagem” de diferentes civilizações. Tradições que, com as migrações coloniais e mais recentemente com as económicas, se continuam a fundir no quotidiano das suas gentes e a reencontrar-se espontaneamente, longe dos berços culturais, no mesmo espaço geográfico, (sub) urbano, religioso, ético e político e, convém sublinhar, sem grandes conflitos, nem manifesta violência.

É a África aqui, nos nossos bairros. O Oriente aqui, no coração das nossas cidades e vilas. O Brasil entre nós... com os “novos cristãos” e os não-cristãos connosco!

A Diáspora portuguesa (estimada-se em 5 milhões de emigrantes) tem contribuído e continua a contribuir, sobretudo em contextos muitos secularizados, para a expansão/dispersão das tradições cristãs pelo mundo, graças à fidelidade das famílias portuguesas, do laicado militante e dos missionários e missionárias das Comunidades Católicas Portuguesas. Também as Missões Católicas de Língua Portuguesa são chamadas ao urgente desafio missionário da Lusofonia partilhada, da abertura intercultural na Igreja local.

É o Brasil de além-mar. A África das novas oportunidades. A Europa da livre circulação de cá para lá. A América de lá, dos lusodescendentes.

A Mobilidade humana que hoje atravessa o mundo de lés-a-lés e que, desde sempre marca a nossa história como povo atlântico, mestiço porque universal, é uma oportunidade providencial, uma

“dádiva de Deus” para a vida e missão da Igreja em Portugal, assim como para as Igrejas Lusófonas.

Convém compreender a força destas afirmações afim que a Igreja possa assumir, com maior compromisso e melhor conhecimento da realidade, esta característica estrutural da sociedade: a mobilidade humana. Na verdade, por cada imigrante a viver em Portugal há 10 cidadãos portugueses emigrados pelo mundo. Uma e outra tendência apresentam, ao início deste novo milénio, sinais de futuro crescimento e dramaticidade familiar e laboral.

1.2. A transversalidade da missão. Na Igreja em Portugal, sob a orientação da Obra Católica Portuguesa de Migrações, têm-se procurado a estratégia e a pedagogia de unir reflexão, metodologias e estruturas, seja da Emigração, seja da Imigração, como duas faces vivas e articuladas numa mesma mobilidade internacional que atravessa simultaneamente a vida do País e a missão da Igreja.

Emigração e Imigração têm exigido o diálogo bilateral solidário - igrejas de origem, trânsito e destino, a partilha de experiências e intercâmbio de operadores pastorais, assim como a cooperação recíproca e efectiva para o desenvolvimento. Tem sido imprescindível o papel dos leigos missionários, voluntários e o vai-vem de jovens em missão. Da minha experiência acho que os jovens missionários merecem ainda uma maior atenção e acompanhamento por parte das dioceses (pastoral juvenil e universitária) pois tive conhecimento que alguns deles, após meses e até anos de experiência fora de Portugal, ao regressar não se conseguem “integrar” nas paróquias onde estudam ou trabalham, de modo a transmitir e comunicar a sua vocação missionária à comunidade.

1.3. O deficit vocacional que perdura e o crescente envelhecimento dos agentes missionários (refiro-me particularmente aos europeus) tem tirado vigor, ardor e “fantasia” ao anúncio da Boa Nova do Reino. Têm levado as Congregações e as Dioceses a

uma mais cuidada atenção sobre a própria estrutura interna e sobre outras estruturas externas que, cumpriram ontem a sua missão de apoio seguro e necessário à acção missionária da Igreja com muita eficácia e pujança. De facto, são muitas as nossas obras missionárias em transformação, em busca de outra utilidade pastoral, em fase de entrega às dioceses de lá e de cá porque se encerrou um ciclo da acção missionária portuguesa e europeia.

O dar e o receber que anima intimamente a cooperação missionária na Igreja permanece o dinamismo vital do anúncio da Boa Nova do Reino. A Missão è uma realidade fundamentalmente “relacional”. Consiste numa “relação salvífica/libertadora” entre iguais, a começar no testemunho de fraternidade das nossas comunidades religiosas interculturais e a terminar na cooperação efectiva entre as dioceses e as congregações.

Na última década assistimos à diminuição do número dos missionários disponíveis a partir para as “terras de missão” (da lusofonia e outras) e para as “Comunidades Portuguesas” dispersas no mundo. Revelo-vos que também não tem sido fácil encontrar missionários para a evangelização dos imigrantes e suas famílias em Portugal, num período em que várias comunidades exigem maior organização e estruturação da sua vida de culto, caridade, associativa e defesa dos direitos humanos. Todavia, esta carência de pessoal – operadores religiosos e religiosas - tem “rasgado” novos espaços de compromisso para os leigos e jovens, apesar de ainda serem compromissos apenas de carácter provisório e temporal.

Não obstante a emergência social e muita irregularidade do fenómeno migratório, continuamos, fiéis ao Evangelho do Reino, a promover junto das comunidades cristãs, da sociedade civil e nos centros académicos, uma visão positiva das migrações internacionais e a anunciar uma esperança fundada na etapa “inquiete-

ta” de transição e mutação cultural que o nosso país está a viver de maneira crítica, inserido na Europa e África. Um continente não se entende sem o outro nas suas luzes e sombras!

2. VIVER A MISSÃO

2.1. A nossa fonte: é a experiência de “ser estrangeiro” e a “interculturalidade” vivida simples e quotidianamente por Cristo e, sobretudo, pela Igreja Missionária narrada no Livro dos Actos dos Apóstolos e Epistolário paulino. Que semelhança com a sociedade de hoje: os valores, os contravalores, o dinamismo comunitário, as tensões, as perseguições, a escatologia...!

A consciência bíblica do envio (mandato missionário), as múltiplas pertenças no mesmo e único Cristo universal, a oração solidária e a espiritualidade da passagem (páscoa), a solidariedade e partilha de bens devem continuar a ser metas da pedagogia levada a cabo pela animação missionária em Portugal. O Evangelho proclama uma santidade “missionária”: para todos, mesmo se estrangeiros e gentios!

2.2. O âmago da minha intervenção: As migrações como caminho para a missão da Igreja – o anúncio explícito de Jesus Cristo! - e como realidade social repleta de humanidade e diversidade são “desafio missionário” que renovam o processo de evangelização “nova” e a vida quotidiana das comunidades cristãs pela diferença de rito, ecumenismo da oração, diálogo intercultural, pluralismo na unidade e parcerias de defesa da dignidade humana.

Os migrantes, com o seu património cultural e vivência religiosa – sejam os que chegam recentemente a Portugal ou os nossos portugueses/lusodescendentes em diáspora pela Europa

e mundo - são verdadeiros “missionários” junto das sociedades que os acolhem: em geral, sociedades secularizadas, descristianizadas, indiferentes ao fenómeno religioso. Lugares, alguns de raízes cristãs, considerados como as novas “terras de missão” que clamam (re)evangelização! A atitude que melhor evangeliza é aquela que considera os migrantes como actores e não apenas como espectadores. Eles, estando à espiritualidade bíblica, são frequentemente “mensageiros de Deus” e “hóspedes anónimos” de uma nova cultura de fraternidade a renascer misteriosamente das nossas desilusões, discriminações, racismo, fronteiras, muros e legislações restritivas e minimalistas a respeito dos direitos das pessoas em mobilidade “forçada” por motivos laborais, familiares, climáticos, de segurança ou liberdade.

Outras religiões e confissões religiosas que entenderam a urgência e a oportunidade do “desafio missionário” da mobilidade humana em Portugal e no espaço da CPLP estão, nem sempre da melhor forma, a enfrentá-lo inteligente e ousadamente mediante “campanhas” de proselitismo e expansão bem organizadas (ex. as comunidades evangélicas de cariz pentecostal e os vários patriarcados ortodoxos, até há uma década desconhecidos e inexistentes entre nós).

Os migrantes católicos, com a sua religiosidade popular (mariana), experiência familiar de fé e de comunhão na caridade, aprendida nas tradições e catequeses das suas igrejas de origem são sinal visível e público do específico da fé cristã em contextos sociais secularizados ou onde predominam outras religiões. Refiro-me não apenas aos imigrantes em Portugal (caboverdeanos, angolanos, brasileiros, goeses, timorenses e ucranianos, só para citar aqueles que conheço terem festas periódicas e bem organizadas nos nossos bairros e cidades), mas também aos portugueses e lusodescendentes (com referência especial para os açoreanos, madeirenses e gentes do norte continental) que organizam

em algumas dioceses do estrangeiro as maiores manifestações religiosas das próprias dioceses. Conheço catedrais da Europa e Américas que só se enchem de povo nas festas religiosas em honra de N. Sra. de Fátima, Divino Espírito Santo ou Senhor Santo Cristo dos Milagres.

3. MISSÃO MAIS UNIVERSAL (CATÓLICA)

3.1. As migrações humanas, com as suas diversidades e mobilidades, contribuem para a nova concepção de “missão” (incluindo naturalmente a típica e necessária dimensão “ad gentes”) que a Igreja busca e que tem vindo a reelaborar teologicamente, desde a E.N. (1975). Com a assunção da mobilidade humana como fenómeno estrutural e estruturante das “novas relações” e “múltiplas pertenças culturais” entre povos e igrejas, entre gerações de missionários, estamos diante de uma concepção mais universal, abrangente e eclesiocêntrica da missão da Igreja que se integra no coração das igrejas particulares, ilumina toda a sua acção evangelizadora e renova as estruturas pastorais nos vários continentes.

Entre nós – Igreja na Europa e em Portugal - persiste a necessidade urgente da revisão do conceito de “missão”, mais a nível da pastoral aplicada (mediações, metodologias, pedagogia, pastoral ordinária) do que da formação pastoral (reflexão, teologia, conteúdos, pastoral específica). A meu ver há muita reflexão, mas dificuldade na transmissão desses saberes às comunidades com uma linguagem que cativa as pessoas e grupos para a beleza e surpresas da missão. Parece-me que a animação missionária vive as mesmas dificuldades das outras animações e pastorais da Igreja. Muita e boa formação, mas que não leva à acção profética, à conversão de vida, à militância na cidade, ao serviço dos pobres, à vocação de especial consagração.

Em geral, parece ficar-se pelo adro do encontro pessoal com a pessoa e amizade libertadora de Jesus Cristo, o único e melhor missionário do Pai. Cristo chama para enviar no mundo. E esta omissão missionária, parafraseando a intervenção do senhor Cardeal Patriarca proferida ontem, também – infelizmente! – se vai subtilmente instalando consciente e inconscientemente em nós. As “incertezas tornadas certezas” proclamadas pelos visionários do nosso mundo pós-moderno, em acentuada “crise civilizacional” de valores, de relações e de credos também vão contaminando a nossa radicalidade evangélica e afrouxando o nosso remar contra corrente.

Termino esta terceira parte afirmando algo que para mim é uma forte convicção de vida e apostolado. O conceito de “missão” tem muito a ver com as nossas regras pessoais e práticas de vida (conselhos evangélicos), com a nossa sobriedade comunitária no ter e desejar, e com a nossa fidelidade institucional às prioridades dos Projectos Missionários, decididos em Capítulo e acarinhados pela Igreja. Sem este testemunho pessoal e comunitário de santidade “simple”, “regrada” e “orgânica”, a missão não será comunicação de uma amizade com Deus, da solidariedade com os mais pobres, nem anúncio de um Reino libertador que se esprime e actualiza nas bem-aventuranças proclamadas por Jesus e vividas por nós: seus permanentes discípulos e missionários.

4. RASGAR HORIZONTES

4.1. Com o intuito de ser mais concreto e propositivo apresento algumas sugestões pastorais. A primeira é: favorecer a divulgação, à escala nacional, do modelo pastoral designado por: “A Festa dos Povos”. Informo que metade das dioceses já realizam este evento simbólico de comunhão que pretende, sem presun-

ções gratuitas, aproximar a Pastoral da mobilidade humana da Animação missionária das paróquias e dioceses. E isto porque acho que a Pastoral da Mobilidade humana comunga mais os objectivos da Pastoral Missionária do que os da Pastoral Social, onde parece que alguns teimam em encerrá-la porque vêm as migrações apenas do ponto de vista da pobreza. Acredito que pode tornar-se um modesto e recente contributo ao “trabalho em rede” a nível da animação missionária das dioceses e paróquias. Eis mais uma tarefa para os “Círculos” missionários diocesanos que este Congresso pretende relançar em Portugal.

Os desafios deste evento são evidentemente vários: conhecer o outro, desenvolvendo uma “visão positiva” sobre ele (sua pessoa, cultura, língua, família, religiosidade e gastronomia), agir localmente em redes de proximidade, aproximar lideranças e associações cívicas, aprender a dialogar com diferentes - intercultural, ecuménico, interreligioso – e celebrar a “Missão” ali onde se vive, trabalha e reza, mas sempre abertos a um horizonte solidário e cooperante mais vasto.

Não convém esquecer que são 2/3 da humanidade a desconhecer Jesus Cristo! São 2/3 da minha diocese de... (ex. Setúbal) a desconhecer a pessoa de Jesus Cristo e o seu encanto de vida eterna. Faltam livros simples e sintéticos que apresentem aos baptizados, mas sobretudo aos religiosos não cristãos, a vida e obra de Jesus Cristo. Estes livrinhos (ou outras formas em formato mais mediático) são hoje muito procurados em países de maioria islâmica (ex. Magreb). Eles fazem também falta nos nossos países pós-cristãos para uma apresentação sumária e apaixonada que leve à descoberta pessoal de Cristo, sem o apoio natural das “clássicas” instituições de transmissão da fé que hoje atravessam uma grande crise (que espero transitória!): a família e a escola. É preciso continuar a rasgar caminhos de animação missionária em Portugal – continental, insular e diáspora - e no vasto espaço da

Lusofonia da CPLP, sem esquecer evidentemente outras terras que clamam pela evangelização aliada à promoção e desenvolvimento humanos (ex. Ásia)!

4.2. Alguns sinais de cá e de lá que merecem uma reflexão aprofundada dos nossos Institutos Missionários e Dioceses que revelam uma concepção da “missão” ainda não abrangente, que parece resistir às mobilidades hodiernas, às diversidades incontornáveis, às religiosidades multiformes que marcam estruturalmente o mundo onde vivemos e testemunhamos a nossa consagração a Deus:

ü *De lá para cá.* Congregações missionárias (também ad Gentes), especializadas em África e Brasil, mas que em Portugal pouco se têm empenhado em favor da evangelização das comunidades imigrantes, sejam trabalhadores ou estudantes estrangeiros ou pessoas traficadas...

✓ *De cá para lá.* Igrejas locais jovens, mas já maduras na fé, de onde estão a partir os missionários (europeus) ad gentes e a serem devolvidas muitas estruturas, mas que não compreendem a necessidade e a oportunidade de uma pastoral específica para os migrantes, deslocados ou refugiados (campos de refugiados, capelarias, fronteiras)...

✓ *De lá para cá.* Assiste-se à crescente chegada à Europa, a Portugal de sacerdotes de origem africana, indiana, eslava, brasileira, latino-americana mas, que estão a ser integrados nas estruturas paroquiais (carência de clero indígena), sem que haja o natural aproveitamento da afinidade cultural, linguística e ritual para qualificar o acompanhamento e participação eclesial dos seus conterrâneos imigrantes.

Conclusão

1. Em era de Globalização as migrações humanas internacionais apresentam-se inevitavelmente como caminho de esperança para o desenvolvimento da missão da Igreja - o anúncio de Jesus Cristo a que toda a criatura tem direito! – dirigido de forma abrangente a circuncisos e incircuncisos, a judeus e gregos, a escravos e libertos, a portugueses e caboverdianos, a macuas e timorenses... a cristãos e não cristãos!

2. A mobilidade humana, como realidade social e religiosa repleta de humanidade, diversidade, vulnerabilidade, encontros e desencontros é “desafio missionário” vocacionado para renovar o processo de (re)evangelização (que se pretende “nova”) da Igreja e para fortalecer a vida quotidiana e identidade das comunidades e famílias cristãs através da convivência pacífica de ritos, do espírito de ecumenismo, do diálogo procurado, da estima do pluralismo e conjugação de parcerias favoráveis ao bem comum e à tutela da dignidade humana.

2. Exclusão social

Mário Faria Silva
Espiritano
Centro Padre Alves Correia (CEPAC)

I. Caracterização Institucional

1. Origem

O CEPAC nasceu por iniciativa dos Missionários do Espíritos Santo (Congregação Religiosa), em 1992. O nome é uma homenagem ao Sacerdote Espiritano – Padre Alves Correia (1886-1951), defensor dos “pobres e oprimidos”, lutador dos Direitos do Homem e da Justiça Social.

2. Estatuto Jurídico

O Centro Padre Alves Correia é uma Instituição Particular de Solidariedade Social sem fins lucrativos, com personalidade jurídica do foro canónico e civil;

3. Finalidades

- Promover a integração social dos imigrantes;
- Apoiar socialmente, a vários níveis, imigrantes irregulares, tentando viabilizar a sua legalização e posterior integração;

- Ajudar os doentes, oriundos dos PALOP's, que vieram para Portugal ao abrigo dos acordos de saúde (doentes deslocados) e que, na sua estadia no nosso país, ficam desamparados pelas respectivas autoridades consulares;
- Informar e sensibilizar a opinião pública sobre os problemas específicos da Imigração.

II. Intervenção Social no CEPAC

1. Utentes do CEPAC em Março de 2008

ESTATUTO "LEGAL"	%
Estada Temporária (Doentes dos PALOP's)	56,4%
Cidadãos Irregulares	39,3%
Cidadãos c/ Autorização de Residência	3,6%
Cidadãos c/ AR por questões Humanitárias	0,4%
Cidadãos Portugueses	0.3%

- Grande percentagem de Doentes Deslocados (56%) ... Quantos regressam?
- Cidadãos Irregulares são a segunda grande fatia: 39%...
- 4% são portadores de Autorização de Residência, mas com problemas vários, sobretudo de pobreza absoluta...

Conclusão

Ao CEPAC acorrem imigrantes com problemas, desintegrados e sem estatuto de cidadania.

2. A Intervenção Directa (com o Utente) no CEPAC

População imigrante

Objectivos Gerais:

- Integrar na sociedade portuguesa;
- Promover o retorno ao país de origem, nos casos em que a regularização não é possível.

Objectivos Específicos:

- Partilhada do diagnóstico;
- Projecto de intervenção individual contratualizado;
- Promoção de apoio integrado;
- Intervenção assistencialista breve;
- Avaliação trimestral da intervenção por utente;
- Clarificação aos utentes das exigências legais para permanecer em Portugal e as consequências do seu incumprimento.

Doentes Deslocados

Objectivos Gerais:

- Promover a auto-subsistência dos utentes que possam trabalhar;
- Responsabilizar as autoridades consulares dos países em causa.

Objectivos Específicos:

- Elaboração partilhada do diagnóstico e do projecto de intervenção individual contratualizado;
- Integração no mercado de trabalho dos acompanhantes;
- Avaliação trimestral do projecto de intervenção de cada utente;
- Sensibilização dos utentes para que regressem no final do tratamento;
- Colaboração com as autoridades consulares dos Países dos utentes.

3. A Integração como Meta Final

Grande Prioridade: A INTEGRAÇÃO

Para isso, insistência na:

- Legalização;
 - Integração no Mercado de Trabalho (53%);
 - Criação do próprio emprego ou negócio (quando é possível!)
- (4 projectos aceites pelo Microcrédito).

4. Valências do CEPAC

- Gabinete Social: Assistente Social, Estagiários e Director Técnico;
- Apoio Médico: 2 Médicos voluntários;
- Apoio Medicamentoso: 1 Farmacêutica voluntária;
- Apoio de Enfermagem: 1 Enfermeira voluntária;
- Apoio Jurídico: 3 Advogadas voluntárias;
- Distribuição de Roupa: 1 Espiritana; 1 POC; 3 voluntárias;
- Distribuição de Alimentos: 1 Colaborador; 2 voluntárias; Postulantes Esiritanos;
- Equipa de Rua: 1 Espiritana, 6 voluntários;
- UNIVA (Procura de emprego): 1 Colaboradora;
- Microcrédito: ligado à UNIVA;
- Revista CAIS.

5. Originalidade da Intervenção

Intervenção integrada:

- Conhecimento do trabalho de eventuais parceiros próximos (áreas de intervenção e área geográfica);
- Grande aposta nas Parcerias formais e informais;
- Voluntários qualificados;

- Não duplicação de respostas sociais;
- Visitas domiciliárias que permitem a passagem dos pedidos manifestos aos pedidos latentes.
- Projectos Individuais de Intervenção, devidamente discutidos com os interessados;
- Inserir na Instituição desintegrados.

3. Transmissão da fé

Maria do Céu Costa

Movimento dos Focolares

(Obra de Maria)

O Movimento dos Focolares teve o seu início em 1943, em Trento (Itália), quando Chiara Lubich no clima de ódio e violência da II Guerra Mundial, perante o desmoronar de tudo à sua volta, descobre Deus como o único ideal que não passa. Com um primeiro grupo de amigas, nos refúgios, durante os bombardeamentos, encontram nas palavras da Evangelho uma luz nova: Deus é amor! Descubrem no mandamento do amor recíproco o coração do Evangelho; no testamento de Jesus «que todos sejam um» o plano divino de unidade universal e a finalidade das suas vidas; em Jesus crucificado, que grita o abandono do Pai, o segredo para recompor a unidade em todos os âmbitos. Desta experiência de vida evangélica no dia-a-dia nasce uma espiritualidade marcadamente comunitária, que dá origem ao Movimento dos Focolares.

(breve aceno ao encontro pessoal com Deus)

É de facto a dimensão comunitária, colectiva, que caracteriza a vida e a conseqüente acção das pessoas ligadas ao Movimento dos Focolares. Nasceu assim e foi-se compondo assim. É esta a característica deste carisma, chamado – juntamente com os outros carismas – a ser «resposta providencial aos desafios do nosso tempo» (João Paulo II no I Encontro Mundial de Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, Roma, Pentecostes 1998). A primeira comunidade de Trento, composta por pessoas atraídas pelo testemunho de vida cristã daquele pequeno grupo de raparigas (passados pou-

cos meses eram já 500 pessoas, de todas as idades e condições sociais), sentia-se impelida a encontrar-se para se animarem reciprocamente, para partilharem as dores e as alegrias, para acudirerem às necessidades de quem mais precisava. Sem uma grande formulação teórica – ou talvez mesmo sem nenhuma! – era a experiência concreta da presença de Deus em cada um e entre todos a fazer dela uma comunidade viva e irradiante.

A difusão que se seguiu, um pouco por todo o mundo, manteve estas características.

O Movimento foi-se compondo em todas aquelas realidades que hoje o constituem (membros, aderentes, ramificações, etc.) sem no entanto perder a dimensão de «comunidade» que caracteriza a presença dos seus membros e aderentes numa determinada localidade ou região. Ao mesmo tempo, a espiritualidade que o anima foi-se definindo nos seus vários pontos e aspectos, todos eles caracterizados pela dimensão comunitária de que falávamos antes.

Vejam apenas alguns dos pontos desta espiritualidade da unidade e como cada um deles nos ajuda a levar a unidade aos ambientes onde os encontramos.

A vontade de Deus.

Se Deus nos ama imensamente, queremos responder procurando ama-Lo imensamente. E como? Fazendo a Sua vontade. Desde o início do Movimento representamos o nosso modo de viver a vontade de Deus com a imagem do Sol, com os seus raios. Deus é como o Sol, os raios são a Sua vontade especial sobre cada um. Se caminharmos no nosso raio da vontade de Deus aproximamo-nos do Sol que é Deus e quanto mais nos aproximamos do Deus, mais os aproximamos entre nós, até sermos uma coisa só.

O amor ao próximo

Caminhando na vontade de Deus, caminhamos em Deus que é Amor. A Sua vontade é portanto que também nós amemos: que o amemos a Ele com todo o coração, mente e forças e ao próximo como nós mesmos. Aliás, intuiu-se desde o início do Movimento que o amor era o centro da mensagem cristã e era, portanto, um dever absoluto colocá-la em prática. Segundo a nossa espiritualidade da unidade, vai-se até Deus precisamente amando o irmão: Eu – o irmão – Deus. Começou-se por amar os pobres mas depressa se compreendeu que se devia amar todos. Como? Fazendo-nos um com cada pessoa que encontrarmos: partilhando os seus sentimentos, carregando os seus pesos, compreendendo os seus problemas e procurando solucioná-los como se fossem nossos. O amor vivido assim, mais cedo ou mais tarde torna-se recíproco.

O amor recíproco

Do amor ao próximo teve origem entre as primeiras focolarinas o amor recíproco, o fulcro do Evangelho: «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei» (Jo 13,34).

Aquele “como Eu vos amei”, vivido à letra com a disposição declarada de estar prontas a dar a vida umas pelas outras, a ceder tudo em favor dos irmãos, como fez Jesus no abandono, onde por nós perdeu até a Sua união com Deus, tornou-se o preceito característico da espiritualidade colectiva, pois continha não só a reciprocidade, mas também a unidade que ela exige.

A unidade é uma graça que Jesus pediu ao Pai: «Que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti... Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade» (Jo 17,21-23). A nossa parte é prepararmo-nos para a receber amando-nos uns aos outros.

Jesus no meio

Jesus disse: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles.» (Mt 18,20). Devemos ser pelo menos dois para o termos entre nós. E devemos de ser duas pessoas unidas no Seu nome que quer dizer no Seu amor.

Esta presença de Jesus é de uma actualidade surpreendente. Sabemos que frequentemente é muito difícil falar de Jesus, porque estamos num mundo onde tem valor o que se vê, se toca, se sente. Mas se nós, pelo amor recíproco entre famílias, jovens, adultos, crianças, tivermos Jesus no nosso meio muitos poderão encontrá-lo vivo hoje, que caminha connosco, poderão experimentar a Sua presença. E Jesus entre nós é a nossa Luz, a força, a coragem, a plenitude. Com Ele cada aspecto da nossa vida tem sentido.

Palavras vivas para sermos uma coisa só.

Desde o início do Movimento o procurar entender a vontade de Deus como resposta ao Seu Amor levou a uma redescoberta da Sua Palavra. Aquelas frases da Escritura muitas vezes já conhecidas pareciam adquirir uma luz nova. Fez-se a experiência de Palavras vivas, actuais que se podiam pôr em prática. E de facto ainda hoje assim acontece. É prática dos membros do Movimento, mas também de muitas outras pessoas, aderir à “Palavra de Vida”: uma frase da Escritura comentada e explicada com testemunhos que todos procuram pôr em prática naquele mês.

Mas não é suficiente que cada um as viva por si só. A comunicação recíproca da vida da Palavra em nós potencia os efeitos da Palavra, provocando uma evangelização tanto a nível pessoal como da comunidade, para além da consequente irradiação.

Concretizações

A principal «concretização» desta espiritualidade que deu vida ao Movimento dos Focolares é talvez aquela menos visível. O encontro com Deus que constituiu para muitos dos seus membros o início de uma vida nova, vivida lado a lado com outros irmãos e irmãs, e assim continuamente iluminada e reforçada; a influência desta vida nova nos ambientes onde se encontram, pessoalmente ou em pequenos grupos, e que raramente passa por grandes concretizações... Tudo isto é, digamos assim, «pouco apresentável» para um mundo onde a realização do «eu» está muitas vezes acima de qualquer outra dimensão da vida. Porém, para nós, não restam dúvidas de que passa também por aqui, pela vida do dia-a-dia pautada pela tensão ao amor cristão, a renovação da nossa sociedade.

Mas sem dúvida os Focolares podem referir também muitas concretizações de dimensão mais ampla, e agora gostaríamos de ilustrar apenas algumas. São iniciativas, projectos, que, também estes, devem ser vistos à luz da dimensão comunitária, colectiva, de que falámos antes.

EdC

O Projecto Economia de Comunhão foi lançado em 1991. Durante uma visita ao Brasil, e à vista das favelas dos arredores de São Paulo que o Cardeal Arns definiu como a «coroa de espinhos» da cidade, Chiara Lubich intuiu que para a solução deste dramático problema não era suficiente a comunhão de bens entre as pessoas, mas que era precisa uma nova cultura de partilha, aquela que foi depois designada como «cultura do dar». Lançou assim o Projecto EdC, que tem por base empresas, geridas de forma competente, que põem à disposição os lucros gerados com vista a: dinamizar a própria empresa; formar pessoas a esta

«cultura do dar»; ajudar os mais necessitados. Ao mesmo tempo, a vertente académica do Projecto procura aprofundar, nos vários âmbitos da teoria económica e social, as dimensões desta experiência. São mais de 700 as empresas que em várias partes do mundo aderiram à Economia de Comunhão.

Run4unity

O Run4unity é uma iniciativa lançada há 3 anos pelos adolescentes dos Focolares em todo o mundo. Partilhando o objectivo comum de todo o Movimento em contribuir para um mundo unido, estes jovens idealizaram e dinamizaram uma corrida mundial por estafetas, onde cada fuso horário corresponde a uma etapa. Assim o Run4unity inicia nas ilhas do Pacífico Sul e vai passando pelos vários fusos horários até chegar ao Havai. Este ano a hora estabelecida era as 16:00. Os participantes nas várias localidades de um determinado fuso horário procuravam estabelecer com os do fuso anterior, via telefone ou internet, um contacto que assinalasse a passagem de testemunho. Ao mesmo tempo, durante todo o dia era possível acompanhar no *site* do evento as imagens enviadas pelas várias localidades onde ia sendo feito o Run4unity. Esta iniciativa, mesmo sendo promovida pelos adolescentes dos Focolares, era aberta à participação de qualquer pessoa de qualquer idade que partilhasse este ideal de um mundo unido!

Dado do Amor

Também as crianças fazem uma experiência de vida em Deus, e conseqüentemente experimentam o mesmo zelo apostólico! Referimos aqui uma iniciativa, o Dado do Amor, que conquistou uma grande adesão e é instrumento de irradiação sobretudo da parte das crianças. Trata-se de um dado, onde em cada face está indicada uma característica do amor cristão (sermos os primeiros

a amar, amar todos, amarmo-nos uns aos outros, amar os inimigos....) A proposta é a de, todos os dias, lançar o dado e viver a frase que sair. É até comovente ver, por exemplo, turmas inteiras nas escolas onde foram as próprias crianças a envolver professores e colegas nesta dinâmica de «lançar o dado».

Cidadelas

Uma das concretizações mais importantes são as cidadelas. Assim chamadas por constituírem «pequenas cidades», são a concretização de um sonho de Chiara Lubich: dar vida a pequenos centros de convivência, com todas as características de uma cidade moderna, onde todos os seus habitantes se empenham a viver, 24 horas por dia, o Mandamento Novo. A primeira destas cidadelas surgiu na década de 60, em Loppiano, Itália (arredores de Florença) e conta hoje com mais de 800 habitantes. As cidadelas são actualmente 35 em todo o mundo, e como veremos a seguir uma delas é em Portugal.

Diálogos

Uma palavra apenas sobre os Diálogos, que de formas diversificadas estão presentes em todas as iniciativas dos Focolares. De facto, sendo a finalidade específica do Movimento a unidade de toda a família humana, e na sequência da metodologia indicada pelo Concílio Vaticano II, o Movimento dos Focolares fez própria a ideia do diálogo como método de evangelização, diálogo este articulado nas 4 vertentes: no seio da Igreja Católica; com as outras Igrejas Cristãs; com os fiéis de outras religiões; com todas as pessoas que, não tendo uma referência religiosa, partilham os valores fundamentais da pessoa humana. Para além da formação à abertura aos diálogos dos seus membros, o Movimento tem

vindo a realizar iniciativas de relevo internacional neste campo, com resultados muito promissores.

Em Portugal:

Mariápolis, Jornadas, Encontros da Palavra de Vida, Cidadela, 1º de Maio

E em Portugal? Para nos limitarmos a um breve aceno, podemos talvez referir aquelas iniciativas regulares que, à semelhança do que acontece também nos outros países, caracterizam a dimensão pública de irradiação do Movimento.

- As Mariápolis, encontros de vários dias onde é apresentada a espiritualidade do Movimento através da proposta de vida concreta (já ali!) dos seus aspectos centrais. Nas Mariápolis participam pessoas de todas as idades que juntas fazem esta experiência de unidade.

- As Jornadas, encontros de um dia com vista à divulgação da espiritualidade da unidade e das principais iniciativas dos Foculares.

- Os Encontros da Palavra de Vida, encontros abertos, realizados nos mais variados locais (em Lisboa, por exemplo, é feito na capela do Centro Comercial das Amoreiras), onde é proposta a Palavra de Vida da forma referida anteriormente.

- A Cidadela, iniciada há 11 anos nos arredores de Abrigada (Alenquer), e que como todas as cidadelas quer ser por si mesma um testemunho e um centro de irradiação da vida evangélica. Conta actualmente com 35 habitantes (entre os quais nós!) e ali funciona também o centro nacional do Movimento, assim como o centro de formação para as várias ramificações.

- O 1º de Maio! Há 6 anos os jovens do Movimento tiveram a ideia de fazer uma Jornada na Cidadela para a qual convidar outros jovens. Uma Jornada moderna, atraente, onde através das

músicas, dos workshops, dos fóruns, etc. pudessem testemunhar a sua vida. Com grande surpresa, estiveram presentes 800 jovens! Desde então tem sido uma data constante, que tem visto chegar à Cidadela, vindos de todo o país e também de fora, grupos de jovens das mais variadas proveniências. Conta habitualmente com cerca de 1.500 participantes.

Esperamos assim ter dado uma ideia sobre a espiritualidade da unidade e alguns testemunhos de evangelização do Movimento dos Focolares que nela teve origem. Certamente muito ficou por dizer... Teremos no entanto ainda o momento de debate, no qual continuaremos à disposição para continuar esta comunhão.

ANEXO 2

Experiências Missionárias nas Igrejas Locais

Workshop por Dioceses

Síntese das respostas apresentadas em Plenário

Secretariado

1. Realidade vivida em cada Diocese

O Encontro por Dioceses foi um dos momentos mais originais deste primeiro Congresso Missionário em Portugal. Foi um espaço que permitiu muita partilha e melhor conhecimento mútuo. Os congressistas ficaram a saber como a Missão corre pelas veias dos cristãos por este país acima e abaixo e, também, o muito que há a fazer para que em Portugal se rasguem horizontes novos de Missão.

A vivência do Outubro Missionário é já uma realidade visível em boa parte das Comunidades, seguindo bastantes delas o Guião 'Outubro Missionário'.

Todos os grupos referiram a existência de Movimentos Missionários muito activos, que apostam na oração, na formação, no compromisso missionário e no desenvolvimento de missões e campanhas solidárias. A Animação Missionária feita pelos departamentos diocesanos e pelos Institutos Missionários Ad Gentes também foi mencionada por todos como algo de muito positivo. Foi ainda realçado o movimento crescente do voluntariado missionário, com um número significativo de jovens e menos jovens que partem em Missão para fora do país. Alguns congressistas referiram, igualmente, o envio de padres diocesanos lá para fora, como sinal da vitalidade missionária das dioceses e como riqueza, sobretudo percebida na hora do seu regresso. Foi citada a geminação de Leiria-Fátima com

a Diocese do Sumbe (Angola) como exemplo a ser seguido por outras Dioceses. Há também numerosas Paróquias geminadas com outras do espaço lusófono.

São numerosas e geradoras de muita esperança, as experiências missionárias de grupos de jovens, durante um ou dois meses, em África, Timor ou Brasil. Também se realizaram Semanas de Missão cá em Portugal, envolvendo jovens.

Algumas Dioceses dão os primeiros passos na dinamização da Infância Missionária e reforçam a formação missionária dos futuros padres, bem como dos leigos mais comprometidos na pastoral. Alguns dos presentes salientaram a excelente relação entre párocos e missionários provenientes das paróquias de que são responsáveis.

O Peditório no Dia Missionário Mundial é o que dá mais em quase todas as Paróquias do país e o Peditório de Rua, embora seja muito difícil de fazer, constitui um testemunho muito forte para quem o faz e dá visibilidade á Missão da Igreja.

Quando o Bispo faz a Visita Pastoral ás Comunidades, os apelos à Missão são constantes. Muitos Bispos decidem distribuir a 'Renúncia Quaresmal', toda ou em parte, por Dioceses da lusofonia africana ou Timor.

Há Dioceses que decidiram avançar com projectos missionários fortes, como foi o caso de Lisboa (2005) e Porto (2010).

2. Propostas para o futuro

Os congressistas apontaram muitas propostas para que a Missão aumente de intensidade e qualidade em Portugal. Pediram a criação de mais estruturas de apoio á Missão e o funcionamento mais eficiente dos Departamentos Diocesanos da Missão.

Foi pedida mais coordenação entre os Institutos Missionários, as Dioceses e as Paróquias no que respeita a iniciativas de Animação Missionária.

Há urgência de uma melhor formação missionárias dos diferentes agentes de pastoral, desde os Padres e Religiosos/as aos leigos mais comprometidos (cadeira de Missiologia na Universidade católica, formação missiológica nos Seminários e Casas Religiosas bem como nos Cursos de Ciências Religiosas e Catequéticas). O Curso de Missiologia, realizado anualmente em Fátima, em princípio no mês de Agosto, poderá ser mais participado.

O 'Outubro Missionário' poderá ser ainda melhor vivido nas Comunidades Paroquiais, beneficiando do Guião e de todos os outros subsídios produzidos pelas OMP e Institutos IMAG. O Pedido de Rua deveria ser tomado mais a peito, apesar das dificuldades conhecidas.

É importante apostar na Infância Missionária, obra que tem sido pouco valorizada, com prejuízo para o crescimento missionário das crianças.

Há que continuar a apoiar os grupos missionários que já existem nas Paróquias e criar condições para o nascimento de outros.

Os Planos de Pastoral das Dioceses poderão fazer constar ainda mais a dimensão missionária, propondo iniciativas a concretizar dentro e fora dos muros diocesanos.

Podem-se criar mais espaços para a partilha das experiências missionárias realizadas por Padres, Religiosos/as e Leigos.

Será de grande utilidade o 'Observatório Missionário' a lançar em Portugal, o mesmo se diga do 'Banco de Leigos Voluntários Missionários', abertos a uma colaboração na vida pastoral das comunidades.

Há que aprofundar a ligação entre a preparação, a missão e o regresso dos Leigos Voluntários Missionários.

Há que abrir mais as Dioceses à 'libertação' de alguns dos seus Padres para que partam em Missão 'Ad Gentes', aproveitando a sua experiência após o regresso.

Não se pode descurar a Missão que passa pelos Meios de Comunicação Social, este primeiro areópago dos tempos modernos (RM 37).

Investir fortemente na formação dos líderes dos movimentos e grupos missionários, com uma teologia da Missão que corresponde à Eclesiologia actual.

Será oportuno o aumento do número de geminações entre paróquias e /ou Dioceses.

Sente-se necessidade de atribuir uma importância maior ao testemunho dos missionários que passam por Portugal, bem como é importante acolher bem os agentes de pastoral estrangeiros que cá trabalham e as populações imigrantes que vivem connosco.

São muitos os turistas que nos visitam e merecem uma preocupação missionária da parte da Igreja em Portugal, com propostas celebrativas e evangelizadoras.

A opção pelos mais pobres obriga-nos a uma pastoral missionária que integre os excluídos e marginalizados. É bom que as Dioceses mantenham o princípio de dedicar as renúncias quaresmais a uma Diocese pobre e/ou a projectos missionários e solidários.

É urgente dar cada vez mais corpo à convicção exposta por D. António Couto de que a Missão não é opcional, mas uma obrigação para todos os cristãos e não há tempo a perder, porque 'a missão é inadiável'.

Reportagem Fotográfica

João Cláudio Fernandes

Secretário OMP



















Índice

Apresentação..... 13

Pe. Manuel Durães Barbosa, CSSp

Secretário do Congresso

**A Missão e as incertezas
do mundo contemporâneo 17**

D. José Policarpo

Cardeal Patriarca de Lisboa

**Situações Ad Gentes
na Igreja em Portugal..... 33**

D. António Couto

Bispo Auxiliar de Braga

Presidente da Comissão Episcopal Missões

**Portugal:
o desafio dos valores 55**

Dra. Maria José Nogueira Pinto

**Os novos caminhos
da Missão Ad Gentes 69**

José Ornelas Carvalho

Superior Geral /Dehonianos

**A Missão
no coração da Igreja local..... 101**

Professor Doutor João Duque

Universidade Católica Portuguesa /Braga

A Missão que sonhamos: a partilha de “tesouros” das Igrejas irmãs	119
<i>D. Lúcio Andrice Muandula</i>	
<i>Bispo de Xai-Xai</i>	
<i>Secretário da Conferência Episcopal de Moçambique</i>	
Os novos espaços dos Leigos na Missão Ad Gentes	145
<i>António Vaz Pinto</i>	
<i>Jesuíta</i>	
Linhas de acção para o futuro da Missão em Portugal	155
<i>D. Manuel Quintas</i>	
<i>Bispo do Algarve</i>	
<i>Presidente da Comissão Episcopal Missões</i>	
<i>(Até Abril de 2008)</i>	
Missão universal e Igreja Local	181
<i>D. Jorge Ortiga</i>	
<i>Arcebispo de Braga</i>	
<i>Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa</i>	
Conclusões	199
ANEXO 1	213

Painel:

Testemunho da missão na Igreja em Portugal

Mundo da mobilidade, exclusão social

e transmissão da fé 215

Diversos convidados: Rui Pedro /

Mário Faria Silva / Maria do Céu Costa

1. Mundo da mobilidade 217

Rui Pedro

Scalabriniano

2. Exclusão social 231

Mário Faria Silva

Espiritano

Centro Padre Alves Correia (CEPAC)

3. Transmissão da fé 239

Maria do Céu Costa

Movimento dos Focolares

(Obra de Maria)

ANEXO 2 251

Experiências Missionárias nas Igrejas 253

LocaisWorkshop por Dioceses

Síntese das repostas

apresentadas em Plenário 255

Secretariado

Reportagem Fotográfica 261

